



**-INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

**NARRATIVAS FEMININAS DE RESISTÊNCIA E CRÍTICA SOCIAL NA
LITERATURA DE BERNARDINE EVARISTO**

INÊS COUTO MACEDO FERREIRA

Foz do Iguaçu
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LITERATURA COMPARADA (PPGLC)**

**NARRATIVAS FEMININAS DE RESISTÊNCIA E CRÍTICA SOCIAL NA
LITERATURA DE BERNARDINE EVARISTO**

INÊS COUTO MACEDO FERREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Lorena Rodrigues Tavares de Freitas

Foz do Iguaçu
2024

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento de Informação
Catálogo de Publicação na Fonte UNILA – BIBLIOTACA LATINO-AMERICANA - PTI

F383n

Ferreira, Ines Couto Macedo.

Narrativas femininas de resistência e crítica social na literatura de
Bernardine Evaristo / Ines Couto Macedo Ferreira. - Foz do Iguaçu, 2024.
102 fls.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Pólo Universitário,
Pós-Graduação em Literatura Comparada.

Orientador: Lorena Rodrigues Tavares de Freitas.

1. Feministas negras. 2. Literatura inglesa. 3. Estudos interculturais.
4. Mulheres - Identidade. 5. Evaristo, Bernardine, 1959. I. Freitas, Lorena
Rodrigues Tavares de. II. Título.

CDU 305-055.2

INÊS COUTO MACEDO FERREIRA

**NARRATIVAS FEMININAS DE RESISTÊNCIA E CRÍTICA SOCIAL NA LITERATURA
DE BERNARDINE EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof.^a Dr.^a Lorena Rodrigues Tavares de Freitas
UNILA

Prof.^a Dr.^a Livia Santos de Souza
UNILA

Prof.^a Dr.^a Edinélia Maria Oliveira Souza
UNEB

Foz do Iguaçu, 12 de abril de 2024.

AGRADECIMENTOS

Antes de entrar no mérito principal, desejo expressar minha gratidão a Deus por me conceder a vida que tenho hoje. Também quero agradecer ao meu filho, que tem sido meu fiel companheiro nesta jornada, sempre me incentivando a persistir na escrita. Minha mãe, uma mulher forte, merece um reconhecimento especial. Desde a juventude, ela desafiou as normas do sistema e demonstrou à sociedade que era possível criar dois filhos como mãe solteira nos anos 70. Ela nos ensinou desde cedo que a vida não seria fácil; ela sempre disse que as dificuldades que enfrentamos não se resumem apenas a sermos corretos em nossas atitudes vai além disso. Infelizmente, hoje podemos ver nos olhos dela a dor que enfrentou em sua jornada. Em memória ao meu irmão, que não teve a oportunidade de compartilhar comigo a alegria de concluir meu mestrado, guardo com carinho suas lembranças. Tenho certeza de que ele estaria feliz com a minha conquista.

Claro, minha própria trajetória de vida me conduziu por um caminho longo até aqui. Entendi que há várias formas de resistência que me permitiram não desistir, que me permitiram cometer erros, arriscar novos caminhos, planejar, revisar e, acima de tudo, me preparar para minha formação.

Quando reflito sobre todas as pessoas a quem desejo expressar minha gratidão por suas valiosas contribuições tanto em forma de sugestões de leituras, orientações na escrita, revisões e como em forma de *insights* para aprimorar minha dissertação de mestrado, percebo quão significativas essas contribuições foram para o desenvolvimento da minha pesquisa no Programa de Pós-graduação em Literatura Comparada da UNILA. Afinal, é nesse processo de construção e desconstrução que o refinamento da escrita emerge.

A primeira pessoa que merece destaque é minha orientadora, a Dra. Lorena Rodrigues Tavares de Freitas. Sem as orientações cuidadosas que ela forneceu, sua inspiração intelectual e generosidade, minha dissertação jamais teria sido concluída. Além disso, suas palavras sobre a importância de as mulheres compreenderem verdadeiramente seu valor e cultivarem autoconfiança tiveram um impacto profundo para o aprimoramento da escrita.

Meu contato com a Dra. Lorena teve início em 2021, quando me matriculei como aluna especial no mestrado em Literatura Comparada e participei de sua disciplina "NARRATIVAS FEMINISTAS, RESISTÊNCIAS E SUAS RESSONÂNCIAS NA LITERATURA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA". Foi a partir desse momento que

começou a minha jornada para reconhecer as décadas de marginalização das mulheres e a naturalização das opressões que enfrentamos. O olhar inocente que lançávamos sobre essas situações, que considerávamos normais, desmoronou quando percebi que, desde a infância até a idade adulta, a vida é marcada por violência, preconceito, abuso e desrespeito, tudo isso decorrente das divisões de classe, raça e gênero.

A literatura desempenhou um papel transformador e contínuo em minha vida. As obras recomendadas retiraram as vendas dos meus olhos, permitindo-me enxergar o valor de uma boa leitura. Ao ler obras de autoras como Judith Butler, Silvia Federici, Simone de Beauvoir, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez fui capaz de me fortalecer e transcender limites que antes julgava intransponíveis. Todas essas leituras, especialmente as de Bernardine Evaristo, contribuíram para que eu nunca desistisse e, ao contrário, buscasse aprender e compreender a força inerente à mulher na luta por espaços historicamente negados.

Diante de tudo isso, minha gratidão é imensa, pois entendi que nenhuma de nós está desprovida de valor. Admiro essas mulheres, não apenas por seu caráter, postura e profissionalismo diante das adversidades do mundo, mas também por suas notáveis habilidades, sabedoria e tenacidade em abordar temas essenciais para o envolvimento de intelectuais negras na pesquisa.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão aos docentes do programa, cujas estratégias, métodos e amizades me instigaram a ir além da superficialidade na pesquisa. Em especial, desejo destacar a professora Débora Cota e o professor Emerson Pereti, que compartilharam de maneira detalhada e minuciosa os caminhos para meu crescimento acadêmico e aprimoramento na escrita. Não posso deixar de mencionar o professor Antonio Rediver Guizzo, cuja avaliação crítica e *feedback* construtivo foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho.

Nesse percurso, encontro inspiração nas palavras de Bernardine Evaristo em seu livro “Manifesto: sobre nunca desistir”. Ela nos lembra da importância das dicas de especialistas e da correção de erros como ferramentas para o crescimento intelectual, incentivando-nos a melhorar em colaboração com os outros.

Além disso, sou grata à docente Mariana, que, com toda a sua sabedoria, tem contribuído significativamente para meu crescimento, especialmente como professora na rede pública de Foz do Iguaçu. Reconheço o papel essencial de cada membro do corpo

docente, sabendo que todos desempenham um papel crucial na formação de seus acadêmicos.

Por fim, estendo meus agradecimentos aos meus colegas do Programa de Literatura Comparada de 2022. Cada um de vocês contribuiu de maneira valiosa para o meu crescimento como acadêmica e pesquisadora. Também a minha diretora Cática Gadonski por me apoiar na pesquisa.

Existe um manifesto em cada um de nós, que emerge no decorrer da nossa vida e se transforma & se reconfigura através da nossa experiência. Este é o meu. Todo mundo deveria ter a oportunidade de criar, compartilhar & consumir histórias que reflitam sua cultura & comunidades, para todos nos sentirmos igualmente válidos.

Bernardine Evaristo (2022)

RESUMO

Esta pesquisa realiza uma análise comparativa das representações de mulheres negras na obra "Garota, mulher, outras" (2020) da autora inglesa Bernardine Evaristo. Integrando fundamentação teórica e a obra, a análise dialoga com estudos culturais, baseando-se em Stuart Hall (2013, 2016; 2019), e a produção de intelectuais feministas negras como Lélia Gonzalez (1984), Collins (2016), hooks (2019) e Kilomba (2019). Pretende-se mostrar como a obra de Evaristo faz ecoar uma pluralidade de vozes que representam um conjunto diverso de vivências de mulheres negras a partir da intersecção de raça, gênero e classe social. A análise comparativa realizada neste trabalho busca enriquecer a compreensão dos processos socioculturais de construção da identidade, denunciando a forma como as imagens de controle (Collins, 2026) construídas pelo racismo criam obstáculos para a autonomia das mulheres negras na literatura e na sociedade. Por fim, pretende-se demonstrar como Garota, Mulher, Outras de Bernardine Evaristo se torna um veículo poderoso para explorar e desafiar as estruturas de poder produtoras de violência sexista e racista, oferecendo uma perspectiva crítica que ajuda a compreender a complexidade das experiências das personagens e, por extensão, das pessoas reais que enfrentam preconceito e discriminação.

Palavras-chave: Feminismo negro; Literatura contemporânea; estudos culturais; identidade.

ABSTRACT/ RESUMEN

This research carries out a comparative analysis of the representations of black women in the work "Girl, woman, others" (2020) by English author Bernardine Evaristo. Integrating theoretical foundation and work, the analysis dialogues with cultural studies, based on Stuart Hall (2013, 2016; 2019), and the production of black feminist intellectuals such as Lélia Gonzalez (1984), Collins (2016), hooks (2019) and Kilomba (2019). In contemporary narratives, representations of black women are often marginalized or silenced. Evaristo's work echoes the existing and often silenced voices that represent the experiences of black women based on the concept of race and gender. Furthermore, how comparative analysis enriches the understanding of the construction of identity, the way in which images of control create obstacles to the subjectivation and autonomy of black women in literature and society. The analysis based on feminist theories and cultural studies highlights the importance of amplifying these voices, highlighting neglected experiences. Exploring the contemporary approach to representation and literary identity contributes to discussing the need for diverse perspectives and combating the erasure of subordinate voices in the narrative.

Key words: Black feminism; Contemporary literature; cultural studies

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (OPCIONAL)

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
ILACVN	Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza
ILAESP	Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
ILATT	Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

Sumário	19
INTRODUÇÃO	20
1 TRADUZINDO BERNARDINE EVARISTO	26
1.1 Explorando identidade, raça e gênero na diáspora africana pela literatura britânica	26
1.2 A jornada literária de Bernardine Evaristo	32
1.3 Estética inovadora no romance experimental: “ficção de fusão”	44
2 TRAZENDO À LUZ: AS VOZES DA DIÁSPORA AFRICANA	51
2.1 Vozes da intelectualidade negra	51
2.2 A mulher negra na literatura brasileira um diálogo interseccional com a literatura britânica	61
2.3 Desigualdade racial na literatura brasileira: um olhar sobre a marginalização de autoras negras	67
3 NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA FEMININA EM GAROTA, MULHER, OUTRAS	71
3.1 Carole e Bummi – desafiando narrativas e ecoando vozes de identidades negras.....	71
3.2 Identidade e oportunidades: a narrativa de Carole.....	76
3.3 Uma reviravolta na narrativa da vida de Carole	84
4 Considerações finais.....	98
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

A literatura, nos dias atuais, ecoa vozes que refletem a diversidade de saberes e visões de mundo presentes na sociedade. Ela se transforma e evolui ao longo do tempo, acompanhando as mudanças sociais e culturais. Se historicamente a literatura seguia uma perspectiva eurocêntrica, predominantemente branca e masculina, hoje, com o advento do mundo digital e a ampliação dos horizontes epistêmicos, surge uma literatura de descolonização, que emerge a partir da posição epistemológica dos subalternizados e das subalternizadas (JOAZE, 2015). Atualmente, a literatura tem se aberto para uma ampla diversidade de vozes daqueles e daquelas que, anteriormente, eram socialmente marginalizados/as e sub-representados no campo literário.

Uma literatura de descolonização, produzida a partir do lugar epistêmico da subalternizada, como mencionado, busca romper com a hegemonia cultural de alguns grupos sociais e construir perspectivas diversas na desconstrução do racismo, sexismo e misoginia. Isso envolve a representação de grupos étnicos, raciais, femininos, LGBTQIA+¹ e de outras minorias que antes eram silenciadas ou ignoradas. O mundo digital também tem contribuído para a diversificação da literatura, permitindo que novas vozes e novas perspectivas sejam compartilhadas e ouvidas em um nível global. A literatura pode ser uma forma poderosa de transmitir ideias, histórias e perspectivas, e é essencial que ela reflita a diversidade e a complexidade da sociedade em que vivemos.

A literatura de Bernardine Evaristo é um exemplo disso. O foco deste trabalho é a obra "Garota, mulher, outras" (2020), traduzida por Camila Von Holdefer, que traz inúmeras contribuições pertinentes à representação feminina no contexto britânico e emerge como um guia teórico-metodológico e político para ampliar a compreensão sobre o feminismo negro na Inglaterra. A obra evidencia as contradições enfrentadas por mulheres negras e pessoas não binárias, bem como as imagens estereotipadas concebidas pelo discurso hegemônico em relação aos corpos dessas mulheres, que são confrontados com normas

¹ A sigla LGBTQIA+ usada nesta dissertação utiliza a terminologia atual sobre a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, transgênero, queer, intersexual, agênero, tendo o símbolo + como um termo mais abrangente referente a outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero não explicitas nela. Documentada a terminologia no Manual de Comunicação LGBTQIAPN+ em parceria com Comitê da Equidade de Gênero e Raça TJSE (COMERGE), Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe (TJSE) [https://www.tjse.jus.br/portaldoservidor/arquivos/documentos/espaco-do-servidor/manuais/manual_comunicacao_lgbtqiapn.pdf]. Acesso 23 de nov. 2023]

que simbolizam o poder. A narrativa oferece uma chave epistemológica, social e histórica importante, permitindo a articulação de diferentes dimensões da vida, uma vez que é na "encruzilhada das contradições que as estratégias de mudança podem ser encontradas" (McClintock, 2010, p.36). Ao abordar a questão das mulheres, as estruturas normativas revelam-se como ferramentas arbitrárias para avaliar comportamentos, destacando elementos de desigualdade social, racial e de gênero. Essas estruturas também expõem a falta de políticas públicas e as dificuldades que as mulheres têm (principalmente as mulheres não brancas) de acessar o direito à autonomia sobre o próprio corpo. Essa autonomia é frequentemente alvo de críticas e imposições injustas sobre as mesmas.

"Garota, Mulher, Outras (2020)" é uma obra recente, mas de grande relevância para compreendermos como a literatura escrita por mulheres negras percorreu um longo caminho até ganhar espaço no contexto editorial literário na Grã-Bretanha. Bernardine Evaristo é uma prova viva dos muitos obstáculos que enfrentou para ser reconhecida. Depois de 40 anos de tentativas e erros, é consagrada a primeira autora negra britânica a ganhar o Prêmio Booker Prizer, em 2019.

O interesse pela história africana se tornou um fator determinante em sua escrita, dando visibilidade a personagens esquecidas à margem dos sistemas de ensino, mulheres silenciadas nos espaços domésticos, marcadas pela desigualdade de oportunidades, mães diante da dupla jornada de trabalho e mulheres negras que desafiam as normas heterossexuais e cisgêneras².

Bernardine Evaristo inova na narrativa ficcional ao remodelar a estrutura do romance em uma forma de "ficção de fusão", que combina prosa e poesia, escapando das convenções narrativas convencionais. Essa construção, radical e experimental, mapeia a vida das personagens. Essa abordagem não apenas dialoga com o pensamento feminista negro, mas também oferece uma nova perspectiva na valorização da identidade da mulher negra e na desconstrução das identidades sexuais fixas e heteronormativas.

² A heteronormatividade é uma expressão utilizada para descrever ou identificar um conjunto de normas sociais que definem a cisgeneridade e a heterossexualidade como as únicas formas de identidade de gênero e orientação sexual consideradas normais, naturais e legítimas pela sociedade. Segundo Freitas (2022, p. 264), "é necessário pensar na heterossexualidade como um poder que atua como uma norma, como uma medida e um meio de produzir um padrão comum, um princípio de comparação (BUTLER, 2006) a partir do qual o que é normal e o que não é se produz. Assim, o conceito de heteronormatividade compreende a heterossexualidade como uma norma e se refere não a um conjunto de práticas ou preferências sexuais livremente escolhidas, mas a um regime político (WITTIG, 2006), que se assenta no axioma da diferença sexual e atravessa as relações sociais, produzindo exclusões, subordinações e opressões (CURIEL, 2013)". Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/65176/36646>> Acesso em jan/2023.

Em um artigo publicado no jornal britânico *The Guardian*, em 2020³, Bernardine Evaristo esclarece que o livro *Garota, Mulher, Outras* traz uma narrativa para:

The novelist, who jointly won the Booker last year for her novel *Girl, Woman, Other*, said she was speaking “for all the people who are simply absent from them, or, especially in the not-so-distant past, who are presented as half-brained women to be objectified and fucked, cardboard cut-out working-class or queer stereotypes, criminals”.

Diante de um romance que traz para a sociedade uma escrita que revela como obras de autoras negras e personagens negras sofrem com as barreiras que as impedem de alcançar espaços sociais, a autora também acrescenta que, na academia, muitos estudantes ainda resistem em ler obras de autoras negras. Essa afirmação ecoa o pensamento da ativista feminista negra Pauli Murray, que descobriu que o "*Journal of Negro History*" publicou apenas cinco artigos dedicados exclusivamente às mulheres negras desde sua fundação, em 1916, até 1970 (COLLINS, 2019, p.39). Esse jornal é considerado um veículo oficial de publicação da Associação para o Estudo da Vida e História dos Afro-Americanos (ASALH), sendo uma das mais antigas revistas acadêmicas focadas na história e na cultura africana e afro-americana. Seu objetivo é promover a pesquisa e o estudo sobre a experiência negra no mundo, publicando artigos e ensaios que analisam questões históricas e culturais relacionadas à população negra. No entanto, mesmo em um jornal dedicado à publicação sobre cultura e história afro-americana, as mulheres negras ainda ocupam espaços limitados.

Isso levanta questionamentos cruciais relacionados às mulheres negras na literatura: A representação da mulher negra na literatura não é relevante? Artigos sobre mulheres negras não existem? Como ocorre a seleção de publicações para autoras negras que representam as subalternizadas? Diante dessas inquietações e reflexões, as mulheres negras permanecem invisíveis em diversos espaços, incluindo jornais, artes, cânones literários e, ainda, são limitadas em suas oportunidades de alcançar posições de destaque devido à sua posição socialmente subalternizada e racialmente marginalizada, conforme apontado pela escritora e psicóloga Grada Kilomba no contexto no desmantelar o jogo do poder diante de questões raciais.

³ Article “Bernardine Evaristo slams literature teaching for bias to ‘whiteness and maleness’”. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/books/2020/oct/02/bernardine-evaristo-slams-english-academic-for-bias-to-whiteness-and-maleness>> Acesso em: jan/2024. Tradução: A romancista, que ganhou conjuntamente o prêmio Booker no ano passado por seu romance *Garota, Mulher, Outras* disse que falava por todas as pessoas que povoaram todos os romances publicados no país; que estão simplesmente ausentes deles ou, especialmente, num passado não tão distante, que são apresentadas como mulheres sem cérebro, que servem para serem objetificadas e fodidas, estereótipos da classe trabalhadora ou queer, recortadas de papelão, ‘criminosas’”.

Uma literatura de descolonização tem o potencial de fortalecer a autoconfiança das mulheres negras e de demonstrar como "intelectuais negras podem unir forças para estabelecer bases analíticas cruciais para uma perspectiva alternativa do eu, da comunidade e da sociedade" (COLLINS, 2019, p.32), através de ações individuais e coletivas. No entanto, vale destacar que a seleção de obras de autoras negras é influenciada por um racismo e por preconceitos inconscientes, fatores que resultam na exclusão de vozes negras significativas. A falta de representatividade perpetua a invisibilidade e a marginalização das mulheres negras em diversos âmbitos, incluindo a política, os negócios, a mídia e a literatura.

Com base na perspicaz observação de Lélia Gonzalez (1984, p.225), que afirmou que "como mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar essa reflexão, em vez de continuarmos a reproduzir e repetir os modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais", abre-se espaço para a adoção de uma postura estratégica de autoavaliação e autodeterminação, conforme proposto por Patrícia Hill Collins. Evidentemente, não repetir modelos perante um sistema de opressão significa construir caminhos de visibilidade em espaços sociais nos quais as vozes das mulheres negras possam ecoar livremente, incluindo instituições acadêmicas, literatura, arte, jornais, igrejas, escolas, multinacionais e outros setores.

Em síntese, ressalto que existem poucas pesquisas referentes ao romance "Garota, mulher, outras" (2020) no Brasil. Realizando uma busca no site de Catálogo de Teses & Dissertações – Capes, não foram encontrados, até o presente momento, estudos teórico-acadêmicos que dialoguem com a obra da autora. Ao fazer uma pesquisa no *Google*, foi encontrado apenas um artigo publicado na revista eletrônica Netlli-Macabéa, de autoria de Lucas José de Mello Lopes e Rosanne Bezerra de Araújo, com o título "Descentralização e renovação: Garota, Mulher, Outras, de Bernardine Evaristo, à luz da Teoria Bakhtiniana do Romance". Esse artigo investiga a forma experimental engendrada pela autora e sua significação social em relação às questões contemporâneas de gênero, sexualidade e raça, dialogando com as teorias do romance de Mikhail Bakhtin. Enquanto no Brasil são raros os estudos sobre Bernardine Evaristo, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha existe uma diversidade de autores debatendo sua obra e vida.

A escassez de pesquisas sobre a obra de Bernardine Evaristo, representa um desafio para a pesquisa, mas não é motivo para desistir. Pelo contrário, essa pesquisa pode contribuir para novos estudos sobre uma temática de grande importância para a sociedade

brasileira, promovendo a inserção de uma literatura além das fronteiras das livrarias, alcançando espaços acadêmicos como uma forma de compreender que o "diferente", a "outra", só têm relevância no âmbito de uma hierarquia social excludente.

O foco analítico desta dissertação está na investigação da relação entre a personagem Carole e sua mãe Bummi, no romance de Bernardine Evaristo. O objetivo é compreender como a dinâmica da relação entre essas personagens se desenrola diante das complexas interseções de raça, classe e gênero, fatores que resultam na complexidade das identidades de mulheres negras. A pesquisa busca explorar a maneira pela qual Carole e Bummi enfrentam os desafios decorrentes dessas interseções e como as representações criadas pela autora as situam nos espaços subalternos das identidades não hegemônicas, sem, contudo, estereotipá-las, nem reduzi-las apenas às violências que sofrem. Ao contrário, Evaristo constrói personagens complexas, multifacetadas e profundas. Uma questão central é se Bernardine Evaristo utiliza sua vivência como mulher negra intelectual para se expressar de maneira política, ativista e crítica, especialmente no contexto do esforço para recuperar narrativas e experiências de mulheres negras, demonstrando um compromisso em revelar as realidades enfrentadas por muitas mulheres negras intelectuais na busca por alcançar posições sociais valorizadas, a despeito das barreiras produzidas por sociedades ainda fortemente machistas, racistas e economicamente desiguais.

Com base nessas inquietações, esta pesquisa busca pistas reveladoras das manifestações da autora por meio das personagens Carole e Bummi. Além disso, pretende-se analisar como Carole e Bummi contestam e fragmentam as representações que as relegam a posições subalternas. Nesse contexto, vale destacar que Carole possivelmente personifica as experiências compartilhadas por muitas mulheres negras engajadas na luta pelo reconhecimento e pela valorização profissional. Surge, assim, a pertinente questão que Carole e sua mãe personificam a união de mulheres negras contra o silenciamento em face das narrativas que frequentemente marginalizam identidades marcadas por “diferenças”.

Do ponto de vista organizacional, o primeiro capítulo desta dissertação explora a trajetória de militância feminista da autora, apresentando a sua autodeterminação, resistência, luta e ativismo intelectual. Esse capítulo fornece um panorama que contextualiza suas narrativas, destacando diversos aspectos de suas obras em relação à importância de uma autoridade discursiva. Esse diálogo é enriquecido pela teoria social

crítica, que revela a significativa produção intelectual de mulheres negras, à medida que acompanhamos o desenrolar da narrativa proposta por Bernardine Evaristo, representando a trajetória de mulheres negras na ficção como um ato de libertação diante da norma masculina branca.

No segundo capítulo, a pesquisa se baseia no referencial teórico que investiga a construção social da identidade racial a partir da contribuição de Stuart Hall. Após essa contextualização, a pesquisa analisa como a literatura britânica pode ser comparada com a literatura latino-americana, explorando as experiências de pesquisadoras brasileiras.

No terceiro capítulo, direcionamos nossa análise para as personagens Carole e Bummi. A trajetória da mãe de Carole, enfrentou desafios desde a sua infância, teve sua identidade rotulada pela cor da pele, pela classe social, pelo gênero e pela condição de imigrante. Situação que sua filha Carole também irá sentir, mas com leveza, humor e crítica. Estar diante de uma norma que, sutilmente, delinea não só os limites que as mulheres negras devem ocupar, mas também as diretrizes impostas pelas identidades fixas, que demarcam quem devem ser reconhecida nesse contexto social e que são determinadas pelos padrões de cor, raça e gênero.

Dessa forma, Evaristo possibilita novas formas de representação e expressão, mostrando que existem erros e dívidas para com a cultura e a escrita de mulheres negras na literatura britânica. Talvez, muitas dessas narrativas que começam a ser registradas, passem a oportunizar o ecoar de vozes que sofreram opressão em uma sociedade marcada por estereótipos diante da condição dessas mulheres ignoradas pelos espaços que deveriam adentrar, mas que foram barradas por não se enquadrarem no modelo determinado por sistemas, os quais ditam quem devem ter visibilidades na sociedade. Tais situações também podem ser vistas aqui na América Latina e em outros espaços que impedem mulheres de ocuparem espaços de destaque na narrativa literária.

1 TRADUZINDO BERNARDINE EVARISTO

1.1 Explorando identidade, raça e gênero na diáspora africana pela literatura britânica

Dona de uma autoridade discursiva na literatura britânica – que se reflete na linguagem –, Bernardine Evaristo alcançou notoriedade quando se tornou a primeira mulher negra e autora negra a receber o Prêmio Booker Prize, em 2019, ao abordar a intrincada interseção de identidades raciais, de classe social e de gênero, numa narrativa da diáspora. Sua consagração foi conquistada com a obra "Garota, Mulher, Outras", objeto de análise dessa dissertação. Vale ressaltar que ela compartilhou esse prêmio com Margaret Atwood, autora de "The Testaments", sequência de "The Handmaid's Tale". Esse prêmio, até então, nunca havia sido conquistado por autoras negras, enquanto que, em 2017, um escritor negro, o jamaicano Marlon James, ganhou o prêmio.

Bernardine Evaristo nasceu em 28 de maio de 1959, em Woolwich, Londres, Reino Unido, numa família birracial. Sua mãe era branca e inglesa, enquanto seu pai era negro e nigeriano. Ela tinha mais sete irmãos. Na época, ela foi rotulada como "mestiça", um termo utilizado para descrever pessoas de ascendência mista.

Para a autora, "ser birracial deu origem a uma série particular de experiências, observações e desafios". Ela associa o termo birracial àquilo que o destino reserva para alguém do sexo feminino, da classe operária, não branca, com um futuro não muito promissor, como adverte a autora: "estava destinada a ser considerada uma pessoa: submissa, inferior, insignificante, irrelevante- uma autêntica subalterna" (BERNARDINE, 2022, p. 17).

Como ela mesma afirma, ser birracial implica em uma série de desafios e experiências únicas, incluindo a luta para encontrar um espaço de pertencimento em uma sociedade que muitas vezes tenta categorizar as pessoas de acordo com sua raça ou etnia.

Escritora britânica de ascendência nigeriana, Bernardine Evaristo desempenhou um papel importante na literatura negra britânica. Seu pensamento é permeado por convicções democráticas e por um ativismo constante. Suas obras refletem sua própria experiência como pessoa birracial e a luta para encontrar uma identidade própria em um contexto de discriminação e marginalização

Bernardine Evaristo tem formação na Universidade de Londres, curso em estudos americanos, literatura inglesa e estudos de escrita criativa, inclusive obteve seu mestrado em escrita criativa pela Universidade de Goldsmiths. A diversidade de saberes e o interesse pela cultura africana de Bernardine Evaristo tornam-se objeto de estudo interessante para analisar como diferentes formas de conhecimento e experiências se entrelaçam e influenciam seu trabalho como escritora e pensadora. A sua escrita revela o compromisso em promover a diversidade e a inclusão na literatura britânica.

Sua carreira como escritora começou na década de 1980, tendo publicado diversos romances e obras de poesia ao longo dos anos. No entanto, foi com o romance "Garota, Mulher, Outras" (Girl, Woman, Other), publicado em 2019, que Evaristo recebeu reconhecimento nacional e internacional.

Seu sobrenome, Evaristo, aparentemente tem origem portuguesa. Isso acontece devido a uma relação curiosa com seu avô paterno, Gregório Bankole Evaristo. Ele era um iorubá aguda que retornou do Brasil para a Nigéria depois que a escravidão acabou em 1888.

Sei muito mais a respeito do lado da família da minha mãe do que do lado do meu pai. Não faz muito tempo que descobri que minhas raízes na Grã-Bretanha remontam a mais de trezentos anos, até 1703. Teria sido útil saber disso quando criança, porque teria me dado uma sensação mais forte de pertencimento e munção contra aqueles que disseram – a mim e a todas as outras pessoas não brancas da época – para voltarmos ao lugar de onde viemos (EVARISTO, 2022, p.16).

É nesse espaço da sobreposição entre o apagar da identidade, de onde o sujeito fala ou é falado (BHABHA, p.112, 2013), que a autora revela que sua origem traz raízes históricas ligadas à origem de seu pai. Ele era um imigrante nigeriano que, em 1949, navegou em direção à Inglaterra a bordo da "embarcação Império". Bernardine Evaristo herdou de seu pai a cor da pele, que se tornou um fator determinante em como ela era percebida no país onde nasceu. Como a própria autora mencionou, isso a tornou uma "forasteira, intrusa e estrangeira" (EVARISTO, p. 18, 2022).

A época do seu nascimento foi um período marcado por uma trajetória em que as leis permitiam a discriminação com base na cor da pele. Assim, ser uma escritora negra e com uma narrativa diante de qualquer posição com um discurso específico durante esse período da história era sempre desafiador. Esse contexto se tornava um lugar de conflito, onde a fixidez da identidade e a fantasia se entrelaçavam. Essa tomada de posição acabava por fornecer uma espécie de "identidade" colonial que era encenada, semelhante a todas as outras fantasias de originalidade e origem (BHABHA, p. 133, 2013). Em um dado nível,

pode-se dizer que a trajetória da vida da autora, desde o seu nascimento, opera com uma distinção de como as identidades coloniais são construídas de maneira artificial, muitas vezes baseadas em noções fictícias de autenticidade e origem. Colocar a história no mapa revela turbulências narrativas, revelando um lugar de questionamento e de irresolução dos conflitos que assolam gênero, raça e sexualidade, e que vem representar experiências nunca antes reveladas na literatura

No Reino Unido, a abordagem completa da doutrina antirracista demorou muitos anos para abordar completamente as relações raciais. Em 1965, praticar racismo em público tornou-se ilegal, mas demorou mais onze anos para que a lei fosse finalmente ampliada, de forma que abrangesse todas as dimensões da luta contra o racismo.

Na época do meu nascimento, apenas catorze mulheres integravam o Parlamento Britânico, em comparação com 630 homens, o que significava que 97% dos que controlavam o país eram homens. Nossa sociedade era, portanto, patriarcal. Não se trata de uma opinião, mas de um fato. As vozes das mulheres e as preocupações específicas em torno da maternidade, do casamento, do trabalho e da liberdade sexual e reprodutiva, raramente eram ouvidas no plano político, e não havia muitas mulheres em posições de destaque, liderança ou poder em qualquer outro lugar da nação. Hoje, cerca de um terço dos parlamentares britânicos é composto por mulheres. (EVARISTO, 2022, p.18)

A Grã-Bretanha era claramente patriarcal, um fato que ressoa fortemente as experiências e narrativas de mulheres negras na literatura. Resultado dessa sociedade patriarcal, - que prevalecia e ainda prevalece em muitos espaços de dominação masculina - as vozes das mulheres e as preocupações em torno da maternidade, do casamento, do trabalho e da liberdade sexual e reprodutiva raramente eram ouvidas no plano político. Diante disso, autoras negras, ao longo do tempo e por meio da literatura, trazem luz ao que até então estava apagado, ao fazer ecoar vozes e experiências únicas de mulheres vítimas de discriminações de gênero e do racismo sistêmico.

Como observa a autora, um ano após seu nascimento “o anticoncepcional deu às mulheres a liberdade de terem mais controle sobre o que faziam com o próprio corpo”. No ano de 1975, foi instituída a lei de Igualdade Salarial e da lei de Discriminação Sexual tornando ilegal a discriminação das mulheres. Bernardine Evaristo compartilha que herdou uma história de “condição secundária” das mulheres na sociedade, como muitas outras de sua geração e anteriores. Ela descreve a criação de sua mãe conforme a tradição de sua época, ou seja, subservientes ao marido, colocando as necessidades dele antes das suas próprias.

Posso dizer que herdei uma história da condição secundária das mulheres na sociedade. Minha mãe, nascida em 1933, foi criada na tradição das mulheres da

época para ser subserviente ao marido com quem ela irá se casar, para fazer as necessidades dele antes das dela. (EVARISTO, 2022, p. 18).

Isso reflete as normas de gênero impostas pelo patriarcado, as expectativas de papéis que existiam na sociedade britânica e em muitas outras partes do mundo, onde as mulheres eram frequentemente vistas como inferiores e destinadas a serem cuidadoras e servir aos homens, família e ao trabalho inferior.

As mulheres negras se veem presas na responsabilidade de administrar todas as tarefas domésticas para sustentar a ideia de uma família ideal. No entanto, muitas delas não têm o controle sobre nada, estão simplesmente a serviço das estruturas normativas que as conduzem a seguir padrões que as limitam e as impedem de ocupar outros espaços. Dialogar sobre a trajetória de vida das mulheres negras é um exercício de resgate da história e das contribuições frequentemente esquecidas por muito tempo. É também um questionamento do controle sistemático e histórico exercido sobre seus comportamentos e corpos. Esses controles são baseados em perspectivas que desconsideram, silenciam e apagam suas conquistas, restringindo seus passos diante da sobrecarga familiar e de muitas concepções consideradas naturais aos olhos da sociedade, que, infelizmente, invalidam suas experiências.

De qualquer maneira, a condição da mulher é constantemente questionada na sociedade, e seu corpo tem sido objeto de disputa, e sua voz muitas vezes silenciada, desde o período colonial. Se analisarmos a situação atual, ainda podemos perceber as profundas marcas deixadas pela colonização.

As mulheres coloniais também foram ambigualmente situadas dentro desse processo. Barradas dos corredores do poder formal experimentaram os privilégios e as contradições do imperialismo de maneira muito diferente dos homens coloniais. Fossem elas embarcadas como condenadas ou recrutadas para a servidão doméstica ou sexual, tivessem elas servido discretamente ao poder como esposas dos oficiais coloniais, sustentando as fronteiras do império e gerando seus filhos e filhas; tivessem elas dirigido escolas missionárias ou enfermarias de hospitais em postos remotos, ou trabalhado nas lojas ou lavouras de seus maridos, as mulheres coloniais não tomaram quaisquer decisões econômicas ou militares do império e muito poucas delas colheram seus enormes lucros. Lei do casamento, leis da propriedade, leis da terra e a intratável violência da decisão masculina as aprisionavam em padrões de gênero de desvantagem e frustração (EVARISTO, 2022, p.22).

A autora, por meio de seu ativismo, ressalta as condições impostas às mulheres, não apenas durante o período colonial, mas também na sociedade pós-colonial, na qual padrões opressivos semelhantes persistem. Para as mulheres negras, essa situação torna-se ainda mais complexa, uma vez que elas enfrentam não apenas o sexismo e o patriarcado, mas também o racismo e todas as formas de violência decorrentes dele.

Como mencionado anteriormente, a imagem da mulher negra foi construída a partir de estereótipos e preconceitos, e isso tem um impacto significativo em como elas são vistas e tratadas na sociedade. Ao tentarem recontar sua narrativa e compreender e reconstruir sua identidade, muitas vezes em contraste com os marcadores da cultura branca dominante, as mulheres negras se encontram diante de uma experiência de diferença profunda. Por isso, nos remetemos na escrita dessa dissertação a palavras como “outra”, “diferente”, “diferença” e “diversidade” que visam demarcar esse lugar social subalternizado, oposto às normais sociais que estabelecem a branquitude, a cisgeneridade e a heterossexualidade como o referente legítimo, superior e valorizado.

Vale mencionar que a escrita de Bernardine Evaristo se destaca por sua linguagem inovadora e experimental, que inclui técnicas como o uso de múltiplas vozes e perspectivas, bem como a mistura de diferentes gêneros literários. Sua escrita busca explorar e fazer ecoar vozes e experiências diversas:

Durante minha residência de escrita no Museu de Londres, contei a alguns curadores que estava escrevendo sobre uma garota negra que cresce na Londres romana. Eles descartaram a ideia, porque não havia evidências arqueológicas disso. Argumentei que, como o Império Romano se estendeu por milhares de quilômetros, incluindo o Norte da África, a cidade de Roma era multirracial, os romanos eram famosos pelas viagens e havia soldados africanos no norte da Inglaterra- por que não haveria pessoas negras em Londrino também? (EVARISTO, 2022, p.154)

Ao argumentar contra a rejeição de sua ideia da existência de uma garota negra na Londres romana com base na falta de evidências arqueológicas, o questionamento desse estereótipo revela uma sociedade romana multirracial e faz a interação entre identidade, poder e narrativa literária. Nesse contexto, Bhabha (p. 126, 2013) esclarece que se torna difícil perceber como o poder opera de maneira produtiva, atuando tanto como estímulo quanto como interdição.

Evaristo revela, assim, a importância da autoconfiança ao mencionar suas origens em uma família cuja estrutura carrega as marcas dos fluxos migratórios internacionais que demarcaram as fronteiras das colônias europeias na África. Vieram de gerações de pessoas que trocavam um país por outro, na busca por uma vida melhor, pessoas que desafiavam as construções artificiais das fronteiras e as barreiras de cultura e raça criadas pelo homem (EVARISTO, 2022, p. 15). Seu pai falava a língua iorubá, enquanto o inglês era sua segunda língua. Sua mãe era uma ávida leitora de livros, enquanto o pai se dedicava à leitura de jornais. Em alguns momentos, o pai compartilhava sermões com os filhos, enquanto a mãe contava histórias de sua própria infância.

Escrever poesia foi a forma que encontrei de me conectar às minhas emoções mais profundas, embora tenha avançado depressa na escrita sobre mim para a escrita sobre a história da família e da África, assim que descobri que ela realmente existia. A declaração oficial sobre a África, feita pelo partido do império, era que ela não tinha nenhuma história digna de nota até os europeus a descobrirem. Acordei para a realidade de que a minha imagem da África tinha sido um conceito que existia no imaginário europeu. (EVARISTO, 2022, p.97)

Na sua trajetória como escritora, Bernardine Evaristo afirma que suas produções artísticas não seguiam as convenções estabelecidas pelos predecessores teatrais da Grã-Bretanha. Em resumo, as peças não serviam como modelo inspirador para mulheres negras. Nesse contexto, a autora estabeleceu conexões com outras mulheres, colaborando com sua colega de teatro para mulheres negras, Patrícia. Juntas, elas não hesitaram em "botar fogo no parquinho", abraçando a causa feminista e formando uma comunidade de mulheres negras para combater o isolamento e fortalecer suas produções teatrais. Essa determinação a levou a fundar a primeira companhia de teatro de mulheres negras na Grã-Bretanha.

Ao descrever sua jornada ativista até se tornar uma escritora renomada, a voz e a escrita de Bernardine Evaristo assumem a forma de um grito de guerra e de resistência, amalgamando elementos pessoais num efeito poderoso. Sua linguagem criativa desafia vigorosamente estereótipos e subverte expectativas, dando vida a personagens complexos e multifacetados que resistem às simplificações redutoras.

Ao celebrar a diversidade e a riqueza das culturas negras britânicas, Evaristo explora as experiências de diversas comunidades e grupos. Nesse contexto, sua contribuição para a literatura negra britânica é imensurável, construindo um cenário vibrante e diversificado que desafia as estruturas de opressão e marginalização, ao mesmo tempo que celebra a incrível riqueza da diversidade humana.

Outro fator importante foi a autoconfiança que Evaristo desenvolveu para sua escrita. Ela nunca aceitou menos do que o seu melhor, mesmo que seus textos fossem frequentemente ignorados por muitas instituições. Ela valorizava os comentários dos editores e os utilizava para aprimorar sua escrita. Esse processo foi, nas palavras dela, "crucial para o desenvolvimento de suas habilidades" (EVARISTO, 2022, p. 162).

Nessa trajetória de resistência, escrita, reescrita e confiança em si mesma, Evaristo encontrou inspiração para escrever nove livros, abrangendo tanto ficção quanto não ficção, todos eles publicados. Atualmente, ela atua como professora de escrita criativa na Universidade de Brunet, em Londres, onde incentiva jovens universitários a perseverarem

na leitura e na escrita criativa.

1.2 A jornada literária de Bernardine Evaristo

Bernardine Evaristo revela um profundo interesse por histórias africanas, influenciada pelas viagens que empreendeu pela África quando ainda era uma jovem de vinte anos, atravessando fronteiras no Quênia, Egito e Madagascar. Essas experiências foram essenciais na gestação de seu primeiro manuscrito, o livro de poesia intitulado "Island of Abraham" (1994). Alguns dos poemas que compuseram essa obra haviam sido escritos doze anos antes de se tornarem parte da primeira publicação da autora.

Na época, ela enviou o manuscrito para vinte editoras diferentes. A única que acreditou em seu talento foi a Peepal Tree Press LTD que, em 1994, aceitou publicar a obra. Curiosamente, mesmo após a publicação, Bernardine Evaristo não se considerava uma autora e raramente fazia menção ao livro, inclusive em sua biografia. Ela desejava evitar que o livro fosse a única porta de entrada dos leitores para seu trabalho, mostrando sua preocupação em não limitar sua escrita a essa única obra.

A posição da autora em não o mencionar pode ser compreendida como a representação clássica de uma narrativa controversa aos modelos no mercado literários. A autora reconhece que seu trabalho tem forte influência africana, mas quando se depara com questionamentos da legitimidade de sua profissão, prefere deixar a obra longe de comentários.

Ao evitar ser rotulada como uma autora "africana", ela reforçou a importância de valorizar a qualidade e a originalidade da literatura, independentemente da raça, etnia ou origem da autora, desconstruindo estereótipos em relação às suas personagens, eliminando as barreiras do preconceito e revelando uma literatura que desafia as expectativas da indústria literária. A literatura como uma forma de expressão humana universal para a diversidade de leitores e não para a homogeneidade da experiência da mulher negra escritora.

A autoridade discursiva de Bernardine Evaristo emerge, de maneira incontestável, com o seu segundo livro, "Lara" (1997), um romance semiautobiográfico em versos. Nessa obra, a autora utiliza a ficção como meio para narrar a história de sua família e sua própria

juventude, consolidando-se como uma escritora notavelmente interessante e original (EVARISTO, 2022, 144).

As semelhanças entre a autora e a personagem principal da obra podem ser interpretadas como a crescente ênfase na abordagem que visa a superação do patriarcado e a erradicação de todas as formas de preconceito. Bernardine Evaristo desenvolve uma escrita que ultrapassa os limites tradicionalmente estabelecidos pelo cânone literário inglês, destacando-se como uma voz que historicamente ficou à margem do cenário literário e fora do mapa social.

Minha intenção original com *Lara* era me distanciar da poesia e escrever ficção, porque queria contar a história da oposição ao casamento anglo-nigeriano dos meus pais e achava que a amplitude do romance tornava a forma mais adequada para a tarefa. Romances centrados nesse aspecto da sociedade britânica mal existiam naquela época, menos ainda de uma perspectiva afro-inglesa. Queria colocar a história dos meus pais no mapa (EVARISTO, 2022, p. 144).

Esse é um aspecto presente em muitas narrativas invisíveis: a audácia de criar personagens autênticos no contexto literário inglês transforma a realidade de uma história que foi construída por meio de significativas reescritas, até a autora adquirir a determinação de submetê-la às editoras. A primeira publicação da obra "Lara" ocorreu em 1997. No entanto, a editora responsável encerrou suas atividades posteriormente. Diante da perspectiva de que sua narrativa não fosse perdida, a autora encontrou uma nova casa editorial, a Bloodaxe Books, realizando, nesse momento, novas alterações na obra. Essas modificações visavam incorporar mais elementos ficcionais à história de sua família, incluindo a narrativa de seus ancestrais alemães e irlandeses, que haviam sido deixados de lado na primeira edição. Isso se deve ao fato de que seu interesse por sua herança negra estava mais proeminente e pulsante naquele momento.

Também mudei a forma poética, decompondo os blocos de poemas de uma página de extensão em estrofes mais legíveis de duas linhas. O livro foi relançado em 2009 nessa nova encarnação, que lhe deu mais um sopro de vida. Tão pouco está finalizado. Suspeito que um dia vou acrescentar novas narrativas de família a ele (EVARISTO, 2022, p.149).

Há algo profundamente relevante e, ao mesmo tempo, seriamente questionável no estilo narrativo da autora. Esse estilo revela uma realidade de um espaço pouco hospitaleiro para as mulheres, que é o desafio de encontrar na escrita uma maneira de preencher lacunas que nunca foram ultrapassadas por seus ancestrais. Bernardine Evaristo enfrenta uma "história longa e complicada aqui, que a motivou a nunca abrir mão de sua escrita, a acreditar no papel de uma escritora e a encontrar a melhor maneira de contar a história que ardia dentro de si" (EVARISTO, 2022, p. 150).

Entretanto, ao abordar essa temática, a autora também lança luz sobre os sujeitos invisibilizados pela história eurocentrada. Um exemplo disso é a pouca informação disponível sobre a história da família de seu pai nigeriano, enquanto a história de sua mãe, que é uma mulher branca de família inglesa, é mais facilmente acessível.

Desta maneira, a autora afirma: "Lara é meu tributo, não só à história da minha família, mas à Grã-Bretanha multicultural e à eterna realidade global da polinização cruzada como força motriz essencial para todos nós" (EVARISTO, 2022, p.150). Essa declaração reforça que a autora vê sua obra como uma celebração da diversidade e da interconexão das pessoas, culturas e histórias. Além disso, afirma que "Lara" representa um momento de autoaceitação conquistada com muito esforço. Em tais argumentos é possível perceber que a obra é pessoal, e a autora explorou suas próprias experiências e sentimentos em relação à identidade e à herança cultural. Bernardine Evaristo, ao enfrentar desafios e conflitos internos em relação à sua identidade e às suas raízes culturais, encontrou um caminho para a autoaceitação e a celebração da diversidade. Isso dialoga com o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, pois a busca de uma identidade e a exploração das próprias experiências e sentimentos nos levam a olhar dentro de nós mesmas, nossas histórias pessoais e culturais, e a encontrar força na autenticidade.

Sendo assim, quando compartilham suas histórias, especialmente as que desafiam as normas sociais impostas, autoras negras criam espaços para a compreensão mútua e a empatia. É um processo de cura e celebração da diversidade humana que a narrativa traz para a realidade social de muitas mulheres negras no ofuscamento de uma história. Essa perspectiva é inspiradora para outras autoras que lutam com questões semelhantes de identidade e autoaceitação, pois mostra que é possível abraçar a complexidade de sua história e identidade cultural, e encontrar força e significado nessa diversidade.

A personagem Lara é uma versão fictícia de mim, e, ao escrever sua história, metabolizei minha constituição ancestral e cheguei a uma compreensão mais profunda da minha identidade como pessoa birracial – não a de uma pessoa bifurcada, mas um ser humano completo. Isso me ajudou a estabelecer uma base não sólida em minha herança, que depois disso abracei as multiplicidades dentro de mim e me tornei inatacável com minha identidade (EVARISTO, 2022, p. 151).

A designação de uma identidade emerge dos "sistemas de representação" constituídos para limitar uma identidade autêntica. Os sistemas de representação são os sistemas de significado pelos quais se representa o mundo para si mesma e para os outros (HALL, 2013, 197). Bernardine Evaristo traz sua própria perspectiva e experiência para a narrativa, e isso inclui a busca por suas origens e seus ancestrais, ao mesmo tempo em

que se reconhece como mulher negra britânica com raízes em outras partes do mundo. Em síntese, enfrentar desafios para inscrever, na representação, na história, na identidade nacional, na literatura e nas produções audiovisuais inglesas, as marcas dos seus ancestrais provenientes da diáspora africana; em outras palavras, se torna uma forma de inscrever sua narrativa no mapa social.

Visibilizar essas histórias e experiências, traz para o palco da vida uma narrativa mais inclusiva e diversa, que reflete a riqueza e a complexidade da experiência humana dos povos negros que foram invisibilizados pela colonização branca inglesa. Isso é importante não apenas para aqueles e aquelas que se veem refletidos em sua obra, mas também para aqueles e aquelas que estão dispostos a aprender e a se envolver com perspectivas diferentes para enriquecer e alargar sua visão de mundo, suas formas de conhecer, de ser e de sentir.

Ao iniciar a escrita do romance "The Emperor's Babe" (2001), um livro direcionado à narrativa britânica, as personagens "procuraram construir uma sociedade linguisticamente heterogênea, que, em vários sentidos, ecoasse as origens diversificadas amalgamadas no inglês" (EVARISTO, 2022, p. 153). A narrativa de uma garota núbia que cresceu na Londres romana há 1800 anos foi publicada após o apoio da editora Simon Prosser, a qual ofereceu um contrato à autora.

O romance com 250 páginas abre espaço para a protagonista Zuleika casar com um romano rico, Felix, mas se apaixonar pelo imperador Septímio Severo (EVARISTO, 2022, p.152). Ao propor um romance construído das margens para o centro de uma narrativa diaspórica, "The Emperor's Babe" direciona um desafio ao mito monoculturalista da história britânica, não flutuando simplesmente no espaço vazio. Ao fazer uma colagem temporal – o histórico e o contemporâneo se mesclam em um universo paralelo –, mesmo que seja ambientado há basicamente 2 mil anos, parece muito moderno (EVARISTO, 2022, p.153).

No romance "The Emperor's Babe," a autora desafia narrativas preexistentes ao destacar a mulher negra em espaços privilegiados da arte, promovendo a desconstrução das normas sociais e uma reflexão sobre a interação entre poder e conhecimento, conforme enfatizado por Hall (2013, p. 144). Essa complexa articulação entre pensamento e realidade histórica revela rupturas significativas, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos sistemas de dominação nas normas sociais

Nesse sentido, desvendar uma história é uma forma de dar vida aos personagens

em uma narrativa carregada de uma realidade imaginária além do tempo. Bernardine Evaristo revela que, tendo crescido com o mito de que a Grã-Bretanha havia sido um país branco até o século XX, se fez necessário acessar a diversidade de leituras e pesquisas sobre a história negra da Grã-Bretanha a partir de 1500, para reafirmar a presença e a importância da etnicidade de grupos invisibilizados pelo sistema.

Cada vez mais, os britânicos têm sido obrigados a pensar sobre si mesmos e suas relações com outros no Reino Unido em termos raciais. A etnicidade também foi incluída no vocabulário doméstico britânico. Enquanto na mentalidade norte-americana os Estados Unidos, constituem uma sociedade composta de etnias, a Grã-Bretanha (embora diversa em suas origens) sempre aplicou o termo aos outros em geral – o “ser britânico” constitui um significante vazio, a norma em relação a qual a “diferença” (eticidade) é mensurada. A crescente visibilidade das comunidades étnicas, junto com os movimentos por governos regionais mais autônomos, questionou a “homogeneidade” da cultura britânica e do “ser inglês” enquanto etnia, trazendo a questão multicultural para o centro da crise de identidade nacional (HALL, 2013, p.75).

Em outras palavras, escrever uma história que transcenda as fronteiras da indiferença europeia às narrativas dos grupos étnicos que colonizou, significa investigar o que não foi revelado além dos oceanos da negritude e apresentar as mulheres negras como agentes de conhecimento da realidade de suas próprias vidas (COLLINS, 2019, p. 12). Diante disso, a autora demonstra sua vontade de explorar narrativas históricas ocultas sob o cânone inglês.

Essa busca fez Bernardine Evaristo procurar livros mais antigos de J.A. Rogers, Ivan Van Sertima e Edward Scobie, cada autor com suas próprias perspectivas sobre as narrativas ocultas da história negra. A autora afirma que: "Tê-los lido quando jovem fez com que eu me sentisse parte de um *continuum* na Grã-Bretanha e na Europa" (EVARISTO, 2022, p.153). Ao se sentir parte desse *continuum*, ela encontrou um senso de conexão com sua própria história diante da cultura hegemônica britânica.

Isso revela como a literatura abre espaço para se conectar com as raízes e com a identidade cultural. Além disso, ao escrever uma história que transcende as fronteiras da indiferença e que se desenvolve além do impossível, Bernardine Evaristo revela caminhos de como preencher as lacunas da história que foram negligenciadas ou ignoradas. Nesse sentido, apresenta suas personagens, mulheres negras, dentro de uma perspectiva como agentes dotadas de conhecimentos essenciais, trazendo valiosas contribuições para a realidade como forma de ampliar nossa compreensão do mundo, sem se limitar a meros conceitos imaginários e fantasiosos diante da conexão entre literatura e realidade.

Assim, o compromisso e o ativismo político de Bernardine Evaristo em ampliar a

narrativa histórica e incluir perspectivas e vozes que foram historicamente marginalizadas ou ignoradas, tornam-se evidentes em sua obra.

Em seus trabalhos, a autora frequentemente faz referência a autoras e autores antigos e esquecidos da literatura negra. Um exemplo é Mary Prince, uma abolicionista e autora britânica, de origem africana, nascida nas Bermudas, que viveu como escravizada na Jamaica e que escreveu um livro sobre sua experiência. Outro autor renomado é Ignatius Sancho, um ex-escravizado que se tornou escritor e abolicionista.

A percepção fragmentada da realidade social que encontramos na sociedade britânica hoje não difere muito da realidade brasileira. No imaginário coletivo do Brasil, as mulheres negras frequentemente são retratadas como serviçais, objetos sexuais, donas de casas e faxineiras, sexualizadas na mídia e simbolicamente reduzidas a um corpo condecorado por estereótipos e fetiches sociais. Sobre o fetiche, como analisa Lélia Gonzalez (1984, p. 228), os "atributos" da mulata só podem ser admirados em um espaço determinado e permitido para sua exibição, como o Carnaval. A mulata foi convertida em um objeto para ser consumido pelo olhar do homem branco. Isso, de fato, contradiz uma lógica, já que, na literatura, o Brasil não condecorou nenhuma rainha negra nos contos de fadas. Muitas mulheres negras são admiradas como figuras sexualizadas em meio a uma sociedade desigual e exclusiva.

Segundo Gonzalez, a mulata é vista como um objeto de desejo sexual no Carnaval, mas esse desejo é limitado a um espaço controlado e permitido, onde as mulheres negras são estereotipadas e hipersexualizadas para o entretenimento do público branco. Isso significa que a mulata é valorizada por sua aparência sensualizada, enquanto seus outros atributos e potencialidades são ignorados ou subestimados. Além disso, Gonzalez destaca que essa adoração carnavalesca da mulata não se traduz em um respeito genuíno nem em igualdade de oportunidades na vida cotidiana. Pelo contrário, quando a mulher negra deixa o espaço festivo e assume sua posição real como trabalhadora, muitas vezes é tratada com desdém e violência, evidenciando a hipocrisia e a crueldade do racismo e do sexismo.

Assim, a crítica de Lélia Gonzalez ao fetiche da mulata no Carnaval não se resume a uma condenação moralista do evento, mas é uma análise política e cultural profunda que mostra como o entretenimento pode perpetuar a exploração e a marginalização das mulheres negras na sociedade brasileira.

Nessa reflexão, o conceito de fetiche de Lélia Gonzalez é crucial para compreender

a distinção entre o fetiche do discurso colonial e o fetiche sexual racial. O fetiche do discurso colonial, também conhecido, de acordo com Frantz Fanon, como "esquema epidérmico", não é um segredo oculto, mas sim um fenômeno amplamente reconhecido. A pele, que desempenha um papel fundamental na representação das diferenças culturais e raciais no estereótipo, é o fetiche mais visível e desempenha um papel público significativo no contínuo drama racial que se desenrola nas sociedades coloniais (BHABHA, p. 135, 2013). Os estereótipos raciais, ao marginalizarem certos grupos étnicos, contribuem para a estruturação de poderes que perpetuam a hierarquia racial

Além disso, o fetiche sexual racial está intrinsecamente ligado ao conceito do "objeto bom", conforme aponta o teórico crítico indiano-britânico, Homi K. Bhabha (2013), o qual facilita as relações sexuais, promovendo uma forma de "felicidade". A compreensão desses dois tipos de fetiches, o colonial e o sexual, é fundamental para analisar a construção e a perpetuação de estereótipos raciais na lente distorcida do discurso presente no contexto. A revisão apontada por Bhabha passa pelo questionamento de discursos transgressores sobre a representação de mulheres negras como uma reflexão epistemológica sobre o lugar enunciativo numa cultura demarcada por negociações.

Dessa forma, ao retomar a obra de Bernardine Evaristo, na qual existe uma narrativa a ser revelada para corrigir os erros e atrocidades ocultas, festejar a diversidade significa revelar o que que impede mulheres negras de pertencerem a espaços valorizados economicamente e simbolicamente. Essencialmente, a escrita de Evaristo sugere novas perspectivas que visam revolucionar os sistemas de representação hegemônicos e as relações de poder que contribuem para os perpetuar.

Em sua próxima obra, o romance "Soul Tourist" (2005), Bernardine Evaristo realiza uma narrativa, em prosa de ficção, que busca explorar a história europeia, a partir de um casal incompatível, um homem e uma mulher que se deparam com fantasmas não brancos da história europeia que aparecem na vida do homem e o transformam. Isso representa uma forma de reinventar o continente europeu, com sua estreita proximidade com a África, como um *locus* geográfico milenar de fecundidade inter-racial e intercultural (EVARISTO, 2022, p.155).

De acordo com a autora, foram necessários quatro anos para finalizar o romance, durante os quais ela reduziu seu manuscrito de 90 mil para 50 mil palavras. Apesar de ter tido menos sucesso e menos críticas em comparação com suas outras obras, ela afirma que este é o seu trabalho mais criativo do ponto de vista formal. É um experimento que

aborda as figuras da história europeia. A forma fragmentada no texto acrescenta outra camada de complexidade à narrativa, exigindo que o leitor transite constantemente entre diferentes gêneros literários (EVARISTO, 2022, p. 156). É importante ressaltar que, diante de uma escrita que revela personagens à margem, ela também se torna um estilo próprio de desconstruir as narrativas mais estereotipadas da escravidão.

Em 2008, com um novo romance intitulado "Blonde Roots", Evaristo apresenta uma narrativa que se desenrola em um cenário de comércio marítimo de pessoas escravizadas. Nessa história, ocorre uma inversão, na qual é criado um universo alternativo onde africanos escravizam europeus. Ao fazer isso, a autora questiona a ideia de que a civilização está inerentemente ligada à raça ou ao continente de origem. O estilo de escrita de Bernardine Evaristo guia seu leitor e sua leitora a descobrirem vozes que nunca foram escritas por aqueles e aquelas que vivenciaram as atrocidades da rejeição e da discriminação.

Ainda, no romance "Úrsula", de Maria Firmina dos Reis, que se debruça sobre o relato da Preta Suzana a respeito da travessia atlântica, existe uma analogia com o romance de Bernardine Evaristo, pois provoca essa inversão sobre as noções de civilização e barbárie. Ambas compartilham e destacam a forma como as ideias foram historicamente utilizadas para justificar a opressão e a exploração. A leitura do trecho abaixo, ecoa as experiências traumáticas vividas por muitos africanos e africanas durante a privação de liberdade, ao serem cruelmente capturados, acorrentados e amontoados nos porões dos navios negreiros durante a travessia do Atlântico.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, p. 103, 1988)

A inversão das noções de civilização e barbárie se torna evidente nesse contexto, uma vez que aqueles que praticaram atos cruéis e desumanos contra seus semelhantes são considerados bárbaros, apesar de se autodenominarem civilizados. O relato enfatiza a brutalidade da escravidão e como os povos africanos eram tratados como mercadorias, sujeitos a condições desumanas e à morte prematura durante a travessia. Esse tipo de

testemunho, seja fictício ou baseado em experiências reais, desempenha um papel fundamental na compreensão da profunda injustiça e da brutalidade da escravidão e como ela subverteu completamente as noções convencionais de civilização e barbárie.

A maneira de lidar com as adversidades e enfrentar várias tentativas e fracassos demonstra a autoridade discursiva da proposta bernardiana, que desenvolve um estilo perseverante na escrita como forma de humanizar aqueles que costumam ser *demonizados*. Em seu romance "*Hello Mum*" (2010), escrito com uma linguagem mais simples, acessível àqueles que não estão habituados a ler ficção, seus personagens ganham vida na narrativa. Durante visitas a instituições que abrigam menores infratores, a autora descobriu que eles se identificavam com a história. Esse é um exemplo de como a escrita de Evaristo pode estabelecer conexões significativas com diferentes públicos, humanizando personagens e tocando aqueles que muitas vezes são marginalizados.

Foi minha tentativa de explorar a vida dos meninos da Grã-Bretanha que se envolvem em disputas territoriais de gangues, que não têm voz na nossa sociedade, são patologizados e depreciados pela mídia e matam uns aos outros nas ruas de nossas cidades. Como pesquisa encontrei grupos desses meninos, que me disseram que tinham pouca escolha além de se unir a gangues que controlavam os conjuntos habitacionais onde viviam. Sentiam-se aprisionados dentro dos próprios códigos postais, e disseram que para eles era mais fácil sair de Londres do que cruzar a metrópole e inadvertidamente acabarem ameaçados no território de outra gangue (EVARISTO, 2022. P.159).

Para além da representação da escrita como uma experiência ficcional, Bernardine Evaristo escreve a partir de uma experiência universal. Nesse processo de vivência e experiência histórica, a autora chama a atenção para um aspecto interessante: como uma escrita que foi finalizada em poucas semanas, que é o caso do livro "*Hello Mum*," pode ser considerada o seu melhor trabalho. Evaristo, conhecida por ser uma escritora muito criteriosa, costuma levar anos para aprimorar e concluir suas obras. No entanto, o reconhecimento e os elogios recebidos por um trabalho escrito em tão pouco tempo a fazem refletir sobre esse paradoxo.

Será que a simplicidade na abordagem da história, ao escrever sobre temas que os jornais relatam diariamente, como as de milhares de jovens se tornando vítimas de crimes bárbaros ou se envolvendo em gangues como forma de ocupar espaços, é o que ressoa com os leitores? Talvez seja a capacidade da autora de humanizar aqueles que vivem em um *mundo imperfeito*, contrastando com a busca por uma perfeição inalcançável, o que faz sua ficção dialogar tão efetivamente com a sociedade. Ou, ainda, pode ser a autoridade discursiva da autora, ao narrar as histórias daqueles e daquelas que estão à margem da narrativa dominante, oferecendo uma perspectiva única e necessária.

Uma das mais influentes pesquisadoras do pensamento feminista negro nos Estados Unidos, a socióloga Patrícia Hill Collins (2019), enfatiza "o poder de nossas ideias a serviço da justiça social" e reconhece a literatura como uma forma de instrumento de libertação produzida por mulheres negras.

Não existe uma plataforma feminista negra a partir da qual se possa medir a "precisão" de uma pensadora; nem deveria haver uma. [...] Grande parte deste pensamento tem sido produzido de forma oral por mulheres negras comuns, em seus papéis de mães, professoras, músicas e pastoras. Desde o movimento dos direitos civis e do feminismo, as ideias de mulheres negras têm sido cada vez mais documentadas e está atingindo um público mais amplo (COLLINS, 2016, p. 105).

Dada a profundidade da escrita de Evaristo, outro livro que merece destaque é "Mr. Loverman" (2013), que apresenta ao leitor um romance sobre um marinheiro nigeriano que vai trabalhar em uma mina de estanho em Cornwall, na década de 1870. A escolha por uma escrita em prosa tradicional, em terceira pessoa, inicialmente fez com que a história parecesse desconectada e carente de uma conexão emocional. O manuscrito chegou a 40 mil palavras até que, Barrington, o protagonista do romance, emergiu e capturou a imaginação da autora.

No instante em que iniciei o exercício, Barrington- um gay enrustido londrino nascido em Antígua, de 74 anos, casado com a ultrarreligiosa Carmel há cinquenta anos e amante do melhor amigo, Morris, há sessenta – começou a falar comigo e não calava a boca. Fui para casa, continuei a escrever para ver se a ideia dava pé, descobri que dava e me pus a escrever o romance a toda velocidade. Foi um processo bem fácil e, assim que ficou pronto, fiquei contente comigo mesma. Talvez escrever um livro não envolva percursos complicados afinal. (EVARISTO, 2022, p. 161)

Descrito como um "homem dos anos 60", com 74 anos, Barrington leva uma vida dupla: é casado com Carmel, com quem teve duas filhas, mas também mantém um relacionamento secreto de décadas com seu amigo Morris. A história de amor e autodescoberta de Barrington, quando ele decide se assumir gay para sua família e amigos, é contada de maneira envolvente e emocional, explorando temas importantes como identidade, sexualidade, racismo e imigração. A narrativa destaca a importância da liberdade de expressão, do amor e do respeito mútuo, enquanto desafia as normas sociais e culturais que reprimem a diversidade e a individualidade.

Na obra, a autora oferece uma relação de casais que contrabalança as relações hegemônicas. A convivência entre marido e esposa apresenta ao imaginário do leitor e da leitora um narrador em primeira pessoa para uma narrativa em paralelo, deixando claro como a dissimulação de Barrington afetou não apenas sua própria vida, mas também a de sua esposa (EVARISTO, 2022, p.162). A desconstrução de estereótipos é realizada com

maestria e engajamento por meio de uma linguagem inclusiva.

A cada novo romance que escreve, Bernardine Evaristo aborda questões emergentes que ainda precisam estar presentes na literatura. Ela escreve e reescreve como uma forma de mostrar confiança em sua autoridade discursiva. Essa confiança determinou a mudança na voz da personagem em seu romance seguinte, "Garota, Mulher, Outras". Após anos de prática e aprimoramento de sua escrita, não seria surpreendente ver uma narrativa com uma forma literária diferente surgindo da sua escrita.

Ao receber a proposta de escrever um conto para a Rádio 3, inspirado em "Sob o Bosque de Leite", de Dylan Thomas, poeta e escritor galês considerado um dos mais importantes do século XX na literatura britânica. Bernardine Evaristo optou por utilizar uma narrativa em verso e criou quatro personagens femininas negras de Londres, cada uma com perspectivas de vida diversas, e intitulou a obra de "LondonChoralCelestialJazz". A autora gravou essa obra "ao vivo em um festival no País de Gales" (EVARISTO, 2022, p. 163). Esse foi o ponto de partida para a grande celebração que culminou em "Garota, Mulher, Outras", uma narrativa que foca em questões relacionadas ao feminismo negro e às identidades não heteronormativas.

Assim como Thomas havia honrado os habitantes de uma pequena vila de pescadores do País de Gales, decidi que faria o mesmo pelas mulheres negras britânicas, que mal eram visíveis na ficção. Só uma das personagens da peça do rádio sobreviveu, Carole, e veio a se tornar uma das estrelas de Garota, mulher, outras, que comecei a escrever naquele ano. O romance mapeia a vida de doze personagens: onze mulheres e uma personagem não binária, e encerra com uma multiplicidade de idades, épocas, culturas, classes, sexualidades, gêneros, raças, ocupações, ambições, visões políticas, imigrações, configurações familiares, relacionamentos, regiões britânicas e país de origem – abrangendo mais de 120 anos. (EVARISTO, 2022, p. 164)

O título da obra, à primeira vista, pode dar a falsa impressão de que o texto se concentra exclusivamente na literatura hegemônica. No entanto, o que Bernardine Evaristo aborda são as mulheres negras e uma pessoa não binária que historicamente foram invisibilizadas, colocando-as no centro de uma narrativa política. Isso propicia reflexões sobre o pertencimento a uma identidade nacional e local. O que parece mais apropriado na obra é que os temas de cunho social e cultural abordados pela autora apresentam um diagnóstico para ampliar o repertório de insurgências existentes em direção ao desmantelamento total das diversas ordens que compõem o complexo colonial capitalista (FANON, 2020, p. 262).

Particularmente, escrever a partir de uma experiência negra significa transcender as

limitações impostas, navegar pelas margens e relatar uma vivência que vai além das barreiras dos estereótipos das identidades sexuais e de gênero. Entretanto, a autora traz uma escrita com um senso de humor suave, que nos desafia a entender como funciona o controle social por meio da imagem da mulher negra por trás das “máscaras” dominantes.

A obra "Garota, Mulher, Outras" é uma literatura que atravessa o Atlântico, percorrendo caminhos e chegando a conclusões que mostram como muitos dos conceitos que carregamos são simples convenções determinadas por diferentes culturas e contextos diante da diversidade na sociedade. É importante lembrar que o termo "a outra" e sua relação naturalizada com a "comunidade" são marcados pela "diferença". Ou seja, a mulher negra percorre um caminho mais longo em busca de aceitação e reconhecimento diante da dominação dos sistemas normativos hegemônicos.

Gostava de aventura de viver em casas diferentes. Talvez, se tivesse herdado um lindo apartamento em Notting Hill, como o que uma amiga herdou de presente de formatura, eu tivesse me fixado. Mas então eu poderia não ter me tornado escritora, ou o tipo de escritora que me tornei, ou talvez não fosse muito motivada ou produtiva. Nunca estava escrevendo em uma situação de segurança financeira ou de autocomplacência emocional, ou em um domicílio estável. Quando você se muda muitas vezes, tem que ser mentalmente ágil e se adaptar depressa a novos ambientes (EVARISTO, 2022, p.71).

Talvez a decisão de não seguir a norma tenha permitido a Evaristo abrir espaço para abordar a dolorosa realidade do apagamento de mulheres negras, lésbicas e pessoas transsexuais (doravante trans) na cultura ocidental. Em sua obra mais recente, "Manifesto sobre nunca desistir" (2022), a autora comenta:

Enquanto escrevo isso, sinto a necessidade de explicar minha época lésbica, porque ela veio e depois se foi, o que sugere uma explicação seja necessária". A atração mútua entre seres humanos do mesmo sexo não deveria ser considerada antinatural, como uma patologia que requer dissecação, do mesmo modo que a atração heterossexual não precisa ser desconstruída ou justificada. O problema não é a atração pelo mesmo sexo, mas a sociedade homofóbica que exige que pessoas queer justifiquem a própria existência e lutem pelos seus direitos (EVARISTO, 2022, p. 104).

A escrita por meio do discurso revela aos grupos europeus eurocêntricos que a identidade de suas personagens carrega as máscaras da diáspora, da "hibridização" e da *différance* em sua própria constituição (HALL, 2013, p. 92). A vida de migrantes, mulheres negras, negros e trans é questionada diante dos sistemas de poder e representação hegemônicos. Como estratégia de representação de suas identidades como mulheres negras, dar espaço a determinadas narrativas revela o que está em jogo ao falar de si e representar as "outras". Sua escrita traz a voz dos tipos de personagens que ela gostaria de ver na ficção, personagens que trazem a representação da diversidade de gênero, de

raça e de classe.

De acordo com a filósofa estadunidense Judith Butler (2011), "o gênero não é, de modo algum, uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos, é antes uma identidade tenuamente constituída no tempo". Nesse enfoque proposto por Butler, a identidade de gênero é fluida e sujeita a transformações ao longo do tempo. As performances de gênero podem variar e mudar, e as pessoas têm a capacidade de desafiar e subverter as normas de gênero dominantes.

Em síntese, conforme observado por Nascimento (2021, p. 26), "em boa parte dos feminismos, o conceito de gênero é permeado pelas dimensões culturais e históricas, destacando os diversos modos de viver as mulheridades e feminidades" No romance de Evaristo, observamos como as identidades de suas personagens são representadas por meio de processos de diferenciação que conduzem à liberdade e à autodeterminação na expressão de suas identidades, sejam elas raciais ou de gênero.

Essa reflexão sobre o conceito de gênero assume extrema relevância na obra de Bernardine Evaristo, uma vez que a autora explora em seus romances a complexidade das identidades femininas e como elas são moldadas pelas dimensões culturais e históricas. Por exemplo, em "Garota, Mulher, Outras", ela apresenta personagens que desafiam as normas de gênero e questionam as expectativas sociais impostas a elas devido a sua raça, classe social, orientação sexual, identidade de gênero e outros fatores.

1.3 Estética inovadora no romance experimental: "ficção de fusão"

Adentrando no romance "Garota, Mulher, Outras", a autora emprega uma forma experimental e poética, um estilo de escrita que a própria Evaristo chamou de "ficção de fusão". Sua literatura conduz os leitores e as leitoras a um deslocamento, brincando com estilo, diversidade de vozes e lirismo. A obra atravessa um longo período de tempo, desde 1895 até os dias atuais, e se passa em várias localidades, incluindo King's Cross, West Hollywood, Barbados, Nigéria, Cornualha e Berwick-upon-Tweed, o que enfatiza a amplitude geográfica e histórica da narrativa.

Ao contrário dos romances anteriores de Evaristo, que talvez tenham tido um protagonista central e uma estrutura mais convencional, "Garota, Mulher, Outras" é descrito

como um mundo cheio de variedade, de contradição e de detalhes que não necessariamente se conectam a uma trama principal. Isso sugere uma abordagem mais livre e expansiva da narrativa, abordando uma ampla gama de experiências e de questões sociais, evitando uma estrutura tradicional de protagonista único e de revelações dramáticas. Em vez disso, o livro mergulha nas vidas das personagens, na complexidade de suas histórias e na interação entre elas e se desdobrando como um espelho das complexas dinâmicas sociais, conforme Franz Fanon, nas quais as opiniões de cada uma sobre as outras refletem as tensões e as percepções profundamente enraizadas no tecido social.

A "ficção de fusão" mencionada sugere a combinação de diferentes elementos narrativos, estilísticos e poéticos em sua escrita. Esse estilo inovador desafia as convenções tradicionais da prosa e da poesia, misturando-os de maneira única. A estrutura fragmentada presente no romance cria um deslocamento na pessoa que o lê, desafiando suas expectativas em relação a uma narrativa linear e coesa. Ao fornecer ao leitor e à leitora perspectivas e *insights* que as personagens individuais não compartilham, essas narrativas múltiplas criam espaço para a comédia. Isso ocorre porque a interação entre as diferentes perspectivas revela o humor nas situações, gerando um efeito cômico que enriquece a experiência da leitora.

A ficção, muitas vezes, coloca o leitor e a leitora diante de uma dinâmica que reflete a realidade contemporânea, na qual as personagens interagem com diferentes pontos de vista, seja por meio do humor ou do incentivo a buscar perspectivas para manter uma mentalidade positiva, como sugerido na passagem abaixo, trecho em que Carole encontra, nas pilhas de livros motivacionais, motivação para projetar um futuro brilhante e conquistar uma posição de respeito.

hoje ia se forçar a emanar uma atitude positiva na reunião, afinal de contas nas estantes dela há pilhas de livros motivacionais encomendados nos Estados Unidos dizendo para ela visualizar o futuro que você quer criar, acredite que você pode e você já tem meio caminho andado, e se você projetar uma pessoa poderosa vai atrair respeito

então o que a reunião ia ser?

fantástica pra caralho! (EVARISTO, p.134,2020)

Ao utilizar uma mistura de prosa e poesia, Evaristo explora diferentes formas de expressão literária. A prosa oferece a capacidade de desenvolver personagens, enredos e cenários mais detalhados, enquanto a poesia traz uma dimensão lírica e estilística à escrita, conforme esclarece o crítico literário Antônio Candido, ao diferenciar poesia e prosa,

permitindo um paralelo entre os dois termos.

“(...) a poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre.”
 “(...) pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia.” (CANDIDO, 1993, págs. 13 e 14).

Essa combinação pode criar uma experiência de leitura que transcende as fronteiras convencionais dos gêneros literários, permitindo que a autora experimente, utilizando estilo, voz e lirismo, de maneiras únicas, sem uma padronização específica, mas com uma linguagem poética.

Bernardine Evaristo utiliza quebras de linha de forma habilidosa para transmitir experiências que seriam desafiadoras de descrever em frases completas. Essas quebras de linha criam uma sensação de fragmentação e de pausa na narrativa, permitindo ao leitor captar momentos efêmeros, emoções intensas e pensamentos fugazes. Elas são um recurso literário que oferece uma perspectiva mais crua e imediata da experiência das personagens, revelando a complexidade das emoções e da psicologia humana de uma maneira que frases tradicionais talvez não conseguissem alcançar. Dessa forma, as quebras de linha tornam a prosa mais dinâmica e envolvente, proporcionando uma conexão mais profunda com as experiências e as vozes das personagens.

Carole, que começou a andar a cavalo por lá quando ainda era estudante, hoje se considera uma amazona

ela também considera tiro ao alvo como um hobby

ela olha para o Tate, no lado oposto do rio, onde de vez em quando vagueia pelas galerias para desnuviar a cabeça do horário de almoço (quando almoça), para se encantar com a capacidade dos artistas de criar coisas tão surpreendentes usando a imaginação

imaginação

o que era isso?

ela já teve uma? (EVARISTO, 2020, p.163).

A quebra de linha na descrição da personagem Carole e sua relação com o tiro ao alvo e sua visita ao Tate Gallery contribui para a construção da voz e da personalidade dela. Através dessas quebras de linha, a narrativa revela aspectos da vida e dos interesses de Carole de uma forma fragmentada e quase introspectiva.

Carole, que se considera uma amazona e também pratica tiro ao alvo como um hobby, possui interesses e passatempos únicos que a definem como uma pessoa singular.

A quebra de linha entre essas duas atividades destaca a diversidade de suas paixões e a complexidade de sua personalidade.

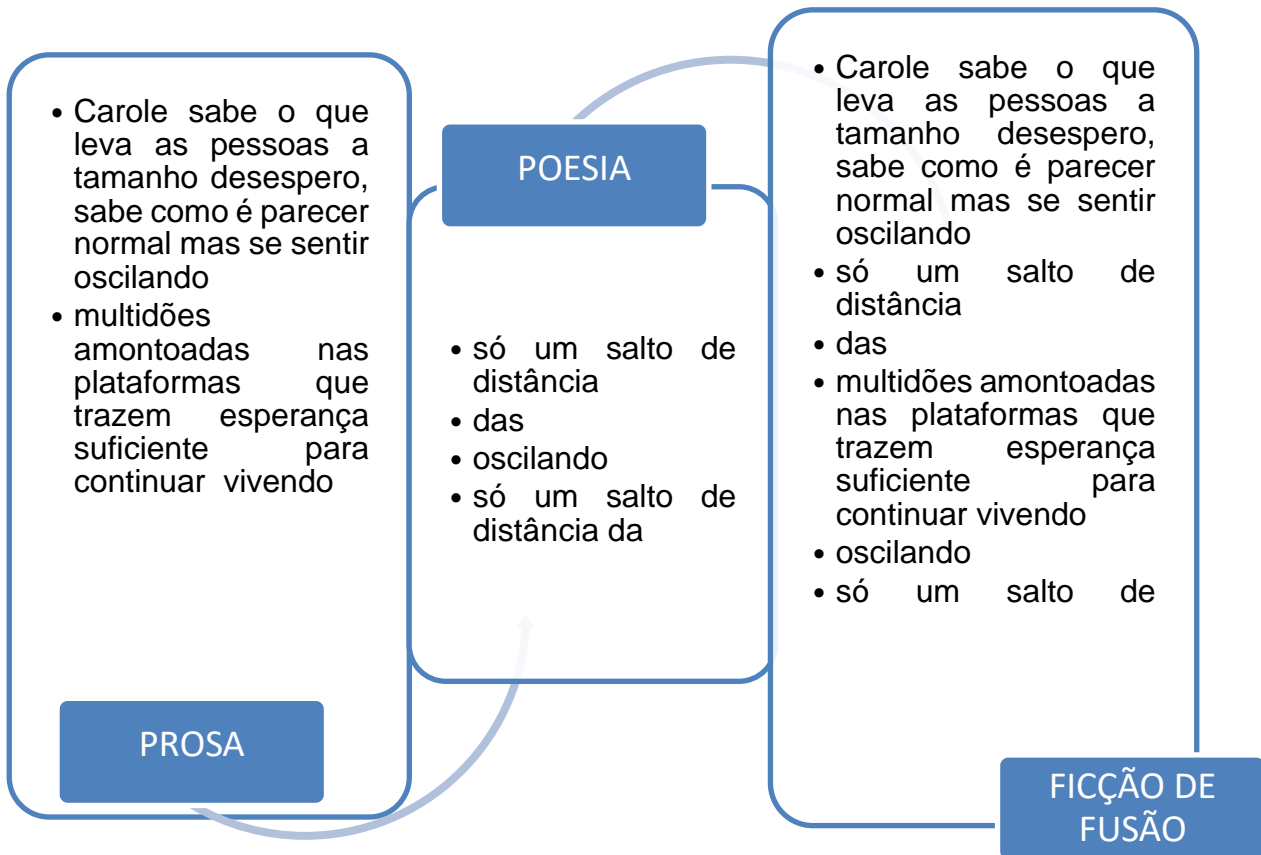
Além disso, a visita de Carole ao Tate Gallery, onde ela busca inspiração e onde fica maravilhada com a capacidade criativa dos artistas, revela uma parte profunda de sua alma criativa. A quebra de linha após a menção da imaginação sugere que esse aspecto foi perdido ou esquecido em sua vida, mas ela já teve uma. Essa observação fragmentada adiciona uma camada de melancolia e reflexão à personagem, permitindo que o leitor e a leitora entrem em sua mente e explore suas experiências e questionamentos pessoais.

Ao utilizar a quebra de linha nesse contexto, a autora faz ecoar a voz da personagem, revelando seus interesses, sua busca por inspiração e sua reflexão sobre sua própria jornada de vida. Ela proporciona uma visão mais íntima da personagem e enriquece sua caracterização na narrativa.

Ao se afastar do estilo tradicional que define a anatomia de romances em prosa ou em poesia isolada, essa fusão estilística da autora introduz uma nova forma de escrita que desafia algumas estruturas convencionais. A autora não apenas questiona nossas premissas, mas também desafia nosso estilo de leitura convencional. Ao desestruturar as fronteiras entre prosa e poesia, ao mesmo tempo em que explora territórios inexplorados, somos convidados a adentrar histórias de personagens marginalizadas, celebrando suas conquistas com base em seu mérito. Em resumo, somos introduzidos a indivíduos estranhos aos olhos da supremacia branca, alguns deles resistentes na luta por questões de identidade devido à sua vivência na Grã-Bretanha.

No quadro abaixo, o trecho retirado do romance mostra que a autora emprega recursos estilísticos por meio da ruptura da estrutura tradicional do romance, da incorporação de elementos poéticos e da adoção de uma voz narrativa distinta. Evaristo está claramente explorando uma estética inovadora que desafia as expectativas do/a leitor/a.

QUADRO 1: REPRESENTAÇÃO DA ANATOMIA DO ROMANCE



Fonte: Adaptado Evaristo, 2020, p. 130

Um aspecto notável que merece destaque é a abordagem da pontuação no romance. "A 'ficção de fusão'" é um estilo híbrido disruptivo que empurra a prosa em direção ao verso livre. Nesse estilo, o discurso direto e o indireto se misturam e as frases continuam sem pontos finais. Podemos observar que a autora utiliza, em alguns momentos, o ponto final de maneira diferente em cada capítulo, geralmente inserindo-o somente após quatro ou cinco páginas de leitura, ao encerrar os subtítulos. Essa prática contrasta com a expectativa da pessoa que lê, acostumada a textos com pontuação mais frequente. Talvez isso seja o ponto de partida para nos depararmos com uma literatura inovadora, uma estratégia que a autora utiliza para desafiar a invisibilidade de mulheres negras e pessoas não binárias britânicas na literatura, tanto como personagens quanto como escritoras.

A ficção de fusão de Bernardine Evaristo, além de perturbar os parágrafos e a pontuação convencionais, é utilizada para desestabilizar os modos convencionais de pensamento ou uma extensão destes. Ao desenvolver sua própria gramática e

desestabilizar as convenções da escrita, cada página permite ao leitor imaginar, pensar e repensar a história de uma “Grã-Bretanha como você nunca leu, porque nunca foi dita”. Vale destacar que o envolvimento da autora com questões relacionadas ao universo feminino, identificada com sua estética literária, vai muito além de uma literatura padronizada.

Courtney respondeu que a Roxane Gay alertou para a ideia de competir nas “olimpíadas da opressão” e escreveu em *Má Feminista* que o privilégio é relativo e depende do contexto, e eu concordo. Yazz, quer dizer, onde é que tudo isso termina? o Obama é menos privilegiado do que um caipira branco criado num trailer com uma mãe solteira viciada e um pai presidiário? uma pessoa com uma deficiência severa é mais privilegiada que um refugiado sírio que foi torturado? a Roxane sustenta que a gente tem que achar um novo discurso pra discutir desigualdade (EVARISTO, 2020, p. 77)

De fato, a frase começa com letra minúscula após a pontuação porque é uma continuação do pensamento anterior, uma extensão direta da resposta de Courtney à ideia de competir nas "olimpíadas da opressão" e à discussão sobre privilégio. É comum começar uma frase com letra minúscula após a pontuação quando a ideia da frase anterior é continuada ou quando a nova frase é uma continuação direta do pensamento anterior, utilizando-se perguntas retóricas para ilustrar o ponto de vista.

só para a sra. King discursar para uma plateia no último dia de aula de Carole dizendo que a protegida dela, depois de muita dedicação e trabalho duro da sra. King, era a primeira criança na história da escola a ter acesso a uma universidade de tamanho prestígio

roubando o momento de glória de Carole.

Carole chegou na velha universidade de ônibus, metrô, trem e uma longa caminhada da estação em meio à multidão, arrastando sua mala de rodinhas (EVARISTO, 2020, p. 147)

Os sonhos de uma personagem se desintegram no espaço entre o final de um subcapítulo e o início do seguinte. Isso é evidenciado pela repetição da mesma frase por Bernardine Evaristo ao longo desse intervalo, o que destaca os limites do poder da personagem. Essa repetição sutil, ao longo da narrativa, serve para enfatizar a sensação de impotência ou frustração que a personagem pode estar enfrentando em relação aos seus sonhos. É como se a pausa entre os capítulos simbolizasse um hiato no progresso ou na realização desses sonhos, tornando a narrativa mais impactante e reflexiva. Cada personagem tem suas próprias perspectivas e convicções, e isso reflete a diversidade de experiências e pontos de vista dentro das comunidades negras, de forma aprofundada.

Evaristo aborda as formas de tratamento diferenciados dentro das comunidades negras, explorando como suas personagens percebem essas dinâmicas. Os recursos

gramaticais que a autora utiliza, como os parênteses, em vez de serem usados para complicar uma ideia ou para esconder algo, têm aqui uma função de dizer a verdade: eles entendem o que as pessoas realmente querem dizer.

talvez isso faça com que homens desprezíveis parem de estuprar
meninhas bêbadas

(saindo impunes)

talvez isso faça com que as meninas parem de achar que a culpa é delas

(ficando caladas) (EVARISTO, 2020, p. 162)

Com uma técnica literária em que os nomes são usados como títulos de capítulos em um livro. Bernardine Evaristo utiliza várias maneiras para deixar no centro suas personagens para adicionar camadas de significados à narrativa, com uma estrutura organizacional eficaz para os leitores e as leitoras acompanharem essas personagens ao longo da história.

2 TRAZENDO À LUZ: AS VOZES DA DIÁSPORA AFRICANA

2.1 Vozes da intelectualidade negra

Em seu livro “Couro Imperial” (2010), Anne McClintock explora a interconexão entre raça, sexualidade, fetichismo, dinheiro, gênero, violência, domesticidade e mercado imperial entre a Grã-Bretanha vitoriana e a luta pelo poder na África do Sul. Utilizando abordagens pós-coloniais, psicanalíticas e marxistas, o livro traz argumentos de que as categorias de gênero, raça e classe não são isoladas, mas emergem em uma relação íntima entre si, influenciando o nacionalismo nas zonas de poder imperial e anti-imperial. McClintock analisa as origens históricas do trabalho doméstico, destacando seus processos de desvalorização e negação do trabalho feminino como produtivo. Ela contextualiza esse fenômeno no surgimento das classes médias na Inglaterra vitoriana, remontando a um processo histórico lento e gradual que tem início no século XVII, com a queda do sistema feudal (MCCLINTOCK, 2010).

Ao explorarmos a história de uma comunidade britânica “negra” no pós guerra, em 1948, formada por 492 emigrantes das Índias Ocidentais que chegaram ao porto de Tilbury, podemos observar as dinâmicas abordadas em “Couro Imperial”. A decisão de abrir as fronteiras da Grã-Bretanha para as colônias e para as nações pós-coloniais, após a independência da Índia, desencadeou movimentos diaspóricos no Império em diversas regiões como o Caribe, África do Sul e Ásia.

Na segunda metade do século XVII, os negros trazidos para a Grã-Bretanha pelos traficantes, mercadores e donos de fazendas viviam espalhados pela Inglaterra, mas se concentravam principalmente em Londres. No final do século XVIII, Londres e Bristol eram movimentados portos de escravos e continuariam ainda por cem anos a amealhar enormes lucros do transporte criminoso e da venda de seres humanos. Na Grã-Bretanha, a posse de um escravo negro se tornou emblema da nova riqueza imperial (MCCLINTOCK, 2010, p.231).

De acordo com McClintock (2010, p. 173), "a posse de um escravo negro dava prestígio e glamour às famílias nobres". Com tantos escravizados negros servindo às Cortes e realizando trabalhos braçais, a intelectualidade de um negro não era reconhecida como válida. Mesmo aqueles que eram letrados continuavam sendo tratados como escravizados e selvagens. A narrativa escancara um homem negro servindo à Corte, transformado em fetiche da realeza.

Sempre houve uma pequena, mas contínua, presença negra na Grã-Bretanha. Essa presença aumentou depois da invasão do Novo Mundo e da escravidão do

Renascimento, de tal forma que, em 1601, a Rainha Elizabeth se declarou “altamente desconcertada para entender o grande número de negros e mouros que [...] se arrastaram para esse domínio”. De qualquer modo, a despeito de tal régia apreensão, negros serviam como trombeteiros na corte, e damas de companhia da rainha se divertiam disfarçando-se de negras nos bailes de máscaras (McCLINTOCK, 2010, p. 173).

Durante o século XVIII e XIX, escritores brancos como Henry Haggard (1856-1925), utilizavam uma narrativa racista, moldada por um padrão imperialista britânico. A busca pela construção e pela afirmação de identidades negras começa a tomar forma com a libertação de alguns escritores negros, como Ignatius Sancho (1729-1780), ex-escravizado, que utiliza a escrita para expressar as histórias dos negros. Inicia-se, assim, o nascimento de uma literatura negra britânica - uma escrita de luta, vida e cultura africana - de forma a transformar a cultura tradicional inglesa.

A Grã-Bretanha foi também o centro do maior império dos tempos modernos, que governou uma variedade de culturas. Essa experiência imperial moldou profundamente a identidade nacional britânica, seus ideais de grandeza e definiu seu lugar no mundo. Essa relação mais ou menos contínua com a “diferença”, situada no âmago da colonização, projetou o “outro” como elemento constitutivo da identidade britânica (HALL, 2013, p. 69)

Durante séculos, a Grã-Bretanha governou uma grande variedade de culturas em diferentes partes do mundo, deixando sua marca e influenciando profundamente a vida desses povos. Essa relação assimétrica de poder, marcada pela colonização e exploração, criou uma dinâmica em que a identidade britânica foi definida em oposição ao "outro" colonizado.

Na verdade, a tão proclamada homogeneidade da cultura britânica tem sido bastante exagerada. Sempre existiram maneiras distintas de “ser britânico”. A Grã-Bretanha sempre foi profundamente marcada por clivagens de gênero, classe e região. Grandes diferenças de poder material e cultural entre os diferentes “reinos” do Reino Unido foram encobertas pela hegemonia dos ingleses sobre os demais ou do “ser inglês” sobre o “ser britânico”. Os irlandeses nunca pertenceram propriamente. Os pobres sempre foram excluídos. A maioria da população só adquiriu o direito de voto no início do século vinte. A isso se deve acrescentar a crescente diversidade cultural da vida social britânica. (HALL, 2013, p. 87-88)

A ideia de que o "outro" é um elemento constitutivo da identidade britânica está intimamente ligada à construção de uma hierarquia racial e cultural que sustentava o império. A ideia de superioridade racial e cultural dos britânicos em relação aos povos colonizados era uma justificativa comum para a dominação e a exploração desses povos. Essa hierarquia também se refletia na política interna da Grã-Bretanha, com a discriminação e marginalização de grupos étnicos e raciais não brancos.

No entanto, a história do império britânico também é marcada por resistência e luta por parte dos povos colonizados. A luta por independência e autodeterminação desses

povos desafiou a hierarquia imperial e contribuiu para a transformação da identidade nacional britânica. Ainda assim, a construção de uma identidade nacional baseada na ideia de superioridade cultural e racial continua a ter impactos na sociedade britânica contemporânea e é uma questão importante de debate e crítica.

Diante desse cenário, a literatura negra britânica de escrita inglesa se consolida com uma problemática em relação à heterogeneidade de textos escritos nas variações que compõem a língua inglesa. A “literatura negra britânica” é “um conjunto que, embora composto por escritores de diferentes bases culturais e até mesmo étnicas, carregam consigo, como identidade comum, a experiência da colonização, de diáspora e da marginalização” (NAGIB, 2011, p.21). De certa maneira, os estudos relacionados à literatura da diáspora num espaço em que predomina a língua inglesa, apontam para uma complexidade que entrelaça várias áreas do conhecimento entre as quais se destaca a história, a sociologia, a linguística entre outras.

O conceito fechado de diáspora africana, baseado na construção de uma fronteira de exclusão e na criação de um "outro", com uma oposição rígida entre o interior e o exterior, está enraizado na concepção binária de diferença (HALL, 2013, p.36). Na história e na literatura, é comum o branco atribuir ao negro características como selvageria, deficiência cultural, intelectual, racial, subalternidade e escravidão. Toni Morrison, ao explorar o conceito de "outremização", nos recorda como essa representação persiste ao longo da história e na literatura, com o branco frequentemente impondo essas características ao negro.

Nessa relação desumana, parte das culturas africanas foi apropriada pela hegemonia branca e transformada de tal forma que seu sentido de origem e significado na história foram apagados. Por um lado, houve um esforço para preservar as tradições africanas como memória coletiva, enquanto que, por outro lado, surgiu a necessidade de reinterpretar a História e reverter a associação da civilização ao mundo branco e da barbárie ao mundo negro (BERND, 1988, p. 42).

De fato, ao longo do século XX, o povo negro sofreu diversas formas de violência que desempenharam um papel determinante no surgimento de movimentos em busca de visibilidade, força e luta contra a discriminação racial, bem como na busca pela igualdade de direitos.

Há uma presença “negra” na Grã-Bretanha desde o século dezesseis, uma presença asiática, desde o século dezoito. Mas o tipo e a dimensão da migração da

periferia global de cor para a Grã-Bretanha, que tem questionado seriamente a noção estabelecida de uma identidade britânica e colocado em pauta a “questão multicultural”, constituem um fenômeno pós-colonial ou pós-Segunda Guerra Mundial. (HALL, 2013, p. 70)

Em termos claros, a migração de pessoas de diferentes origens étnicas para a Grã-Bretanha desafiou a noção tradicional de identidade britânica e levantou questões sobre o multiculturalismo. Consequentemente, a identidade da população negra nesse contexto vai se constituindo como forma de contestação. O jamaicano Stuart Hall (1932), oriundo de uma classe média que presenciou dinâmicas de opressão, se aproximou das correntes dos estudos culturais britânicos.

Após a chegada de inúmeros imigrantes, a cultura hegemônica britânica passou a contar, em seu território, com escritores negros abordando a temática da falta de moradia, de emprego e do preconceito, prevalecendo preconizações de personagens negros subjugados, inferiorizados e ausência significativa de autores negros nos cânones literários de prestígio.

As antigas relações de colonização, escravidão e domínio colonial, que ligaram a Grã-Bretanha ao Império por mais de 400 anos, marcaram os rumos seguidos por esses imigrantes. Contudo, essas relações históricas de dependência e subordinação foram *reconfiguradas* – sob a forma pós-colonial clássica – quando reunidas no solo doméstico britânico. Na esteira da descolonização, disfarçadas de amnésia coletiva ou em um eu sistemático repúdio ao “Império” (que desceu como uma Nuvem do Não Saber nos anos 60) esse encontro foi interpretado como “um novo começo”. A maioria do povo britânico olhava esses “filhos do império” como se não pudessem sequer imaginar de onde “eles” vinham, por que ou que outra relação eles poderiam ter com a Grã-Bretanha. Em geral, os imigrantes encontravam condições de moradias precárias e empregos mal remunerados e não especializados nas cidades e regiões industriais, ainda em processo de recuperação de guerra e afetadas pelo declínio vertiginoso das condições econômicas na Grã-Bretanha (HALL, 2013, p. 70,71)

No contexto das relações de colonização, de escravidão e de domínio colonial, como marcadores da diferença, a representação de homens negros e mulheres negras imigrantes era vista como uma ameaça ao sistema de dominação. Uma das principais características do tratamento dado aos negros nesse período estava relacionada à exposição da cor da pele, o que resultava na limitação das fronteiras de saberes e de conhecimento, além de uma rejeição que recaía sobre os intelectuais negros que contrariassem a normalidade predominante.

Entre as décadas de 70 e 90, uma geração de escritores negros britânicos ganhou visibilidade e expressou, em suas narrativas, uma profunda insatisfação por pertencer a uma Inglaterra que não os reconhecia como parte integrante do espaço reservado à nobreza. Entre os destaques dessa geração, encontram-se autores como Caryl Phillips.

Nascido em 1958, romancista cuja obra é frequentemente descrita como pertencente à corrente literária do "Atlântico Negro", cuja produção ficcional, em grande parte, reflete seu interesse e sua pesquisa nas experiências dos povos da África e da diáspora, explorando essas vivências na Inglaterra, no Caribe e nos Estados Unidos.

Já, a geração de escritores ingleses da diáspora é representada por Grace Nichols, nascida em 1950, poetisa guianense, que se mudou para a Grã-Bretanha em 1977, e que foi agraciada com a Medalha de Ouro da Rainha. John Agard (1949), e Jean Binta Breeze (1970) são outros autores dessa mesma geração, que se empenham em preservar uma história que faz ecoar vozes dos grupos subordinados diante dos sistemas interligados de dominação, destacando tanto os privilégios quanto as desvantagens que surgem desse contexto.

A literatura britânica da diáspora em evolução revela distintas gerações de autores que abordam questões de identidade, de pertencimento e de experiências culturais em meio a uma sociedade multicultural. Outro autor nesse contexto é Ben Okri (1959), que deu continuidade a essa exploração.

De acordo com Alves (2010)⁴, Andrea Levy (1956), a autora inglesa com raízes jamaicanas, revela-se uma voz importante contra o aprofundamento das diversas opressões. Suas obras exploram as complexas relações entre identidades raciais, culturais e nacionais dos jamaicanos britânicos. Monica Ali (1967), de origem bengali e inglesa, destacou-se como uma das melhores jovens romancistas britânicas e trouxe uma perspectiva única sobre a experiência de imigrantes na Grã-Bretanha. Em última análise, Zadie Smith (1975), filha de mãe jamaicana e pai inglês, solidificou sua posição como romancista, ensaísta e contista inglesa de renome. Suas obras se tornaram *best-sellers* e receberam inúmeros prêmios, destacando-se como contribuições significativas à literatura contemporânea.

Essas três autoras, com suas raízes diversas, enriqueceram o cânone literário britânico, ampliando as vozes e perspectivas que abordam questões de identidade, diversidade e pertencimento em uma sociedade cada vez mais multicultural. Esses escritores exploram e vivenciam as tensões de uma sociedade multicultural por meio de uma escrita criativa. Publicamente, eles desafiam as restrições impostas às suas vozes,

⁴ DIÁSPORA: RESISTÊNCIA E REVIDE EM SMALL ISLAND (2004), DE ANDREA LEVY. Disponível em: https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2011/ingles_artigos/fernandesalves.pdf. Acesso em jan/2023

abandonando a narrativa autobiográfica em favor de gêneros ficcionais (NAGIB, 2011, p.20). Este é um momento para reestruturar os discursos depreciativos em relação à escrita de autoras e autores negros. Não se trata apenas de apreciar a sua escrita, mas também de reconhecer que, nas culturas nacionais e na diáspora, a narrativa tem muito a revelar, localizando, situando e posicionando os espaços onde as diferenças raciais, de gênero e de classe estão constantemente em negociação num jogo de oposições.

Estamos sistematicamente em negociação, não como um único conjunto de oposições que nos situa sempre na mesma relação com os outros, mas com uma série de posições diferentes. Cada uma delas tem, para nós, o seu ponto de profunda identificação subjetiva (HALL, 2013, p. 385). Evidentemente, a literatura, em diálogo com as diferenças, abre caminhos para a diversidade cultural, denunciando o silêncio na narrativa. Durante séculos, essa linguagem deixou personagens à margem de um sistema excludente e negou a autoridade discursiva necessária para que autoras negras fossem registradas no mapa histórico.

Stuart Hall, considerado um dos fundadores dos estudos culturais, nasceu e cresceu na Jamaica, mas viveu sua vida adulta "na sombra da diáspora negra", situada no centro daquilo que é metaforicamente referido como "a besta" – uma alusão à Inglaterra. Como observado por Kilomba (2019, p. 67), essa condição de estar dentro da "besta" sinaliza o lugar de perigo de onde Hall escreve e teoriza, destacando os desafios de falar do centro a partir da margem.

O pensamento desse intelectual negro contribui significativamente para o debate sobre identidades, que é moldado por uma "história nacional que pressupõe uma Grã-Bretanha que tenha sido uma cultura homogênea e unificada até a ocorrência do subcontinente caribenho e asiático no pós-guerra" (HALL, 2019, p. 69). A construção da identidade britânica é influenciada por um longo processo histórico de conquistas e colonizações que envolve diversas matrizes políticas, econômicas e ideológicas.

Mesmo que o pós-modernismo não seja uma nova era cultural, mas somente o modernismo nas ruas, isso, em si, representa uma importante mudança no terreno da cultura rumo ao popular - rumo a práticas populares, práticas cotidianas, narrativas locais, descentramento de antigas hierarquias e de grandes narrativas. Esse descentramento ou deslocamento abre caminhos para novos espaços de contestações, e causa uma importantíssima mudança na alta cultura das relações culturais populares (HALL, 2013, p. 374).

No entanto, essa mudança revela novos saberes e questionamentos a respeito dos modos de vida desse período, gerando uma crise de identidade. Com isso, a identidade é

marcada pela diferença, e algumas diferenças entre grupos étnicos são vistas como mais importantes do que outras, dependendo do momento e do lugar em que ocorrem.

Conforme ressaltado por Woodward (2014), a construção da identidade nacional é uma questão constantemente sujeita a contestações e reconfigurações. Dessa forma, é imperativo analisar as diversas vozes e perspectivas que colaboram para a elaboração de significados em torno da identidade nacional. As transformações que ocorrem no cenário contemporâneo são marcadas por uma velocidade e uma constância cada vez maiores, resultando em incertezas e instabilidades que impactam a vida das pessoas e a configuração de suas identidades.

A literatura, como forma de expressão artística, contribui nesse contexto ao refletir as transformações e os conflitos vividos pelas sociedades contemporâneas e pelos indivíduos que as compõem. O romance "Garota, Mulher, Outras" (2020) é um exemplo disso, ao abordar temas como a diáspora africana, a identidade de gênero e sexualidade, e as relações raciais, de forma a desconstruir estereótipos e representar as múltiplas identidades das personagens.

Seu romance experimental aborda temas e tópicos não convencionais, explorando ideias complexas e abstratas que desafiam as expectativas do leitor e as noções tradicionais de personagens. Um exemplo disso é a dedicatória que aparece no início da narrativa, que funciona como uma maneira de questionar o convencional e de representar o ativismo político da autora, por meio das múltiplas identidades de seus personagens

Para as irmãs & manas & minas & monas
& as mulheres & mulherxs & mulherões & a mulherada toda
& nossos manos & chegadas & parças & bróders
& nossos homens & caras & pessoas LGBTQI+
da família humana. (EVARISTO, 2020, p.5)

A dedicatória inclusiva e respeitosa reconhece a diversidade de gênero e orientação sexual dentro da família humana. Esse modelo é fundamental para uma escrita mais inclusiva, usando as palavras como um ato de defesa dos direitos e da dignidade de todas as pessoas.

Na prática, a obra de Evaristo representa uma contribuição relevante e significativa para essa reflexão sobre a inclusão e a representatividade. Ao utilizar a linguagem da diversidade e ao destacar a complexidade das identidades, o romance proporciona uma

reflexão crítica sobre as construções sociais e culturais que moldam as identidades pessoais e coletivas.

A teoria que aborda a concepção de uma identidade pós-moderna se destaca pela fragmentação da experiência individual. Nessa perspectiva, os indivíduos vivenciam múltiplas identidades que se manifestam de maneira distinta em diversos contextos. Tal abordagem não sustenta uma identidade fixa e unificada, como ilustrado pelas personagens presentes no romance, que revelam as máscaras da diferença, conforme proposto por Hall (2013). Essa teoria, amplamente debatida e examinada no âmbito da filosofia e das ciências sociais, propõe que a identidade seja entendida como um constructo fragmentado e em constante mutação. Essa mutabilidade é influenciada por uma gama de fatores, incluindo a cultura, a sociedade, a história e a política.

Na literatura, essa concepção de identidade pós-moderna pode ser refletida em personagens que experimentam múltiplas identidades em diferentes contextos, sem uma identidade fixa e unificada. Essas personagens podem estar em constante deslocamento, enfrentando conflitos internos e externos relacionados às suas identidades em uma multiplicidade de vozes, idades, raças, classes e contextos culturais ao redor do mundo.

Em alguns casos, as personagens tentam ocultar ou reprimir aspectos de sua identidade em um determinado contexto social ou adotar identidades diferentes para se adequar a diferentes situações. Essa fluidez identitária, a princípio, é vista como uma forma de resistência às normas e expectativas sociais que limitam a liberdade individual e a expressão daqueles considerados indesejados pela sociedade, sob um controle social rigoroso.

No entanto, é importante notar que essa concepção de identidade pós-moderna não é universalmente aceita e ainda é objeto de debate e crítica no campo das ciências sociais. Algumas teorias argumentam que a identidade ainda pode ser vista como algo relativamente estável e consistente, mesmo em contextos de mudança social e cultural.

Nessa perspectiva defendida por Hall, a identidade não é vista como algo predefinido, mas sim como algo construído e negociado, resultado de um processo contínuo de interação social e cultural. É crucial ressaltar que a ideia de múltiplas identidades não implica que essas identidades sejam desprovidas de poder e significado, mas sim que estão constantemente em processo de transformação e negociação.

A pós-modernidade é o período em que nos deparamos com o auge do

reconhecimento de que o sujeito é algo fragmentado. Essas transformações sociais ocorridas em meados do século XX, os movimentos sociais relacionados às questões de gênero, raça, sexualidade, classe social, nacionalidade e etnicidade causam mudanças nos sistemas simbólicos e na localização dos sujeitos sociais.

Estas transformações estão também modificando nossas identidades pessoais, enfraquecendo o próprio sentido de nós mesmos enquanto sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de self" é algumas vezes chamada de deslocamento ou de descentramento do sujeito (HALL, 2003, p.9)

É preciso compreender que as diferenças entre as identidades são marcadas por desigualdades históricas e estruturais, e essas desigualdades são reforçadas pelas representações culturais hegemônicas que naturalizam e perpetuam preconceitos e estereótipos. As estratégias de deslocamento do sujeito e a descentralização de uma identidade fixa na pós-modernidade permitem confrontar relações pessoais estabelecidas ao longo de séculos.

É relevante ressaltar que essas denominações não são obsoletas; elas continuam a existir na sociedade. Além disso, as construções sociais relacionadas à classe, raça e gênero afetam especialmente a vida dos subalternos, incluindo mulheres negras e pessoas não binárias, que superam tensões e conflitos para apoiar umas às outras quando as diferenças parecem intransponíveis.

As vozes ouvidas, as questões de identidade, de alteridade e de união são dinâmicas e estão em constante evolução, moldando e definindo a história. A contestação e a desconstrução das identidades fixas possibilitam o reconhecimento do outro e a união em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. O reconhecimento da alteridade, ou seja, do outro como diferente e legítimo em sua diferença, é fundamental para a construção de uma sociedade democrática e pluralista, na qual cada indivíduo possa expressar e viver sua identidade livremente e com respeito.

Ao desconstruir os territórios das diferenças, as sociedades estão ultrapassando os limites das discriminações e violências que impactam especialmente as mulheres negras, pessoas trans e outras minorias políticas.

Os movimentos sociais e políticos que surgiram nas décadas de 1960 e 1970 foram fundamentais para o deslocamento dos sujeitos na pós-modernidade e para a emergência da política de identidade. Esses movimentos, como o feminismo, o movimento negro e o movimento LGBT nesse período que questionaram as formas tradicionais de organização política e enfatizaram a importância da identidade social na construção das relações de

poder.

A visibilidade da identidade feminina negra ganhou notoriedade na era pós-colonial, principalmente depois que alguns intelectuais negros conseguiram, por meio de seus textos, divulgar o papel das mulheres negras na sociedade. Essas mulheres não se encaixavam nos estereótipos de "mulatas" na América Latina ou "negrinhas" esquecidas na senzala. Elas não eram simplesmente "empregadas domésticas" e não deveriam ser desumanamente privadas das discussões feministas do século XX. Suas formas de opressão eram distintas das enfrentadas pelas mulheres brancas, e foram estigmatizadas como trabalhadoras braçais, desumanizadas diante da dor de perderem seus filhos e ignoradas pelos sistemas de ensino.

Em síntese, as mulheres negras enfrentavam não apenas violência e estupro, mas também eram injustamente culpabilizadas. Suas aspirações acadêmicas eram frequentemente rejeitadas devido à cor de sua pele, o que resultava em sua exclusão do padrão intelectual dominante. Ao contrário das protagonistas de contos de fadas ou musas reverenciadas, eram constantemente relegadas a papéis de empregadas, nunca tendo sido condecoradas como princesas nos contos de fadas. A mídia, os jornais e a literatura as exploravam, transformando-as em espetáculos para uma audiência branca e hierárquica, consolidando assim a supremacia branca.

Tal posição de objetificação que comumente ocupamos, esse lugar de "Outridade" não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade *negra*. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se "especialistas" em nossa cultura, e mesmo em nós. (KILOMBA, 2019, p.51)

Nota-se que a literatura negra britânica pode ser marcada por temas variados e, muitas vezes, complexos aos olhos de determinadas sociedades, assim como qualquer outra literatura que esteja se desenvolvendo diante das diferenças. Ou seja, ao prosperar nas escritas de autoras negras, criando uma literatura renovada que não permanece estável, elas rompem com o discurso colonial e questionam uma herança imperialista.

Essas autoras pioneiras têm exposto, de forma corajosa e eloquente, como as mulheres negras, historicamente, foram socialmente marginalizadas. Conforme apontado por Bueno (2020) em seu estudo sobre mulheres racializadas na produção do conhecimento, essas escritoras não apenas sobreviveram ao racismo e ao sexismo, mas também resistiram a essas opressões de maneira multifacetada. Elas se uniram em uma

solidariedade fraterna, caracterizada pela radicalidade amorosa, que demonstrava a força e a resiliência das mulheres negras.

Lidar com o preconceito na ficção prepara os indivíduos para o preconceito da vida real. É importante mencionar que o corpo negro, na literatura, desempenha um papel fundamental ao abordar o preconceito de forma a preparar as leitoras para seu enfrentamento na vida real. Por meio da ficção, elas são expostas a narrativas que os convidam a refletir profundamente sobre como hierarquias dominantes são construídas com base na cor da pele das mulheres negras, bem como em sua orientação sexual e em sua identidade de gênero. A literatura se torna um veículo poderoso para explorar e desafiar essas questões, oferecendo uma perspectiva crítica que as ajudam a compreender a complexidade das experiências das personagens e, por extensão, das pessoas reais que enfrentam preconceito e discriminação. Esse corpo negro na literatura não apenas denuncia a injustiça, mas também educa e sensibiliza, contribuindo para a luta contra a intolerância e a promoção da igualdade.

2. 2 A mulher negra na literatura brasileira um diálogo interseccional com a literatura britânica

A literatura feminista negra latino-americana, traz análises e reflexões profundas sobre a exploração diante da dialética de quem é considerado aceitável na arena da expressão literária. São mulheres intelectuais negras que constantemente buscam por espaços em meio a um contexto de subalternização e marginalização de grupos historicamente oprimidos. Não são apenas mulheres intelectuais que emergem como pensadoras trazendo ao conhecimento do público abordagens que desmistificam o que, até então, era considerado inexistente ao olhar de sistemas de dominação relacionados à raça, classe, gênero e sexualidade.

As realidades das mulheres negras são negadas por todos os pressupostos nos quais se baseia o pertencimento pleno a um grupo, a branquitude como condição para integrar o pensamento feminista, a masculinidade como condição para integrar o pensamento social e político negro, e a combinação de ambas para fazer parte do setor dominante da academia. Impedidas de ocupar uma posição plenamente inteira em qualquer uma dessas áreas de pesquisa, as mulheres negras permaneceram em uma situação de *outsiders* internas, como indivíduos cuja marginalidade proporcionou um ângulo de visão específico sobre essas entidades intelectuais e políticas (COLLINS, 2019, p.48)

A citação de Collins destaca como as mulheres negras são frequentemente

marginalizadas e excluídas, tendo que lidar com a opressão tanto no pensamento feminista branco como no movimento antirracista liderado pelos homens, o que as deixa sem ter um espaço pleno de pertencimento em nenhum deles. Diante dessa lógica, as questões de identidade e de pertencimento são complexas e muitas vezes opressoras para as mulheres negras, que precisam lutar constantemente por reconhecimento e inclusão. Seja no contexto britânico, seja no brasileiro, as lutas por direitos equiparados para as mulheres negras trazem uma perspectiva única e enriquecedora para o pensamento social e político.

Dentro desse contexto, é essencial considerar a dinâmica entre o feminismo branco e o feminismo negro. O feminismo em geral, como mencionado, abordou as desigualdades de gênero e a subordinação das mulheres na sociedade. No entanto, o feminismo branco e o feminismo negro assumiram perspectivas distintas na luta pela igualdade de gênero. Enquanto o feminismo branco tinha como foco, principalmente, as questões enfrentadas pelas mulheres brancas, como a entrada no mercado de trabalho e a participação política, o feminismo negro ampliou o escopo dessa discussão ao destacar as intersecções entre raça, gênero e classe social.

O feminismo branco, ao questionar a homogeneidade das experiências das mulheres, começou a perceber que as mulheres negras enfrentavam opressões únicas, muitas vezes negligenciadas por abordagens mais generalizadas. O feminismo negro emergiu como uma resposta a essa lacuna, destacando as formas particulares de discriminação que as mulheres negras enfrentam, tanto em relação ao gênero quanto à raça.

Assim, o feminismo negro trouxe à tona questões críticas, como o racismo, a representação inadequada e a exploração econômica que afetam especificamente as mulheres negras. Enquanto o feminismo branco desafiou as normas de gênero predominantes, o feminismo negro expandiu a conversa para abordar os desafios complexos que as mulheres negras enfrentam na intersecção de identidades marginalizadas.

A interseccionalidade o entrecruzamento de diversas opressões os quais produzem uma série de desvantagens sociais e desigualdades, pode ser lida como o aprofundamento das opressões, por ter uma relação direta com questões de identidade. (BUENO, p. 63, 2020)

Em última análise, a interação entre o feminismo branco e o feminismo negro destaca a importância de uma abordagem inclusiva e interseccional na busca pela igualdade de gênero. Reconhecer as experiências diversas e únicas das mulheres de diferentes origens

é fundamental para construir um movimento feminista verdadeiramente abrangente e eficaz, que combata as múltiplas formas de opressão que afetam as mulheres em nossa sociedade.

Desse modo, as relações do sujeito centrado, dotado de razão e de identidade nacional e política emancipatória são questionadas, especialmente com a globalização que traz uma proliferação subalterna das diferenças.

O texto da historiadora Edinelia Maria Oliveira Souza, que trata da obra da primeira romancista do Brasil, Maria Firmina dos Reis, e em especial do romance abolicionista "Úrsula", publicado originalmente em 1859, revela que "ainda é muito pouco o que se conhece sobre a vida da autora, especialmente do período que vai do seu nascimento até a publicação" (SOUZA, 2023, p. 232). Seria irônico mencionar, mas nunca havia ouvido falar desse romance, até o ano de 2022, quando participei do curso "Vozes mulheres: história e literatura no Atlântico Negro", ministrado pela historiadora no curso da UNILA.

O fato de que pouco se sabe sobre a vida de Maria Firmina reforça a necessidade e a importância de pesquisadores/as e estudiosos/as dedicarem-se ao estudo da obra de mulheres negras, para que suas contribuições literárias e culturais não sejam esquecidas ou negligenciadas pelo controle social. A literatura de mulheres da diáspora africana se torna um guia metodológico para entender a experiência de mulheres negras e suas lutas por direitos e igualdade, tanto na América Latina quanto em outras partes do mundo. A obra de Maria Firmina dos Reis, assim como a de outras autoras negras, é uma fonte valiosa de conhecimento e inspiração para as gerações futuras, e pode ser reconhecida e valorizada em seu devido lugar na história da literatura e em outros espaços acadêmicos.

Uma das principais características desse romance é rememorar um passado silenciado na literatura hegemônica, evidenciado numa travessia atlântica que resultou numa longa vida de cativo no Brasil, trazendo consigo as marcas de dores, aflições, privações, lutas e combates que a romancista denuncia por meio da personagem "Preta Suzana". Diante dessa narrativa, Edinelia Souza destaca a forte presença da escravidão na sociedade brasileira do século XIX e o sofrimento da mulher negra escravizada naquele espaço condicionado à subalternidade vivido e narrado por uma mulher negra. Ao mesmo tempo, ela promove uma comparação com uma obra, também de contexto escravista do oitocentos, escrita por uma mulher branca de origem argentina. Nesse sentido, para a historiadora,

Ler as primeiras romancistas do Brasil e da Argentina a partir de um contexto completamente diferente daquele em que surgiram suas obras é uma forma de pensar a longa história da alteridade na “América”, para utilizar a categoria de análise cunhada por Lélia Gonzalez concebida como “sistema etnogeográfico de referência”, que “designa toda uma descendência: não apenas a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo” (GONZALEZ2019, p.349). Nesse sentido, comparar narrativas literárias é também uma forma de repensar os cenários e as estratégias por meio das quais grupos subalternizados foram construindo possibilidades de se expressar; é ainda um modo de nos debruçarmos sobre as falas que vêm sendo articuladas a partir de lugares de subalternidade desde a segunda metade do século XIX até os tempos atuais (SOUZA, 2023, p.235).

Longe de ser um confronto com os grandes autores reconhecidos no cânone literário brasileiro, uma literatura contestada transforma a vida de muitas mulheres negras que hoje se encontram à margem de um sistema que sempre as moldou como subalternas, empregadas, serviçais, silenciadas e não humanas. Essa literatura contestada é aquela que desafia as normas do cânone literário, ecoando a voz e transformando a vida de mulheres negras marginalizadas historicamente.

Surge, assim, a necessidade de reflexão sobre esse tipo de narrativa. De certa forma, trazer Maria Firmina dos Reis à tona, filha de uma mulher negra alforriada, revela um país no qual as mulheres negras ficaram à margem por séculos. Mesmo que seguissem o modelo europeu e se baseassem na reprodução de uma literatura ocidental para sua formação acadêmica ilustrada, pouco sucesso alcançariam diante da força hegemônica branca e masculina, bem como da política da classe dominante.

Talvez seja a mudança de uma norma dominante o que impulsiona essas intelectuais a mostrarem a mulher negra escritora. Sua escrita pode ser lida para além das barreiras do patriarcado. Algumas delas buscam a valorização do trabalho intelectual na sociedade, fazendo emergir outras vozes que assumem um papel diferente da realidade escrita e dita como certa, ou seja, a presença da mulher como autora de sua história e não como personagens estereotipadas.

Diante disso, a escrita de Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946), linguista, escritora e pesquisadora, cujos trabalhos se concentram na literatura comparada e que é uma forte influenciadora do movimento pós-modernista no Brasil, abre caminhos para um universo das relações de gênero em um contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo.

Utiliza-se o termo "sexismo" para descrever uma forma de discriminação, na qual indivíduos são tratados de forma desigual ou injusta, com base em seu gênero. É uma forma de opressão que afeta principalmente as mulheres, embora também possa afetar

homens e pessoas não binárias. Manifesta-se de diversas formas, como na maneira como as mulheres são retratadas na mídia e na cultura popular, na desigualdade salarial entre homens e mulheres, na falta de representação feminina em cargos de liderança, no assédio sexual e na violência baseada no gênero.

A pesquisa da teórica literária Raffaella Fernandez, especialista em literatura negra periférica, e da filósofa Suzana de Castro, foca na questão de que a "análise sociológica-linguística precisa entrar em cena para que possamos ter um olhar capaz de reconhecer fatores ligados aos meios de vida e à organização social de grupos subalternizados" (CASTRO; FERNANDEZ, 2023, p. 272). Ao criar uma perspectiva e investir em uma escrita emancipatória que estabelece novos espaços de poder/saber centrados na negritude, seus estudos fazem parte de trabalhos que visibilizam Carolina Maria de Jesus diante da literatura.

“avaliaram equivocadamente que a mulher por trás da narradora testemunhal do diário seria uma mulher dócil, visto que, de acordo com a ideologia patriarcal racista colonial, uma mulher miserável, com pouca instrução e a quem o mercado editorial teria feito o “favor” de abrir as portas, antes exclusivas para os doutores da academia letrada, deveria se comportar de maneira humilde e agradecida pela sorte. Surpreenderam-se, porém, quando em lugar de uma mulher dócil e agradecida, encontraram uma mulher dona de si e desafiadora. Fizeram com ela o que fazem com todas as mulheres que ousaram desafiar os privilégios masculinos; a taxaram de “agressiva”, “arrogante”, “mal-agradecida” e assim, pouco a pouco, foram estigmatizando-a e abandonando-a a própria sorte (CASTRO; FERNANDEZ, 2023, p. 267).

Carolina Maria de Jesus (1960), escritora, compositora e poetisa, moradora de uma favela, em condições precárias de vida, revelou personagens de um universo até então pouco explorado na literatura latino-americana, com sua escrita ousada e inquietante. Nesse contexto, sua escrita silenciada ressurgiu, merecendo ser disseminada por pesquisadoras em todo o mundo.

O conhecimento produzido por intelectuais negras, como a antropóloga Camila Daniel, ilustra os desafios que podem surgir na trajetória de mulheres negras durante a pesquisa acadêmica. Ao conduzir sua pesquisa nos Estados Unidos com pessoas negras estadunidenses, ela se depara com limitações identitárias e políticas. Camila Daniel menciona a barreira de seu sotaque, que denuncia que seu corpo é negro, mas ela não é estadunidense. Essas questões identitárias influenciam a forma como as pesquisadoras negras são percebidas, interpretadas e recebidas pelas comunidades com as quais trabalham. Além disso, a pesquisa acadêmica pode ser impactada por fatores políticos e históricos que afetam o acesso a recursos, a colaboração com colegas e a interpretação dos resultados.

No entanto, é fundamental reconhecer que as limitações identitárias e políticas representam desafios significativos, mas que também oferecem oportunidades para uma reflexão crítica e uma abordagem mais inclusiva e abrangente à pesquisa.

As discussões sobre essas relações são resistentes, e muitas autoras encontram no outro, ou na narrativa de si mesmas, uma maneira de unir forças para serem representadas como corpos humanos reconhecidos com direitos igualitários não apenas no papel, e também para superar as barreiras impostas pelo sistema.

Após enfrentar sistemáticas rejeições nos espaços públicos peruanos e vivenciar um grave episódio de racismo durante uma observação participante, Camila Daniel "se deu conta de que precisava visitar seu lugar na antropologia" (DANIEL, 2023, p. 50). Nessa passagem, Camila Daniel compartilha a dor que mulheres negras frequentemente experimentam ao lutar por espaço. Ao utilizar a autoetnografia como método de pesquisa e gênero de escrita, ela cria um espaço para discutir suas próprias experiências e desmascarar as manifestações do racismo e do machismo nas Américas. Isso também lhe permite exercer o poder de autodefinição⁵ e compreender que, dentro dos espaços acadêmicos, surgem episódios que limitam as pesquisas sobre determinados temas, devido à não conformidade com a norma hierárquica predominante da branquitude.

Além disso, as estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é erudição de "verdade" e "válida", são controladas por acadêmicos/as brancos/as. Ambos homens e mulheres, que declaram suas perspectivas como condições universais. Enquanto posições de autoridade e comando na academia forem negadas as pessoas negras e as *People of Color (PoC)* a ideia sobre o que são ciência e erudição prevalece intacta, permanecendo "propriedade" exclusiva e inquestionável da branquitude. Portanto, o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de "raça" (KILOMBA, 2019, p.53).

Nesse embate, tanto homens como mulheres declaram suas perspectivas como universais, perpetuando, assim, uma visão de conhecimento exclusiva da branquitude. Essa questão é como uma ferramenta nas mãos daqueles que detêm o poder, sendo uma forma de controle social. Como Kilomba (2019) adiciona, às pessoas negras e pessoas de

⁵ Em seu trabalho seminal "Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment", Patricia Hill Collins, uma renomada socióloga e teórica feminista afro-americana, reflete sobre o conceito de autodefinição, que se refere à capacidade dos indivíduos, especialmente aqueles pertencentes a grupos historicamente marginalizados, de definirem a si mesmos e suas identidades de acordo com suas próprias experiências e perspectivas. Collins destaca a importância desse processo na resistência contra estereótipos e narrativas dominantes que podem ser opressivas. A autodefinição permite que as pessoas reivindiquem sua própria voz e agência na construção de suas identidades, desafiando assim as estruturas de poder e as normas sociais que muitas vezes tentam impor definições limitadas ou estigmatizadas sobre grupos específicos. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/patricia-hill-collins-black-feminist-thought.pdf> Acesso em dez/2023

cor são negadas posições de autoridade e comando na academia, o que resulta em uma concepção de ciência e erudição moldada por relações de poder desiguais baseadas na raça.

Como uma pesquisadora feminista negra, o estudo de Camila Daniel fala a partir de sua experiência de vida como uma forma de resistir às opressões constantes e construir espaços de diálogo a partir do pensamento da teoria feminista negra. Vale ressaltar que esse é um dos caminhos para afirmar quem merece visibilidade e reconhecimento nos cânones literários, nos espaços de pesquisa e em outros locais de produção de conhecimento na cultura hegemônica. Além disso, essas barreiras impedem que suas vozes alcancem um degrau superior, pois enfrentam diariamente estereótipos e fetichismos em uma sociedade socialmente desigual, revelando gradualmente quem é mantido na invisibilidade.

No contexto da valorização do conhecimento, conforme destacado por Collins (2009), o foco é direcionado para as mulheres negras como protagonistas ativas na produção de saberes. Nessa perspectiva, a comunidade acadêmica negra emerge como um espaço capaz de desafiar os paradigmas estabelecidos e estabelecer parâmetros de validação para teorias que se baseiam nas perspectivas e nas contribuições das mulheres negras. Essa abordagem coloca no centro das discussões acadêmicas as dimensões do pensamento dessas mulheres, reforçando a importância de suas vozes na construção do conhecimento contemporâneo.

2.3 Desigualdade racial na literatura brasileira: um olhar sobre a marginalização de autoras negras

Dados apresentados por Daniel Fernandes, em novembro de 2021, a partir da CNN-Brasil Business, indicam que, após analisar 258 romances publicados por três grandes editoras entre os anos de 1990 e 2004, no Brasil, constatou-se que 93,9% dos autores publicados eram brancos. A crítica literária Regina Dalcastagnè, por meio de seu texto intitulado "A Personagem do Romance Brasileiro", empreende uma análise profunda do panorama literário brasileiro contemporâneo nesse período e traz uma análise de como os autores negros estão à margem da literatura no Brasil. Ela aponta que em "56,6% das obras não há nenhuma personagem não branca. Em apenas 1,6% não há nenhuma personagem

branca, e apenas dois livros sozinhos respondem por cerca de 20% das personagens negras. Comprova-se assim que a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca. Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com frequência do que a categoria seguinte (negros)" (DALCASTAGNÉ, p. 32, 2005).

branca	994	79,8%
negra	98	7,9%
mestiça	76	6,1%
indígena	15	1,2%
oriental	8	0,6%
sem indícios	44	3,5%
não pertinente	10	0,8%
total	1245	100%

Fonte: pesquisa "Personagem do romance brasileiro contemporâneo" (2005)

No âmago dessa investigação, Dalcastagnè apresenta, por meio de uma análise crítica, uma reflexão sobre quem está presente na narrativa visível e quem permanece à margem na representação de diferentes grupos sociais na literatura contemporânea brasileira. Ela revela como determinadas comunidades, histórias e perspectivas muitas vezes são negligenciadas ou silenciadas diante de sistemas que restringem os espaços narrativos considerados inferiores às normas de um sistema dominante masculino branco.

A presença de autores e autoras negras na literatura ainda é escassa e enfrenta resistência em uma cultura letrada que não costuma aceitar facilmente suas obras. Sobre esse tema, Vagner Amaro⁶, ao fundar uma editora exclusivamente dedicada à literatura negra, argumenta que "o desinteresse do mercado por autores negros se deve tanto à ideia de que não há público que compre os livros, como pelo próprio racismo". Esse argumento parece simplista diante de um sistema que não reconhece a realidade de um país tão diversos quanto o Brasil, onde o racismo está profundamente enraizado e onde a quantidade da população que se autodeclara preta subiu nos últimos dez anos, conforme aponta nos dados abaixo.

⁶ FERNANDES, Daniel. Participação de autores negro na literatura tem avançado no Brasil. CNN, Brasil Business, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/participacao-de-autores-negros-na-literatura-tem-avancado-no-brasil>> Acesso em: dez/2021



FONTE: IBGE , Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2022.

Diante desse cenário paradoxal e aparentemente dominado por interesses específicos, a escassez de mercado para autoras negras pode ser interpretada como uma manifestação da falta de representatividade e oportunidades equitativas. Os dados da PNAD⁷ - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, revela a redução na participação da população branca de 46,3% para 42,8%, entre 2012 e 2022, o que sugere uma mudança demográfica que, illogicamente, contrasta com a persistência de desigualdades no campo literário. Essa discrepância levanta questionamentos sobre a reserva de espaço para grupos, normas e hierarquias hegemônicas preestabelecidas, contribuindo para a compreensão da desigualdade de oportunidades enfrentada por autoras negras no

⁷ IBGE. Informativo PNAD Contínua – Características gerais dos domicílios e dos moradores 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf Acesso em dez/2023

mercado editorial.

Indo um pouco mais além, surge a pergunta: existem autoras negras presentes na Academia Brasileira de Letras? Atualmente, das 40 cadeiras existentes na ABL, apenas 3 foram ocupadas por homens negros. Isso ocorre após 125 anos de existência da instituição, e, até o momento, nenhuma mulher negra "com perfil" ocupou esse lugar de prestígio no país. Pode ser que daqui a alguns anos, seja possível conduzir pesquisas que coloquem as mulheres negras e pessoas trans intelectuais como personagens principais de uma história de conquistas, ocupando o centro da narrativa, sem a necessidade de percorrer a margem devido aos estereótipos sociais predominantes por séculos e em um cenário de desigualdades de oportunidades demarcados pela cor da pele, classe e gênero.

3 NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA FEMININA EM GAROTA, MULHER, OUTRAS

3.1 Carole e Bummi – desafiando narrativas e ecoando vozes de identidades negras

Carole, uma das protagonistas de "Garota Mulher Outra", é uma jovem negra, de origem nigeriana, nascida na Inglaterra, e da periferia, cuja presença desafia não apenas as fronteiras geográficas, mas também as barreiras sociais e culturais que moldam sua realidade. Aos 25 anos, Carole é uma mulher de estatura mediana, com cabelos cacheados que dançam ao ritmo de sua determinação, olhos que refletem a profundidade de suas experiências, e que superou várias barreiras e conquistou muitos marcos em sua vida acadêmica e profissional.

Sua profissão, não muito hospitaleira para mulheres negras, a torna uma ativista cultural que transcende as barreiras da invisibilidade na narrativa, e que está no epicentro de um movimento de descolonização do conhecimento, uma jornada audaz em busca de uma identidade que transcenda as narrativas preestabelecidas para pessoas consideradas marginalizadas aos olhos da sociedade.

No capítulo II, página 129, a encontramos em um momento decisivo de sua vida, enquanto atravessa a estação Liverpool Street. Esse ato aparentemente comum se revela um ponto de virada, um ato de autoconfiança que simboliza a determinação de Carole em superar limitações, redefinindo sua própria narrativa. O barulho dos trens, as conversas ao redor e as luzes intermitentes da estação são o cenário para esse momento introspectivo, no qual Carole confronta não apenas o mundo ao seu redor, mas também suas próprias dúvidas e inseguranças.

Seu relacionamento com as pessoas ao seu redor é complexo e multifacetado. Carole é uma amiga leal, uma mentora inspiradora para muitos que buscam orientação em sua jornada de autodescoberta. No entanto, seus vínculos familiares também são marcados por desafios, confrontando dinâmicas familiares que refletem as tensões sociais mais amplas que ela enfrenta diariamente.

À medida que exploramos a vida de Carole, descobrimos que sua história é um convite à reflexão sobre a natureza do conhecimento, as raízes da identidade e a coragem necessária para desafiar as expectativas impostas pela sociedade em relação a gênero, raça e classe. No centro da narrativa de "Garota Mulher Outra", Carole personifica a busca incessante pela verdadeira liberdade e autenticidade, transformando-se não apenas em

uma personagem, mas em um símbolo poderoso de resiliência, resistência e autonomia.

Carole

cujo vocabulário de todos os dias gira em torno de patrimônio líquido, contrato futuro e modelagem financeira

que adora imergir num universo onde células orçamentais se deparam para criar zilhões de réplicas de si mesmas dançando na beleza do infinito

as estrelas cintilantes da riqueza que põem o mundo em movimento (EVARISTO, p. 131, 2020)

Por meio de sua jornada, Carole abre caminhos para a diversidade e promove o diálogo sobre a representação de mulheres negras na ficção. No ponto de vista de sua mãe, Bummi, ela finge ser inglesa após se formar e conquistar um emprego de alto nível. Essa posição permitirá refletir sobre a enorme lacuna em nossa compreensão quanto à hegemonia supremacista branca e patriarcal dominante, que induz as mulheres a se moldarem de acordo com as normas sociais predominantes para serem aceitas. Durante muito tempo, a personagem alisava o cabelo para adentrar em determinados espaços e conseguir o emprego tão almejado.

Na narrativa, encontramos os antepassados de Carole para compreender a história dessa personagem. Um exemplo é o avô materno de Carole, Moses, que morreu ao refinar diesel de forma ilegal. Diante desse ocorrido, sua avó e sua mãe foram obrigadas a deixar as terras onde viviam, pois os familiares disseram que nada pertencia a elas

Bummi lembra como sua mãe juntou as roupas para

fugir de Opolo no Delta do Níger

depois que o papai de Bummi, Moses tinha explodido ao

refinar Diesel de forma ilegal (EVARISTO, 2020, p.177)

É importante lembrar que, nesse trecho, a escrita de Bernardine Evaristo é apresentada na íntegra, assim como a estrutura de seu romance, que combina prosa e poesia sem o uso de ponto final. É relevante destacar que, dentro desse contexto, a tensão enfrentada pela filha e pela mãe faz parte da construção da diferença e da representação da falta de direitos das mulheres após a morte do marido, em uma relação desigual, conforme a concepção de gênero.

quando o papai de Bummi morreu, o lote de terra que ele possuía, onde cultivavam mandioca e inhame, foi tomado pelos parentes dele em plena luz do dia

você é esposa pela tradição, não pela lei, eles gritaram para Iyatunde quando irromperam na cabana logo depois do

funeral dele

vai caindo fora daqui agora mesmo, a propriedade é da gente
agora, a gente não quer mais ver a tua cara aqui, cê num tem nada
pra fazer neste lugar!

Bummi lembra da longa caminhada com a mamãe pela floresta até a casa
dos avós!

Carregando os pertences em dois cestos sobre a cabeça delas

(EVARISTO, 2020, p. 178)

Nessa passagem, destaca-se a desigualdade de gênero e a falta de direitos das mulheres em um contexto marcado pela diferenciação. Ela também revela a dor e a ferida, ao mesmo tempo em que expõe a exploração sofrida por essas mulheres ao longo dos anos. Essa hipótese alimenta uma história que foi negada e não retratada: a exclusão das mulheres que eram detentoras de bens. Infelizmente, em muitas culturas e sociedades ao redor do mundo, as mulheres ainda enfrentam discriminação e restrições quando se trata de propriedade e outros direitos legais.

Outro fator que marca essa diferença ocorre quando a mãe de Bummi chega à casa de seus avós. Ela recebe o aviso do avô de que, quando sua filha atingisse a puberdade, estaria pronta para se casar, e que o avô receberia o dote como reembolso pelo tempo e trabalho que teve que investir para sustentá-las.

naquela noite a mamãe disse a Bummi que não ia permitir que o pai
impusesse o estilo de vida tradicional dele à filha, assim como ele tinha escolhido o
marido dela quando ela tinha catorze anos

na manhã seguinte, com o dinheirinho que Moses e ela tinham
economizado amarrado nas dobras da roupa, ela pegou Bummi pela mão antes que
o pai acordasse

e elas fugiram das chamas cor de laranja das refinarias

queimando vinte e quatro horas por dia no horizonte úmido por centenas de
quilômetros

fugiram da fumaça tóxica que tornava difícil respirar pelo próprio ar porque
inalar profundamente era morrer pouco a pouco

fugiram da chuva ácida que deixava a água imprópria para
beber

(EVARISTO, 2020, P. 178)

A narrativa, aos poucos, revela mulheres/personagens da era colonial de Lagos, cidade da Nigéria, situada na costa do Atlântico, junto ao Golfo da Guiné. Personagens que moram numa cidade com uma história complexa, demarcada por uma série de movimentos sociais e políticos, lutas e desafios contra o domínio colonial e em busca de direitos e

igualdade.

Ao retratar a história da Nigéria, Bernardine retrata uma cidade e sua luta pela independência do país, que foi finalmente alcançada em 1960. De certa forma, registra no mapa uma história que explora temas históricos e sociais, para retratar além das palavras, uma forma de desvendar a opressão a qual diversas mulheres enfrentam na busca de sua identidade e de sua liberdade em meio a um ambiente dominado pelas imposições e discriminações raciais, sociais e de gênero.

A narrativa destaca o fato de que muitas mulheres enfrentam desafios significativos ao buscar sustentar suas famílias. A personagem, mãe de Bummi e avó de Carole, busca na educação uma maneira de proporcionar uma melhor oportunidade de vida para sua filha.

vou dar vida melhor pra gente, tirar a gente desse sofrimento
 gente ainda vai sobreviver, minha menina
 nos dias de semana uma canoa apanhava Bummi para
 leva-la à escola flutuante na lagoa, onde o professor coletava a
 contribuição assim que cada criança chegava, ou elas eram mandadas para casa
 nunca aconteceu com ela porque a mamãe ia preferir sair sem comer a fazer
 ela perder uma só aula
 ela disse que Bummi estava navegando rumo a uma educação (EVARISTO,
 2020, p. 180)

Revedo brevemente a narrativa, o excerto destaca a importância da educação como um meio de superar dificuldades. Destaca também as construções determinantes da mãe ao querer proporcionar uma vida diferente para a filha, mesmo se sacrificando para garantir a Bummi a oportunidade de navegar em direção a um futuro de oportunidades, aprendizado e crescimento, não permanecendo na mesma condição da mãe.

Infelizmente, quando Bummi tinha quinze anos, recebeu a triste notícia da morte de sua mãe, que foi cortada por uma serra enquanto trabalhava. Sem ninguém para cuidar dela, foi enviada para a casa de sua tia, Eiko, que a colocou como empregada, argumentando que ela devia ser grata por ter alguém que a acolhesse.

Mesmo diante da dor de perder seus entes queridos, a personagem Bummi se fortalece para enfrentar as dificuldades de viver sem a proteção familiar dos pais e sem condições financeiras. Em síntese, a protagonista emerge diante das estruturas opressivas familiares, que a enxergam como uma figura servil e não a acolhem em momentos de sofrimento. O cerne da narrativa reside na experiência da dor - seja ela originada pela fome,

pelo excesso de trabalho, pela degradação e desumanização, pela solidão, pela perda ou pelo isolamento. A resistência à dominação familiar deixou uma marca profunda em sua jornada. Sua vivência diante da desumanização serve como combustível para sua determinação em avançar e se relacionar com o mundo.

A razão para essa abordagem específica é que a narrativa sugere que a forma de dominação familiar é mais personalizada. Apesar de envolver elementos de desumanização, o foco reside mais na dimensão pessoal dessa dominação. Em contraste, quando falamos de desumanização, muitas vezes nos referimos a uma forma de dominação mais impessoal, frequentemente marcada por fortes componentes raciais. Talvez, nesse contexto, explorar essa dualidade entre a dominação no âmbito familiar e a desumanização mais impessoal, com conotações raciais, encontra-se uma reflexão da ficção para a realidade da vida.

Vale evidenciar que a história de Bummi, conforme abordada por hooks (2019), é visível na literatura. Ela ilustra como a dor pode se transformar em força e resiliência. Bummi não se rende à opressão e à desesperança; em vez disso, convive com esses desafios diariamente, buscando uma saída. Essas personagens são fortes e determinadas, mas, ao mesmo tempo, são marcadas e limitadas pelo sistema dominante que raramente abre portas para aquelas que não se encaixam em seu padrão normativo de classe.

Bummi continua a estudar e ingressa na universidade, onde inicia o curso de matemática. Lá, ela conhece Augustine, um professor assistente, e logo iniciam um relacionamento. Eventualmente, eles se casam e tomam a decisão de emigrar para a Grã-Bretanha em busca de oportunidades de trabalho que permitiriam Augustine a viajar pelo mundo como um homem de negócios ou um consultor. A cidade de Lagos, onde viviam, oferecia poucas perspectivas de mudança de vida na costa do Atlântico.

Conviver em Londres era mais difícil e mais caro do que o casal pensava. Bummi reclamava que as pessoas a enxergavam pelo que ela fazia (faxina) e não pelo que ela era (uma mulher educada) (EVARISTO, 2020, p. 186). Sua identidade era constantemente reduzida e estigmatizada devido à sua cor da pele, embora relatasse que havia se formado em matemática pela Universidade de Ibadan. Ironicamente, sendo uma mulher negra em uma sociedade da realeza, sua identidade era demarcada por símbolos que revelavam como as mulheres negras eram vistas pelos estereótipos raciais, não importando seu nível educacional ou em qual universidade estudasse; ela seria vista apenas como "a outra", a "diferente", a serviçal, sem reconhecimento de seu intelecto.

Em síntese Bummi, é forçada a adotar “máscaras” sociais para ser aceita na sociedade dominante, o que resulta em uma fragmentação da sua identidade e uma sensação de alienação. Conforme aponta Fanon (2020), tais máscaras sociais estão relacionadas as questões da identidade e da opressão enfrentadas por indivíduos negros em sociedades predominantemente brancas.

Desde cedo, Bummi ensina à sua filha Carole a importância da força e da resistência, instigando-a a nunca aceitar menos do que o seu melhor diante das limitações impostas às mulheres negras. Após a morte de seu marido Augustine, Bummi entra em uma parceria de negócios com o pastor da igreja, para obter recursos financeiros e fundar sua própria empresa de limpeza, que posteriormente se tornaria a BW - Serviços de Limpeza Internacional S/A.

Durante sua jornada como executiva da empresa, Bummi mantém um relacionamento com a irmã Omofe, colega da igreja, mas gradualmente se afasta dela por medo de que sua filha descubra o relacionamento. Em um período turbulento da narrativa, Bummi lê o livro "As Alegrias da Maternidade", de Buchi Emecheta, momento que marca a narrativa no tocante às relações entre mãe e filha, como veremos adiante, explorando temas como casamento, maternidade e trabalho, que se entrelaçam na trama da história.

3.2 Identidade e oportunidades: a narrativa de Carole

Carole cresceu em uma área periférica de Londres e frequentou uma escola pública local no ensino médio, tendo a sra. King como sua professora, uma senhora muito atenciosa, que reconheceu a capacidade da aluna (a senhora King é uma das 11 personagens retratadas no capítulo do romance de Evaristo). Carole demonstrou um talento excepcional e obteve notas excelentes, destacando-se academicamente. Sua dedicação e seu esforço levaram-na a se tornar a primeira aluna negra, em sua escola, a receber a oportunidade de estudar na Universidade de Oxford, uma das universidades mais prestigiadas do mundo. A conquista de ingressar em Oxford como a primeira estudante negra de sua escola é o resultado de sua determinação e esforço.

Após concluir seus estudos em matemática, Carole direcionou sua carreira para o setor bancário e alcançou uma posição de destaque como vice-presidente em um banco de investimentos. Além disso, ela se tornou um modelo para muitas jovens negras,

especialmente para sua ex-colega de sala, La Tisha (outra personagem do livro que ganhará um capítulo só para si). Essa transformação de Carole traz novos pensamentos sobre a vida de LaTisha, despertando um desejo antigo de demonstrar a Carole que ela não é mais a pessoa rebelde de antes, a pessoa que não era considerada boa o bastante para ser sua amiga.

La Tisha achou Carole na internet um dia desses, vice-presidente de um banco (CORTA ESSA!)

parecia toda profissional e feliz com ela mesma

não era a Carole que conheceu um dia

era outra pessoa

faz muito tempo que La Tisha queria mostrar para Carole

que não era mais a arruaceira que costuma ser, a arruaceira que não era boa o bastante para ser amiga dela. (EVARISTO, 2020, p. 222)

Essa descoberta *online*, da passagem acima, não apenas revela uma mudança significativa na vida de Carole, mas também desencadeia uma motivação profunda em La Tisha para desfazer estereótipos passados e redefinir a percepção que Carole tem dela. O enredo ganha uma nova dimensão com essa revelação, explorando temas de evolução pessoal, superação de estigmas, estereótipos e a busca por reconhecimento e amizade.

A autora conduz o leitor e a leitora ao imaginário realista ao narrar a história. Percebe-se que a narrativa bernardiana traz uma temática na qual, a cada geração, mulheres negras conquistam espaços de reconhecimento e ganham notoriedade. Em síntese, por mais que se esforcem, elas estão diante de um sistema que limita seus caminhos. A cada geração, elas buscam direitos e reconhecimento, fortalecendo-se, e registrando no mapa a história que lhes foi negada e apagada pelas imposições do capitalismo, pelas diferenças de gênero, raça, classe e/ou sexualidade.

O personagem Augustine, pai de Carole, buscou registrar a filha com um nome que não fosse de origem nigeriana, pois sabia que nome e nação estariam associados. Isso facilitaria a vida da filha no futuro para conseguir emprego.

Ao se referir aos caminhos que Carole terá que percorrer como uma mulher negra, a autora sempre revela espaços marcados por políticas de representação: de um lado, a margem, e do outro, o centro.

Carole,

atravessa a estação Liverpool Street com seus vidros intergalácticos e teto de aço sustentado por imponentes colunas coríntias

está a caminho das escadas rolantes e das janelas altas que deixam entrar o brilho sagrado do sol da manhã [...]

onde esse trem vai parar

e os vários atrasos devido ao vandalismo nos trilhos ou folhas na linha ou sol na linha ou um corpo debaixo de um trem

que falta de consideração, não com ela

escolher se jogar na frente de uma besta de ferro mecânica[...]

escolher um fim tão brutal e dramático (EVARISTO, 2020, p. 130)

No trecho mencionado, a personagem Carole está atravessando a estação Liverpool Street, o que simbolicamente marca o início de sua jornada ou travessia. A autora utiliza a descrição dos espaços ao redor para criar um contraste entre dois elementos opostos que refletem os diferentes aspectos da experiência da personagem. Como afirma Lefebvre (1980, p.17-18), a obra literária “representa o mundo, mas é também uma visão do mundo e, finalmente, uma 'tomada de posição' sobre o mundo”.

Por um lado, a literatura não é puramente uma criação imaginária desvinculada da realidade, mas sim uma representação ou uma interpretação do mundo real. Bernardine Evaristo utiliza essa interpretação para transmitir uma visão do mundo quando retrata as dificuldades pelas quais passam a mulher negra, ora passando a imagem de alguém forte, resistente, ora a imagem de alguém subserviente, submissa ou até mesmo sexualizada por conta dos estereótipos camuflados pelas normas de gênero tradicionalmente impostas a sociedade. Perceber que o machismo é uma força opressiva e exploradora na vida das mulheres negras (hooks, 2019, p.313) é representar essa mulher na história e sua capacidade de igualdade. A diferença ocorre na forma como elas estão demarcadas perante os fetiches históricos em relação às personagens da ficção que se entrelaçam com a vida real de forma naturalizada.

Isso significa que a descrição de Bernardine Evaristo, no trecho acima, evoca uma sensação de esperança, luminosidade e renovação ao dar destaque à imagem das escadas rolantes e das janelas altas que permitem a entrada do brilho sagrado da manhã. Diante de uma linguagem literária, esses elementos podem representar a possibilidade de um futuro

melhor ou de uma nova direção na vida de Carole, atravessando esses espaços geográficos impossíveis de serem atravessado por seus familiares.

Em oposição, surgem as menções aos frequentes atrasos causados por vandalismo nos trilhos, problemas na linha ou até mesmo a trágica presença de um corpo debaixo de um trem. Esses elementos trazem à tona a crua e brutal realidade da vida, sugerindo que existem obstáculos e perigos ao longo do caminho de Carole. Ela é uma personagem negra que compartilha espaços com homens e mulheres, ricos e pobres, brancos e negros, tudo isso dentro do jogo de oposições diante das imagens de controle.

A margem e centro de que estou falando aqui referem-se aos termos e *margem e centro* como usados por bell hooks. Estar na margem, ela argumenta, é ser parte do todo, mas fora do corpo principal. hooks vem de uma pequena cidade do estado de Kentucky, onde trilhos de trem eram lembranças diárias de sua marginalidade, lembretes de que ela estava realmente do lado de fora. Através daqueles trilhos se chegava no centro: lojas em que ela não podia entrar, restaurantes onde ela não podia comer e pessoas que ela não podia olhar nos olhos. Esse era um mundo onde ela poderia trabalhar como doméstica, criada ou prostituta, mas onde ela não podia viver; ela sempre tinha de retornar a margem (KILOMBA, 2019, p. 67).

Nesse contexto, o diálogo entre Kilomba e hooks mexe nos trilhos sociais que simbolizam mulheres negras e sua exclusão do centro da sociedade, representada por lojas, restaurantes e pessoas com as quais elas não podiam interagir de maneira igualitária. Nesse mundo, elas poderiam trabalhar em posições subalternas, como empregadas domésticas, criadas ou prostitutas, mas não podiam ocupar plenamente esses espaços, sendo sempre forçadas a retornar à margem, à sua posição periférica e excluída.

O contraste acontece quando Carole assume a posição de estar no centro dessa narrativa, mas sempre mostrando suas habilidades e competências para permanecer estável nesse ambiente. Ou seja, ela precisa o tempo todo estar provando a sua capacidade para estar ocupando a posição de executiva, já que era alguém da margem a ocupar o espaço central. Essa experiência pessoal de hooks influenciou profundamente seu trabalho como teórica cultural, feminista e crítica social, e Bernardine Evaristo traz essa vivência para sua narrativa por meio da vida da personagem Carole.

Assim, a utilização, pela autora, desse contraste simbólico dos trilhos, também visa transmitir aos/às leitores(as) a complexidade da experiência humana e os diferentes caminhos que podem ser seguidos ao atravessar a estação Liverpool Street e testemunhar esses contrastes.

Carole sabe o que leva as pessoas a tamanho desespero, sabe como é parecer normal, mas se sentir oscilando

só um salto de distância da

paz eterna

atualmente, no entanto, ela se sente bem viva, bem “ansiosa”, como eles dizem no trabalho, para a próxima “janela de oportunidade”

(EVARISTO, 2020, p. 130)

Carole entende que o desespero e a sensação de oscilação emocional podem ser desafiadores e difíceis de lidar, mas sua trajetória de vida a tornou resistente diante dessas situações. Muitas vezes, experimentar esses sentimentos ao passar por situações estressantes, traumas, conflitos internos ou dificuldades emocionais explicita como seus corpos são controlados. A adolescência de Carole ficou demarcada por um trauma; um estrupo coletivo, um sentimento de dor, medo e insegurança que não deixou sua voz ecoar.

Ao longo de um século, personagens mulheres negras circulam pelos espaços da feminilidade e do patriarcado, enfrentando diversas formas de opressão. Como bell hooks ressalta no texto "Mulheres Negras: Moldando a Teoria Feminista", essas mulheres sofrem opressões complexas e interligadas. Entretanto, no romance, Carole não se considera uma vítima. Ela constitui a celebração de uma vida e é triunfante ao revelar suas emoções, sensações, experiências e pensamentos. No entanto, ela também carrega consigo os traumas da opressão, que são visíveis para alguns, mas invisíveis para outros e carregados de marcadores sociais como naturais.

Isso facilita o entendimento segundo o qual as mulheres negras são excluídas das narrativas dominantes de poder e pertencimento, o que resulta em uma “ausência dupla”, conforme aponta Kilomba (2019), tendo em vista que não são reconhecidas como pertencentes ao grupo dominante (branquitude) nem como tendo o poder e privilégio associados à masculinidade. Essa dupla marginalização as coloca em uma posição de alteridade constante, incapazes de serem vistas como mulheres autônomas. São fortes, porém ignoradas para exercer posições de autoridades devido ao conceito definidor de uma cultura que marca pela cor da pele.

As mulheres brancas têm um status oscilante, como o eu e como a “Outra” dos homens brancos porque elas são *brancas*, mas não homens. Os homens negros servem como oponentes para os homens brancos, bem como competidores em potencial por mulheres brancas, porque são homens, mas não são brancos. As mulheres *negras*, no entanto, não são brancas nem homens e servem, assim com a “Outra” da alteridade (KILOMBA, 2019, p.191).

A personagem carrega uma narrativa responsável pela interseccionalidade. Sua identidade e sua experiência estão moldadas não por uma única categoria de opressão ou privilégio, mas pela interação complexa e simultânea de múltiplos e diferentes sistemas de

opressão, discriminação e desigualdade. Enquanto mulher negra de negócios, ela passa por experiências desagradáveis ao ter que provar constantemente para ser aceita. Seus clientes e novos colegas ignoram sua presença e seu potencial e a personagem enfrenta desafios para se manter no cargo e mostrar sua capacidade.

ela vai caminhar rápido até o cliente, apertar a mão dele com firmeza (ainda que de um jeito feminino), enquanto olha para ele cordialmente (ainda que de um jeito confiante) direto nos olhos e sorri com inocência, e diz seu nome com uma RP⁸ perfeita, mostrando os seus lábios (graças-a-deus-não-muito-grossos) bonitos cobertos com um tom discreto de rosa, exibindo seus dentes perfeitos, enquanto ela absorve o choque entre expectativa e realidade e tenta não demonstrar isso, e ela assume o controle da situação e da conversa. (EVARISTO, 2020, p. 133)

Em suma, o trecho citado destaca as complexas intersecções de gênero e raça que afetam as mulheres negras, operando entre a necessidade de reconhecer e desafiar a marginalização e a ausência dupla a que estão sujeitas na sociedade. Apertar a mão do cliente, no trecho analisado acima, transmite uma sensação de firmeza e confiança, que precisa ser, ao mesmo tempo, cordial e delicada para se adequar às normas que constroem a feminilidade. Temos então um exemplo dos esforços que Carole precisa fazer para caber em uma posição que seu corpo parece não caber, deixando claro o impacto que sua aparência tem em ambientes de negócios em contraste com os estereótipos hegemônicos da mulher negra.

A relação entre “lábios não muito grossos” e mulheres negras pode ser vista no contexto das ideias e estereótipos raciais explorados por Frantz Fanon, em seu livro "Pele Negra, Máscaras Brancas"(2020). Em sua obra, Fanon aborda a maneira como as pessoas negras frequentemente internalizam as noções de inferioridade racial promovidas pelo colonialismo e pelo racismo. Os lábios menos volumosos de Carole podem ser interpretados como uma característica que se alinha aos padrões eurocêntricos de beleza predominantes. Ela lida com isso ao expressar alívio, dizendo “graças a Deus não muito grossos”, evitando, assim, estereótipos ligados à hipersexualização do corpo da mulher negra, como destacado por Lelia Gonzalez. Essas associações perpetuam a visão de que as mulheres negras são valorizadas principalmente pelo que seus corpos podem oferecer à sociedade. Esses padrões, historicamente presentes na sociedade ocidental, contribuíram para muitas mulheres negras sentirem vergonha de suas características físicas naturais. Em uma crítica ao ideal de beleza, a narrativa que Evaristo traz, retrata uma personagem com uma beleza incrível, competente e intelectual, mas que é constantemente pressionada pelos marcadores sociais, sendo obrigada a provar sua

⁸ Received Pronunciation, o inglês que confere certo prestígio a quem o fala. (N.T)

verdade identidade, competência e profissionalismo.

ela vai caminhar rápido até o cliente, apertar a mão dele com firmeza (ainda que de um jeito feminino), enquanto olha para ele cordialmente (ainda que de um jeito confiante) direto nos olhos [...]

com Carole é tudo uma questão de abrir vantagem, e ela aproveita essas pequenas conquistas, é assim que pensa nelas, sempre que pode

talvez ele se visse inesperadamente atraído por ela, o que

os mais sofisticados tentam esconder, ao contrário do bilionário

nigeriano da indústria petroquímica alguns anos atrás que queria expandir seu portfólio de investimentos para o cobre

que a convidou para um almoço de negócio no Savoy, só para

ela descobrir que era na sala de jantar privada dele na Suíte Real

onde ele lhe mostrou os oito aposentos decorados com a opulência de um palacete: colunatas greco-romanas, lustres Lalique, bustos antigos em pedestais, papéis de parede de seda e pinturas inglesas bucólicas

ele indicou o colchão do quarto principal que dava para

fazer acrobacias com cada mola envolvida em caxemira (EVARISTO, 2020, p. 133)

Nesse trecho, Evaristo apresenta mais uma tensão enfrentada pela personagem, que faz parte das construções das identidades marcadas pela “diferença”. Era como se presumisse que mulheres negras pudessem ser facilmente influenciadas pelo luxo e pelo poder, reduzindo-as a mero objetos para o prazer dos homens – também negros -, perdendo sua individualidade, sendo reduzidas a corpos para ser usado sexualmente, e não uma profissional super qualificada capaz de gerenciar negócios.

como se ela fosse o tipo de mulher que amputava as próprias

aspirações para se tornar um dos acessórios decorativos dele

ela teve que se desvencilhar com polidez sem comprometer

o negócio

deixando que soubesse que estava noiva, de Frederick March Mont, disse para enfatizar

furiosa que ele quisesse minar seu profissionalismo duramente conquistado (EVARISTO, 2020, p. 134)

Reivindicar um espaço no centro da negociação a faz assumir o controle da situação, desfazendo o jogo sutil de poder e de sedução engendrado pelo homem. Ela mantém sua postura, ao explicar que está noiva e desvia olhares maliciosos num encontro marcado por gênero. Talvez o fato de estar noiva de um homem branco e rico, de família da alta

sociedade inglesa, a colocasse numa situação de privilégio nesse banco de negociações.

Diante de tal fato, a personagem representa o que muitas mulheres passam para se impor diante num ambiente de negócios que, hierarquicamente, sempre foram dedicados ao homem branco - ainda que, por precaução, trazendo para a cena, como um escudo, o noivo branco e rico. Assumir o controle da situação numa negociação significa, para mulher negra, romper com expectativas em relação a sua cor da pele, deixar claro que seu papel não é o de submissão às demandas do outro, mas sim de resiliência constante para demarcar a história de mulheres negras pertencentes ao ambiente de negócios por si só, sem a necessidade de qualquer outro esforço, por parte dessas mulheres, para ver sua capacidade reconhecida. Ter um noivo branco e rico talvez facilitasse a vida de Carole para que ascendesse na carreira e enfrentasse menos obstáculos nos negócios.

Essa descrição retrata Carole como uma mulher determinada, consciente das dificuldades que pode enfrentar devido a preconceitos e estereótipos, mas que não desiste dos seus objetivos, por mais que os desafios sejam diários. Ao utilizar sua presença, sua comunicação e suas habilidades para demarcar a posição como uma profissional de negócios competente e confiante, revela sua capacidade a todos.

Por muito tempo, a literatura predominante apresentou apenas personagens brancos e masculinos como protagonistas em cargos de poder, enquanto as mulheres negras eram frequentemente retratadas quase apenas como oprimidas, escravizadas ou marginalizadas, distante do universo da escrita e da ocupação de cargos de poder e influência.

No entanto, é necessário observar que a literatura contemporânea tem buscado ampliar e diversificar as vozes representadas. Bernardine Evaristo explora experiências e perspectivas diversas, permitindo que personagens como Carole se tornem protagonistas de suas próprias histórias, com determinação, com consciência das dificuldades e uma vontade de superá-las. Carole multiplica e diversifica a representação das mulheres negras em narrativas literárias ao apresentar os desafios, os preconceitos e as exclusões enfrentadas por essas mulheres, quando chegam em espaços do centro do poder, espaços esses quase que exclusivamente ocupados pela supremacia branca masculina.

Além disso, a narrativa em questão é escrita numa época anti-Brexit, anti-paroquial, anti-patriarcal e anti-sexista. Isso indica que a história aborda críticas à saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), ao isolacionismo, ao sistema patriarcal e ao sexismo

presentes na sociedade britânica. Esses elementos sugerem uma perspectiva progressista e de resistência contra ideologias e estruturas que reforçam desigualdades e opressões.

Em condições diaspóricas, questões relacionadas às intersecções entre raça, classe, gênero e sexualidade se entrelaçam intimamente com a nação. Ao explorar essas conexões e ao entender a distinção entre os termos nação, Estado-nação e nacionalismo, a partir dos apontamentos de Collins.

Uma *nação* consiste em um conjunto de pessoas que passaram a acreditar que foram moldadas por um passado comum e estão destinadas a compartilhar um futuro comum. Essa crença é em geral alimentada por características culturais comuns, como idioma e costumes, um território geográfico bem definindo; a crença em uma história ou origem comum; a crença de que existem laços mais estreitos entre os membros da nação que com quem é de fora; a ideia de que o grupo se distingue de outros a seu redor; e uma hostilidade compartilhada em relação a grupos externos. (COLLINS, 2019, p.370)

Diante de um enredo de mulheres negras, a personagem Carole compõe um retrato multifacetado e realista dos nossos dias atuais, em uma sociedade multicultural que não estabelece relação com uma identidade fixa. Assim, os vazios e as lacunas de conviver nesses espaços, carregam consigo as incertezas que permeiam o conceito de *identidade*, em torno dos marcadores complexos da representatividade humanas entrelaçados entre gênero e poder.

3.3 Uma reviravolta na narrativa da vida de Carole

Aos 13 anos, Carole, teve uma experiência traumática ao sofrer um estupro coletivo. Registra-se aqui a tensão ao participar de “uma festa sem adultos circulando como guardas de prisão estragando o divertimento de todo mundo”, um momento de diversão com as amigas La Tisha e Jayla, mas que não acabaria bem. Um local lotado de adolescentes amontoados no corredor e de bebidas servidas a todo instante. Pela primeira vez, Carole experimenta “vodca com limão, tão doce que ela mal notou os quarenta por cento de teor alcoólico” (EVARISTO, 2020, p.138). Ao se deparar com o olhar de Trey, o irmão mais velho de Alicia, ela sente que ele a escolheu.

ele a levou pela pontezinha, que cruzava o córrego e pelo portão que costumava ficar fechado até que o conselho administrativo desistiu de substituir o cadeado

eles não estavam sozinhos

ela ouviu outras vozes

ela tentou olhar para cima outra vez, era como se sua cabeça estivesse num torno e ela não estava mais andando, estava sendo empurrada

depois estava deitada no chão, a grama úmida contra as costas, as pernas e braços nus, ela queria dormir só cinco abençoados minutos, sentiu os olhos se fechando, quando abriu não conseguiu enxergar, tinha sido vendada, braços presos acima da cabeça

onde as roupas dela tinham ido parar?

depois

o

corpo

dela

não

era

mais

dela

pertencia

a

eles (EVARISTO, 2020, p. 142)

Aqui, então, a despeito do trecho que menciona um episódio traumático na infância da personagem, como um recurso estilístico ao misturar a prosa e transformar em poesia o sentimento de desespero de não comandar o seu corpo, as palavras ficam soltas como um recurso utilizado pela autora para transmitir a experiência de sofrimento da personagem. Essa técnica pode ajudar a intensificar a sensação de angústia e desconexão emocional que ela experimenta após o ocorrido e conduz a leitora ao imaginário literário.

Além disso, o trecho aborda a questão do estupro e de outras formas de violência sofridas por mulheres negras como parte de um sistema mais amplo de opressão interseccional. Mulheres negras enfrentam não apenas a opressão baseada em seu gênero, mas também em sua raça, o que aumenta sua vulnerabilidade a abusos e violências.

Do ponto de vista narrativa, após o ocorrido, Carole nunca contou a ninguém, tinha vergonha, medo da sua mãe brigar por ser culpada pelo fato.

era culpa de Carole?

ela achava que sim, se trancou no quarto, se enterrou debaixo das cobertas, chegava tarde na escola ou faltava porque qual era o sentido de aprender quando uma coisa assim tinha acontecido com ela? (EVARISTO, 2020, p. 143)

Carole em determinado momento, relembra o estupro acontecido com sua amiga Sheryl no período da adolescência. Naquela ocasião, todo mundo havia dito que era culpa dela “por usar roupas de vagabunda”. O estupro sofrido por Sheryl foi no mesmo parque, na oitava série, e Carole lembra desse trauma sofrido pela colega e como ela foi condenada por seus colegas pelo simples uso de uma roupa.

A violência sexual contra as mulheres é, infelizmente, uma realidade comum. Lélia Gonzalez (1984) discute a hipersexualização e a objetificação do corpo da mulher negra, historicamente retratadas e percebidas como objetos sexuais, a quem são negadas a humanidade e a dignidade. A hipersexualização das mulheres negras produz uma representação estereotipada e desumanizadora que as colocam em situações que potencializam a exploração e violência sexual.

Na narrativa, é possível estabelecer uma conexão ao considerar as imagens construídas em torno das personagens mulheres negras, muitas vezes relegando-as a papéis de empregadas ou a corpos destinados ao sexo. Essas representações estereotipadas não apenas refletem a visão limitada e prejudicial da sociedade sobre as mulheres negras, mas também contribuem para a perpetuação da violência sexual, criando um terreno fértil para a exploração baseada nessas imagens distorcidas.

É claro que Carole ficou com medo de enfrentar os mesmos julgamentos sofridos por Sheryl, o que levou a personagem a silenciar sobre o fato quando resolveu falar sobre a violência sofrida. A personagem pertence a espaços que reforçam essas imagens estereotipadas, perpetuando, assim, sua objetificação e desvalorização. Dessa concepção, derivam as imagens de controle desses corpos representados pelos sistemas simbólicos dominantes. Naturalmente, são produzidos estereótipos prejudiciais sobre as mulheres negras, que contribuem para um ambiente em que as vítimas de violência sexual se sintam envergonhadas e culpadas pela ocorrido. Elas se sentem desumanizadas, o que produz um apagamento e o silenciamento de suas vozes.

O estupro e outras formas de violência sexual agem para privar as vítimas da vontade de resistir e torná-las passivas e submissas a vontade do estuprador. A passividade feminina, o fato de que coisas são feitas as mulheres independentes da vontade delas, é um tema recorrente na pornografia contemporânea. (COLLINS, 2019, p. 235)

Essas estruturas de opressão, se manifestam de várias maneiras, incluindo os sistemas simbólicos que perpetuam estereótipos prejudiciais e limitantes. Quando as pessoas são posicionadas como subalternas, sua capacidade de afirmação como sujeitos capazes de expressar suas experiências é frequentemente negada ou desvalorizada.

Talvez Carole, em plena adolescência, e vivenciando as mais diversas formas de opressão que garotas pobres e negras de sua idade sofrem, não tenha encontrado outra opção a não ser se calar. Ou, talvez, pela ingenuidade ressaltada pela idade, sua voz é ignorada pelos padrões sociais.

Desde a época da escravidão, as mulheres negras foram submetidas a agressões físicas, abuso sexual e exploração. Esses atos de violência foram, muitas vezes, justificados pela visão de que elas eram objeto de propriedade alheia, desumanizadas e sexualmente disponíveis para seus opressores. Tal paradigma ainda se repete hoje, camuflado e silenciado, pois as mulheres negras ainda enfrentam altos índices de violência doméstica e exploração sexual⁹. A opressão enfrentada por elas muitas vezes é perpetuada por estereótipos racistas e sexistas que as retratam como hipersexualizadas, promíscuas ou como ameaças à moralidade e à estrutura familiar.

A sociedade, muitas vezes, minimiza ou ignora as violências que afetam as mulheres negras, dificultando o acesso à justiça, a apoio e à reparação. Isso resulta em uma falta de responsabilização, por parte dos agressores, e na perpetuação do ciclo de violência.

A obra da socióloga Patricia Hill Collins, “Pensamento Feminista Negro (2019)”, a autora aborda essas questões em profundidade e destaca a necessidade de um olhar interseccional para entender a experiência das mulheres negras e para desafiar as estruturas de poder que perpetuam sua opressão.

Existem diferentes respostas para questionamentos relacionados à violência contra mulheres. Uma delas diz respeito a uma política que, em certos sentidos, naturaliza essa situação, silenciando vozes, ao invés de desconstruir e revelar a violência. Em suma, uma narrativa como a bernardiana favorece o questionamento desses comportamentos discriminatórios naturalizados contra as mulheres negras, ajudando a combater essas narrativas nocivas diante da sociedade.

Carole, assim como muitas mulheres vítimas de violência, manteve em silêncio as

⁹ O Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2022 mostra o alto grau de vulnerabilidade à violência doméstica e ao feminicídio de mulheres negras no Brasil. Os percentuais são maiores tanto em situações de feminicídio quanto em mortes violentas intencionais. Entre as vítimas de feminicídio, 37,5 % são brancas e 62% são negras e, nas mortes violentas, 70,7% são negras e 28,6% são brancas. Disponível em <https://www.cnj.jus.br/violencias-racismo-e-sexismo-aprofundam-abismo-social-de-negras-brasileiras/>
Acesso jul/2023

marcas do sofrimento e do medo, refletindo uma narrativa ampla de opressão vivida por milhares de mulheres negras ao longo de suas vidas. Audre Lorde destaca a importância da expressão individual como um ato de revelação, mesmo que carregado de medo, ressaltando que falar é se conectar, transformando o silêncio em linguagem e em ação (COLLINS, 2019, p. 190).

Ainda que Carole represente a transformação do silêncio em linguagem, em expressão e em ação, ao vivenciar e ao sofrer o trauma do estupro, após anos convivendo com essas lembranças, sua atitude enquanto uma jovem adulta reverte o repertório e aparece como um símbolo de resiliência e coragem. Enfrentou julgamentos em sua adolescência, sem poder, contudo, revelar a sua história, já que se encontrava numa situação de vulnerabilidade.

ela corre e corre e corre porque escorregar é começar a descer a ladeira escorregadia e ceder ao fracasso, à inércia, ao sentimento de pena de si mesma que está ligado àquele momento de sua vida que ainda se insinua sorrateiro na lembrança quando ela menos espera

ela era uma criança naquela época, como aqueles animais puderam fazer aquilo com ela? como podia ter se culpada quando era tão inocente?

(EVARISTO, 2020, p. 156)

Para as comunidades de mulheres negras, a expressão individual da voz é especialmente significativa. Ao falar e ao ser ouvida, as mulheres negras encontram poder e autoafirmação. Daí a importância de se empoderar mulheres negras, permitindo que se expressem livremente. Os estudos de Patricia Hill Collins (2020) apontam que, resistir às imagens de controle impostas sobre elas, é encontrar uma rica e diversificada história e cultura. É fundamental que essas mulheres sejam autoras de suas próprias narrativas e representações. Suas vozes carregam uma carga coletiva, uma história de luta e de resistência. Com suas vozes, contribuem para a construção de uma comunidade mais forte e unida, na qual as experiências e as perspectivas de todas são valorizadas e respeitadas.

Durante muito tempo, Carole ficou isolada, chegava tarde da escola e não encontrava sentido nos estudos. Até que um dia, como se acordasse de uma espécie de sonho ruim, começou a observar os corredores da escola, suas amigas, e os comportamentos de cada uma, observando a sua própria realidade como se estivesse assistindo um documentário em que visse “uma escola ruim de Londres, as saias levantadas, gravatas frouxas e todas as normas escolares relacionadas a cabelo, maquiagem e acessórios violadas” (EVARISTO, 2020, p. 144).

Certamente, em determinado momento, Carole experimentou um sentimento de alienação em relação ao ambiente escolar, questionando se deveria passar o restante de sua vida aderindo ao mesmo padrão de suas colegas. Ela começou a questionar qual era o propósito de frequentar a escola e a sentir a falta de significado em pertencer àquele ambiente. Esse despertar de consciência não apenas a fez questionar, mas também a motivou profundamente. Ao perceber que não estava obrigada a seguir o comportamento negligente de seus colegas, Carole tomou a decisão de se libertar, assegurando assim o direito de viver a própria vida.

eu não, eu não, eu não, disse a si mesma, vou voar para longe e além
me salvar das torres de apartamentos com elevadores
fedendo a mijó
me salvar dos trabalhos horríveis e mal pagos e da fila
interminável do seguro-desemprego
me salvar de criar meus filhos sozinha
me salvar de nunca ser capaz de ter a minha própria
casa, como a mãe
ou de levar meus filhos apenas na igreja,
como a Mãe
e nunca numa viagem de férias ou no zoológico ou no cinema ou
no parque de diversões ou em qualquer outro lugar (EVARISTO, 2020, p. 145)

Essa linguagem poética ajuda a identificar, por meio das palavras que expressam a angústia de Carole, o peso das circunstâncias em sua vida, ao mesmo tempo em que encontra determinação em mudar de vida.

Ao ansiar por escapar de uma situação de pobreza, buscando se salvar de uma vida limitada e desafiadora, Carole não deseja repetir o ciclo de vida de sua mãe que, provavelmente, enfrentou dificuldades semelhantes. Como destaca Collins (2019), a relação mãe/filha é especialmente fundamental entre as mulheres negras. Embora esta seja uma relação essencial, independentemente da etnia ou raça, para as mulheres negras ela é particularmente significativa pois, por meio dessa relação, é possível que as mulheres possam transmitir para as gerações mais jovens experiências e conhecimentos capazes de auxiliá-las a lidar com as heranças da escravidão, com a discriminação racial, a segregação e com as desigualdades de oportunidades históricas que recaem sobre elas. A cada geração, as mães negras criam e orientam suas filhas diante das experiências que moldaram suas dinâmicas familiares.

Ao expressar seu desejo de voar para longe e além, a personagem busca uma libertação, tanto material quanto simbólica. Carole aspira romper com as limitações que impõem sua classe social de origem e seu gênero, criando uma nova realidade para si mesma. Suas palavras revelam determinação e vontade de superar os desafios e lutar por uma vida melhor.

ela decidiu provar que os professores que tinham desistido dela estavam errados, os professores que em geral

andavam pelos corredores de estilo penitenciário num torpor, olhos vítreos, isolados da barulheira de dois mil adolescentes falando ao mesmo tempo

em especial a sra. Shirley Kinge, líder da Casa Verdea, à qual Carole pertencia, que disse que ela tinha muito potencial depois que as provas do sétimo e do oitavo ano mostraram que ela era uma das crianças mais brilhantes que nós já tivemos, Carole

que passou a ignorá-la quando ela começou a faltar

(EVARISTO, 2020, p. 145)

Nessa jornada de despertar e de transformação, Carole não se conforma com o ambiente negativo ao seu redor. Em sentido amplo, encontra motivação interna e valoriza sua própria educação, destacando-se como uma exceção naquele contexto econômico e culturalmente tão desfavorável para mulheres jovens.

O exemplo da personagem, uma jovem negra, que visita a faculdade pela primeira vez, ilustra como a diferença pode ser sentida por aqueles que não se enquadram nas classes dominantes da sociedade inglesa. Sua percepção de diferença não é apenas baseada em sua cor de pele, mas também em sua situação socioeconômica, que pode afetar suas chances de sucesso no ambiente acadêmico.

naquela primeira semana ela contou nos dedos de uma das mãos o número de pessoas de pele escura na faculdade, e nenhuma tinha a pele tão escura quanto a dela[...]

a maioria dos alunos não era assim, mas os realmente chiques eram os mais barulhentos e os mais confiantes e eram as únicas vozes que ela ouvia

eles a fizeram se sentir esmagada, inútil e ninguém sem dizer uma palavra para ela, mesmo sem notá-la

ninguém falava em voz alta que tinha crescido num apartamento popular alugado num arranha-céu com uma mãe solteira que trabalhava como faxineira

ninguém falava em voz alta que nunca tinha saído de férias, tipo nunca

ninguém falava em voz alta que nunca tinha entrado num avião nem tinha visto uma peça ou o mar, ou comido num restaurante, com garçons

ninguém falava em voz alta que se sentia muito feio burro gordopobre ou só deslocado, aflito, inadequado

ninguém falava em voz alta que tinha sofrido um estupro coletivo com treze anos e meio (EVARISTO, 2020, p.147-148)

Ao olhar inocente, a passagem pode refletir inúmeras formulações questionáveis. Uma delas está relacionada à personagem Carole sentir a opressão de ser vista como diferente na faculdade que visita pela primeira vez. O falar em voz alta, suscita diversas reflexões, dentre as quais poder conversar abertamente, sem medo ou hesitação, manifestar suas opiniões ou, simplesmente, mostrar o que, até então, estava apagado na história. Ela também se sentia deslocada por ser pobre, por não ter as mesmas oportunidades socioeconômicas e culturais que muitos de seus colegas de classe.

Ao retornar para casa, Carole reclama para a sua mãe que não pertencia àquele lugar, à universidade. Sua mãe a instruiu a não ser submissa, a enfrentar os desafios e a não desistir. Como afirma Collins (2019, p. 187), “inúmeras mães negras empoderam as filhas transmitindo-lhes o conhecimento cotidiano essencial para sua sobrevivência como mulheres”. Tanto a mãe quanto o pai de Carole se mudaram para Londres para dar uma vida melhor para a filha, e a mãe pede para a filha lhe escutar.

primeiro – você acha que a Oprah Winfrey (VIP) ia ter virado a Rainha da Televisão do mundo inteiro se não tivesse superado os reveses da infância dela?

segundo – você acha que a Diane Abbott (VIP) ia ter virado a primeira parlamentar negra britânica se não acreditasse que era direito dela entrar para a política e representar a comunidade?

terceiro – você acha que a Valerie Amos (VIP) ia ter virado uma diplomata e política negra neste país se tivesse rompido em lágrimas ao entrar na Câmara dos Lordes e ver que era cheia de cavalheiros brancos e idosos?

por último, o papai e eu viemos para este país atrás de uma vida melhor só para ver nossa filha desistindo das oportunidades e acabar distribuindo toalhinhas em troca de gorjetas em banheiros de casas noturnas ou salas de concerto, como é o destino de muitas de nossas compatriotas? (EVARISTO, p. 149-150, 2020)

As palavras da mãe de Carole são um lembrete encorajador sobre enfrentar desafios e acreditar em si mesma. Ao citar exemplos de mulheres negras bem-sucedidas que superaram obstáculos e alcançaram grandes realizações em suas áreas de atuação, como Oprah Winfrey, Diane Abbott e Valerie Amos, Bummi representa e ilustra como a determinação, a confiança e a persistência podem levar ao sucesso, além da importância de uma imagem positiva (representatividade das mulheres negras), mesmo em face à adversidade.

A primeira referência de superação, para a mãe de Carole, é Oprah Winfrey, um exemplo notável de superação em sua infância difícil, marcada pelo abuso e pela pobreza, para se tornar uma das personalidades mais influentes da televisão. Como Oprah mesma

afirma, sua história inspira muitas pessoas ao redor do mundo e demonstra que é possível superar os revezes e alcançar o sucesso.

A segunda referência, Diane Abbott, se tornou a primeira parlamentar negra britânica. Sua resistência e determinação ao entrar para a política representando sua comunidade, revela sua força perante os revezes de uma sociedade racista. As lutas por direitos abriram portas e romperam barreiras históricas produzidas por valores patriarcais.

Já a terceira referência, Valerie Amos, é uma diplomata e política negra, que alcançou posições de destaque. Sua experiência ao ingressar na Câmara dos Lordes, destaca os desafios que muitas pessoas negras enfrentam em instituições tradicionalmente dominadas por homens brancos. No entanto, ela não se deixou abater e seguiu em frente, abrindo caminho para outras pessoas negras em cargos de influência e poder.

Carole se torna uma representação de todas aquelas mulheres citadas pela mãe, naquele momento em que pensou em desistir. A narrativa a tira da margem e coloca no centro para demonstrar que, apesar dos obstáculos e da opressão que mulheres negras enfrentam, é possível alcançar posições de destaque apesar dos desafios, e da constante necessidade de comprovar sua capacidade, uma mulher branca nas mesmas condições, não teria que provar.

A personagem Carole, simboliza um corpo, uma raça, uma história, a ficção transcendendo as páginas do livro, num processo de identificação denominado essencialismo, que trata mulheres negras como se sua raça fosse o único aspecto relevante, negligenciado por completo sua individualidade, complexidade e subjetividade (COLLINS, 2019).

Foi nesse sentido que o “racismo” foi concebido, como o ato de negar às pessoas negras o direito de serem vistas como seres humanos pertencentes ao social, como pessoas competentes e inteligentes, com suas próprias histórias, experiências, desejos e pensamentos. Tais ramificações estão presentes em diversos espaços, nos quais, as mulheres são reduzidas a estereótipos e generalizações baseadas em sua raça, classe e gênero.

A universalização do caráter de Carole a retrata como uma mulher forte, uma "amazona", nas palavras de Evaristo. Sua determinação a impede de ser subjugada pela discriminação e pelas dificuldades, desafiando muitas narrativas construídas sob uma perspectiva masculina branca. No entanto, ocupar uma posição marginalizada e, ao mesmo

tempo, estar no centro do poder, faz com que ela se depare com diversas barreiras para manter esse status. Frequentemente, Carole precisa disfarçar o assédio dos colegas de trabalho, ignorar olhares que a subestimam diante dos clientes e a recusar elogios pelos seus talentos articulados.

Essa resistência constante, porém, levanta uma reflexão sobre o peso que recai sobre Carole ao ser perpetuamente forte e resiliente. Ao ler sobre suas experiências, percebe-se que ela estava à beira de um colapso, acumulando as pressões e os desafios, sempre obrigada a ser resiliente, esforçada e a manter uma fachada de determinação. Surge então a pergunta: quando Carole pode ser vulnerável? Quando ela tem permissão para ser frágil? A sensação é de que ela absorveu e suportou tantas adversidades, mas quem a ampara? Quem a acolhe? Essa indagação destaca uma discussão vital que mulheres negras têm promovido: o lugar da heroína é, indiscutivelmente, exigente, e todas elas merecem ser cuidadas. Quem, então, cuida de Carole? Ela encontra o acolhimento de que necessita?

no entanto ela não consegue deixar de lembrar de todas as pequenas mágoas, dos parceiros de negócios que a elogiam por ser tão articulada, incapazes de disfarçar a surpresa na voz, então ela tem que fingir que não está ofendida e sorrir de um jeito gracioso, como se o elogio fosse só aquilo.

não consegue deixar de pensar nos funcionários da alfândega que a puxam de lado quando viaja pelo mundo tão bem-vestida e equipada quanto qualquer outra pessoa da área de negócios navegando pelas alfândegas – *peessoas que não são incomodadas*

(EVARISTO, 2020, p. 134)

Numa passagem do texto, ao precisar passar pela alfândega, Carole sentiu na pele, mesmo sendo uma mulher de negócios e bem vestida, a hierarquia imposta à cor da pele negra. Ela foi puxada para o lado e submetida a uma revista no aeroporto, algo que raramente acontece com mulheres e homens brancos. Kilomba nos explica como a pele negra se torna um símbolo que remete ao passado colonial escravista, que desumanizou negros e negras, e que continua a produzir traumas:

Trata-se, na verdade, de um “esquema racial” inscrito na pele e que nos guia através do espaço. Memórias, lendas, piadas, comentários, histórias, mitos, experiências, insultos, tudo isso inscritos simbolicamente na superfície das nossas peles, nos dizendo onde sentar e onde não, aonde ir e aonde não, com quem falar e com quem não falar. Nos movemos no espaço, em alerta, através do esquema epidérmico racial. (KILOMBA, 2019, p.175)

Naturalmente, há esse esquema racial que opera como um mecanismo de controle e de poder, ditando onde podemos nos assentar, a quem podemos nos dirigir e com quem não podemos, conforme aponta Kilomba. De formas distintas, negligenciamos a

experiência das pessoas racializadas, que permanecem constantemente alerta e conscientes das implicações e das restrições impostas pela estruturação racial em sua vida cotidiana.

mas houve aquela vez, no começo de sua carreira, num país conhecido por seu histórico terrível em matéria de direitos humanos, mesmo que ela tivesse dito a eles que estava ali para se encontrar com a equipe do banco nacional e apresentado a documentação para provar, para a qual eles se recusaram o olhar

até o corpo dela foi

invadido

como se ela fosse uma mula pobre com meio quilo de pó branco enfiado na xoxota ou esperando para ser evacuado das entranhas dela nos saquinhos de plástico que ela *obviamente* devia ter engolido no café da manhã

a invasão de mãos estranhas numa sala sem janelas, tipo masmorra, isolada do fluxo do aeroporto, enquanto outro oficial da imigração imundo de uniforme azul com manchas de suor

ficou olhando

(EVARISTO, 2020, p. 135)

A narrativa de Carole, com uma linguagem na qual seu corpo “invadido”, cria uma metáfora da invasão, também utilizada por Kilomba, ao relatar uma experiência angustiante e desumanizadora no início de sua carreira. Diante desses relatos, a imagem demonstra como a perda de autonomia e de controle do seu próprio corpo, a torna vulnerável diante das autoridades, mesmo sem infringir qualquer norma. Sua condição de mulher negra, a que vem da “margem”, invadindo o “centro”, faz com que seja sempre uma figura deslocada e que gera incômodo e desconfiança, sendo, por isso, submetida a situações degradantes.

A mãe de Carole, Bummi, ao ressaltar que ela e seu pai deixaram seu país de origem em busca de uma vida melhor para sua filha, e que não queriam vê-la desistindo das oportunidades, seguindo um caminho limitado, traz para a filha uma mensagem clara: acredite em si mesma, enfrente os desafios e aproveite as oportunidades para alcançar seus objetivos, independentemente das adversidades com que irá se deparar.

A relação entre Carole e sua mãe é complexa e marcada por um paradoxo de emoções relacionadas ao sucesso de Carole. A ascensão profissional e a conquista de novos conhecimentos por parte de Carole, não apenas a coloca em um status superior ao de sua mãe, mas também criam um abismo cultural entre elas. A transformação de Carole em uma pessoa bem-sucedida implica não apenas em mudanças materiais, mas também em uma evolução de gostos, hábitos e valores culturais que agora são considerados legítimos.

Essa distância emocional se acentua à medida que Carole adentra um mundo que Bummi não compreende completamente. Parece que Carole, por sua vez, começa a sentir uma espécie de vergonha em relação à cultura, às crenças e aos gostos de sua mãe. Esse distanciamento não é apenas físico, mas também simbólico, sugerindo uma desconexão nos níveis mais profundos da identidade e experiência de vida dela.

então um dia no café da manhã (uma xícara de café sem açúcar para Carole) enquanto Bummi comia com as mãos o mingau de inhame que a filha amava antes de ir para a universidade e antes de começar a dizer que ele parecia cimento morno (EVARISTO, 2020, p. 171)

Apesar disso, o sucesso de Carole ainda é motivo de orgulho para Bummi. A conquista profissional da filha é vista como uma validação dos anos de esperança, sacrifício e apoio maternal.

quando Bummi viu a filha pegar o diploma na formatura, lágrimas escorreram pelo rosto dela tão profusamente que era com chuva batendo contra os vidros de um carro

sem limpadores de para-brisa (EVARISTO, 2020, p. 169)

A imagem de Bummi chorando profusamente sugere uma liberação emocional intensa, como se todas as dificuldades enfrentadas ao longo dos anos fossem finalmente recompensadas. Essas lágrimas podem representar não apenas a felicidade pelo sucesso de Carole, mas também uma expressão de alívio e gratidão pela jornada compartilhada até aquele momento de triunfo.

Assim, a narrativa revela uma dinâmica complexa entre orgulho e distanciamento, amor e desconexão, destacando a dualidade das emoções que permeiam a relação entre mãe e filha diante das transformações trazidas pelo sucesso de Carole. Essa descrição poética, a conexão profunda e emocional entre mãe e filha, destaca a importância desses laços familiares na vida de ambas, sendo uma forma poderosa de retratar a emoção e a significância do momento de formatura de Carole para sua mãe. A situação descrita na obra retrata um momento de transformação na vida de Carole e a dinâmica da relação entre filha e mãe. A experiência de Carole na universidade a transformou e, ao retornar para casa com um diploma, ela desperta emoções intensas em sua mãe, que derrama lágrimas de orgulho e deseja que seu marido, Augustine (pai de Carole), estivesse presente para comemorar.

No entanto, mesmo nesse momento de conquista acadêmica, Bummi expressa novamente sua preocupação em relação ao futuro de Carole. Ela reitera a necessidade de conseguir um bom emprego, um marido nigeriano respeitável e de ser mãe. Isso reflete

uma expectativa cultural e familiar enraizada, que coloca ênfase na importância de seguir uma trajetória convencional de sucesso familiar, conforme definido pelos padrões estabelecidos pela sociedade e a relação do casamento entre integrantes da mesma raça. Talvez, aqui, Bummi tente impor para a filha o que seu avô queria para ela, um casamento determinado pela tradição familiar e a maternidade. Portanto, Carole foge do padrão e a escolha será realizada no momento que ela quiser.

antes de pegar o trem de volta para Londres, Bummi alertou

Carole pela milésima vez que agora ela precisava conseguir um bom emprego e depois um marido nigeriano respeitável, a fim de

dar netos a ela

Carole não tinha apresentado nenhum namorado para a mãe até aquele momento, o que significava que namorados tinham pouca importância para a filha. (EVARISTO, 2020, p. 170)

Carole, infelizmente, percebe que não compartilha das mesmas prioridades da mãe, o que se revela num conflito familiar significativo, que aborda as expectativas tradicionais em relação ao casamento e à maternidade, em oposição às prioridades e objetivos individuais. As expectativas da mãe refletem não apenas as pressões culturais, mas também as expectativas familiares. O fato de a personagem esperar que a filha lhe dê netos, traz para a narrativa o desejo de dar continuidade a linhagem familiar. Porém, estando no auge da carreira, para Carole, filhos iriam prejudicar, naquele momento, sua vida profissional. Esse conflito entre a realização profissional e as expectativas familiares tradicionais é um tema recorrente em muitas narrativas de mulheres contemporâneas.

O fato de não ter apresentado nenhum namorado à mãe, indica que o aspecto romântico de sua vida não é uma preocupação central para ela no momento. Como uma mulher negra com metas e prioridades em mente, a busca por sua realização pessoal e profissional prevalece no momento. A relação entre Carole e sua mãe evidencia um conflito geracional e cultural, no qual as expectativas da mãe se chocam com os desejos e aspirações individuais da personagem, pois seu trabalho de destaque exige muito esforço e ela, por ser mulher e negra, precisa se esforçar muito para provar que o merece

as únicas manhãs que não corria eram aquelas em que ficava se contorcendo com as cólicas menstruais, tomando analgésicos extrafortes para poder se arrastar até o trabalho e não correr o risco de ser acusada de se fingir de doente todo mês

pega no flagra! sim, você é uma mulher

ela até pensou na possibilidade de extrair o útero para acabar de vez com as regras, o que com certeza seria o maior investimento na carreira, uma histerectomia táctica para mulheres ambiciosas com problemas menstruais (EVARISTO, 2020, p.

157)

Nesse excerto, Carole evidencia como a dor e o desconforto associados à menstruação muitas vezes são minimizados ou ignorados no contexto profissional, o que pode afetar a vida e o desempenho das mulheres. A autora menciona a ideia da personagem em realizar uma histerectomia (remoção do útero) como uma solução extrema para acabar, de uma vez por todas, com os períodos menstruais e evitar as implicações negativas que eles podem ter em sua carreira.

Pode ser útil mencionar que o fato de ser mulher negra é o agravante. Mulheres brancas são mais perdoadas pelas limitações femininas, pois são vistas como frágeis. Já as mulheres negras são vistas como fortes, como se seus corpos aguentassem tudo. Então são mais cobradas, exigidas e exploradas. Por isso, podemos pensar que Carole tinha medo de falhar e de ser punida. O fato de ter filhos seria também uma limitação na carreira. Essa perspectiva ressalta as dificuldades adicionais enfrentadas pelas mulheres no ambiente de trabalho devido à menstruação e à necessidade de considerar alternativas que garantam sua saúde e bem-estar diante de situações fisiologicamente desconfortáveis.

Ao abordar esse tema, Bernardine Evaristo destaca as questões relacionadas à saúde feminina, as pressões sociais e as desigualdades de gênero e raça ao expor a necessidade de uma maior compreensão e empatia em relação às experiências menstruais das mulheres, bem como a importância de se criar ambientes de trabalho mais inclusivos e sensíveis às necessidades femininas.

Ao ter a liberdade de escolher seu próprio caminho e definir seu próprio conceito de sucesso, em vez de se sentir pressionada a seguir um roteiro pré-determinado pela sociedade ou pela família, Carole prioriza o inverso do que se espera de mulheres jovens negras que, desde criança, têm como prioridade o casamento, a maternidade e depois a carreira, não numa posição de sucesso e poder, mas sim de padrões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Garota, Mulher, Outras, romance considerado marco da ficção britânica da escritora inglesa Bernardine Evaristo, é uma obra que surpreende pela representação da diversidade de identidades existentes na sociedade, incluindo as identidades não-binárias que, frequentemente, são ignoradas ou invisibilizadas nas teias da trama literária. Ao trazer uma narrativa de mulheres negras, a autoridade discursiva da autora afronta os estereótipos e as compreensões em relação às identidades de gênero e raça em uma Grã-Bretanha não muito hospitaleira diante dessas questões.

A conquista do Prêmio Booker Prizer pela autora, em 2019, evidencia a importância e a relevância dessa obra na literatura contemporânea, destacando a necessidade de visibilidade para as vozes sub-representadas, quebrando-se barreiras literárias que, por muito tempo, relegaram certas identidades às diferenças.

Ao longo da trama, a autora também nos convida a questionar as relações entre o Reino Unido e suas ex-colônias, bem como os legados do colonialismo e a forma como moldam as vidas das personagens. Isso abre espaço para uma reflexão profunda sobre as complexas interconexões entre raça, identidade, pertencimento e sobre a luta contínua por igualdade e reconhecimento de autoras/personagens negras nesse império.

A literatura bernardiana, em consonância com o pensamento feminista negro, revela quais são os instrumentos de controle e de desumanização das mulheres negras, propostos por Collins (2016). De fato, autoras negras percorrem um caminho mais longo na busca pela consolidação na carreira, assim como ocorre com as pesquisadoras na academia. A própria percepção dessas autoras conduz a um diálogo mais aprofundado da literatura britânica com a literatura latino-americana, diálogo necessário nos espaços acadêmicos e na literatura mundo afora.

A escrita de militância de Bernardine Evaristo leva a refletir e a estabelecer, de fato, diálogos contemporâneos com os estudos culturais, para os quais, os conflitos verificados no pós-colonial se encontram no cerne dos interesses. A voz da personagem Carole propõe a análise de como o processo de produção da diferença está entrelaçado com a noção de identidade, algo que Stuart Hall definiu de maneira esclarecedora.

Esse renomado teórico dos estudos culturais enfatiza que a identidade não é fixa ou estática, mas sim um processo em constante evolução, formada por meio do discurso, da

cultura e do contexto social. Resumidamente, está relacionada a uma construção dinâmica que está sujeita a influências e mudanças ao longo dos anos.

A narrativa da história familiar de Carole ultrapassa gerações e engloba um realismo que remete à própria história da parte da humanidade que foi colonizada, e aos conflitos geracionais que resultaram desse processo. Diante desse enredo, a pesquisa encontra conceitos-chaves nos quais foi possível localizar intersecções entre a obra e as discussões teóricas sobre identidade, gênero e raça.

O pensamento feminista negro e as imagens de controle em relação ao corpo da mulher negra, as máscaras descritas por Fanon, se entrelaçam de forma evidente. A obra é produzida por uma mulher negra, na qual compartilha suas experiências, carregada de discurso de militância, e deixa registrada no mapa social as histórias de mulheres de sucesso que não foram escritas pela literatura *mainstream*. A narrativa é um ato de autodefinição e aceitação.

Ao utilizar o conceito de *outsider within* (estrangeira interna), descrito por Collins, a personagem Carole se torna um exemplo de mulher racializada diante do universo do trabalho. Essa condição advém de um processo histórico que coloca essas mulheres como "outras", subalternizadas pelas normas sociais impostas, mesmo que ocupem posições de destaque. O entrelaço entre raça e gênero limitam seus passos numa sociedade moldada por padrões hierárquicos, nos quais o lugar da mulher e o seu corpo são alvos de negociações constantes.

A autoridade discursiva de Bernardine e a análise de Carole contribuem para a discussão contemporânea sobre como as identidades são moldadas e redefinidas em um mundo complexo e interconectado. As vozes das mulheres negras que ecoam no romance revelam como as questões de gêneros são visíveis diante de um sistema patriarcal branco, e como suas vozes, na narrativa, se tornam símbolo da identidade negra, trazendo ao imaginário as imagens de controle desumanizantes. São elas mesmas que contam as suas histórias a partir de uma perspectiva realista que, como a própria Bernardine Evaristo descreveu, nunca havia sido contada nem registrada no mapa a história de mulheres no centro da narrativa.

Ao percorrer a história de Carole, a pesquisa revela a luta constante contra os estereótipos de gênero que tentam limitar sua identidade e oportunidades. Ela desafia a hipersexualização e o silenciamento que frequentemente recaem sobre mulheres negras,

ressaltando a importância de romper essas correntes que as restringem. Essa batalha de Carole rememora que o enfrentamento dos estereótipos de gênero, raça e classe é uma parte fundamental na busca por igualdade e justiça.

Além disso, a narrativa de Carole se relaciona com o conceito do "esquema epidérmico" descrito por Kilomba, que delinea os lugares preconcebidos os quais se espera que as mulheres negras ocupem, com base na cor de sua pele. Ao questionar e rejeitar essas imposições, Carole se recusa a ser confinada a qualquer papel predefinido, destacando a importância da construção da identidade que vai além das limitações raciais.

A influência da escrita militante de Bernardine sobre o capítulo de Carole ressalta a interconexão entre identidade, diferença, discurso, cultura e conflitos sociais, especialmente no contexto pós-colonial. Carole emerge como uma voz desafiadora que se recusa a ser silenciada, reafirmando a necessidade contínua de reimaginar e de redefinir as suas próprias narrativas. Ao mesmo tempo, abre o caminho para reflexão sobre a problemática de se ocupar um lugar no centro, tendo saído da margem. A luta e a resistência da personagem ao ter que provar constantemente que é digna do cargo que ocupa, que tem capacidade de exercer tal função, expõe um sistema que limita mulheres negras de ocuparem posições de poder devido ao racismo.

A obra pode, portanto, estar destacando a urgência de desafiar e desconstruir esses estereótipos que colocam as mulheres negras em posições vulneráveis, abordando não apenas a violência sexual em si, mas também suas raízes profundas na construção social de imagens desumanizadoras. Por meio desta análise comparativa, é possível enriquecer nossa compreensão da construção da identidade, examinando como as imagens de controle e os estereótipos criam obstáculos para a subjetivação e a autonomia das mulheres negras, tanto na literatura quanto na sociedade em geral.

A abordagem adotada, fundamentada em teorias feministas e em estudos culturais, destaca a importância crucial da necessidade de que essas vozes subalternizadas sejam amplificadas, colocando em evidência experiências que muitas vezes são negligenciadas ou suprimidas. Explorar a representatividade e a identidade literária sob uma perspectiva contemporânea contribui para um diálogo mais amplo sobre a necessidade de perspectivas diversas e, ao mesmo tempo, para o combate ao apagamento das vozes subalternizadas na narrativa. Isso não apenas enriquece a literatura, mas também promove uma sociedade mais inclusiva e justa.

O pensamento feminista negro enriquece e faz com que mais mulheres negras se sintam pertencentes a essa sociedade. As vozes negras que percorrem a Grã-Bretanha para revelar que as diferenças que existem lá, também são visíveis aqui no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Bauru: Astral Cultural, 2018.

ARAÚJO, Rosanne B.; LOPES, L. J. de Mello. **Descentralização e renovação_ Garota, Mulher, Outras de Bernardine Evarisot à luz da Teoria Bakhtiniana do Romance**. Macabéa, Rio Grande do Norte. V.10, n 7 (2021). Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/356351362> > Acesso em dez.2022.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 441 p.

BOEHM, Camila. **Número de mortes violentas de pessoas LGBTI+ subiu 33,3% em um ano**. Agência Brasil. São Paulo, mai./2022. Disponível em:<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>> Acesso dez/2022.

BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero**. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: Macedo, Ana Gabriela; RAYENER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia/ Judith Butther; tradução Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. 1º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica pós-colonialistas**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins- Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica**

do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1

Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>> Acesso e
abril/2023.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos 150-1880.**

Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CASTRO, Susana de; Fernandez, Raffaella. “Carolina Maria de Jesus, escritora decolonial e diaspórica”. In: FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de; SOUZA, Lívia Santos de (orgs.).

Feminismo e resistência: ressonâncias na literatura latinoamericana e caribenha. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em:

<https://www.pimentacultural.com/livro/feminismo-resistencia> Acesso em: 12 de março de 2023.

COSTA, Joaze Bernardino. **Saberes Subalternos E Decolonialidade: Os Sindicatos Das Trabalhadoras Domésticas Do Brasil.** Editora EDU- UNB- 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em:

<<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2123/1687>>. Acesso em: 05 de set. 2023.

DANIEL, Camila. “Autoetnografia e “decolonialidade feminista negra”: escrita de si e a produção de intelectuais negras no Brasil”. In: FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de;

SOUZA, Lívia Santos de (orgs.). Feminismo e resistência: ressonâncias na literatura latinoamericana e caribenha. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em:

<https://www.pimentacultural.com/livro/feminismo-resistencia> Acesso em: 05 de março de 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe. Mulheres.** [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. -São Paulo : Boitempo, 2016.

EVARISTO, Bernardine. **Girl, Woman, Other.** Londres: Penguin Random House UK, 2019.

E-book.

EVARISTO, Bernardine. **Garota, Mulher, Outras.** Tradução de Camila von Holdefer. São

Paulo: Companhia das Letras, 2020.

EVARISTO, Bernardine; SETHI, Anita. **Interview, Bernardine Evaristo**: “I want top put presence into absence”. [Entrevista] The Guardian, Londres, 27 abr. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2019/apr/27/bernardine-evaristo-girl-woman-other-interview>. Acesso em: 10 jan.2023.

EVARISTO, Bernardine. **Manifesto**: Sobre nunca desistir. Tradução Camila Von Holdefer. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FANON, Frantz [1925-1961]. **Pele negra, máscaras brancas**. Título original: *Peau noire, masques blancs*; traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração Raquel Camargo; prefácio Grada Kilomba; São Paulo: Ubu Editora, 2020/330 pp.

FERNANDES, Daniel. Participação de autores negro na literatura tem avançado no Brasil. CNN, Brasil Business, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/participacao-de-autores-negros-na-literatura-tem-avancado-no-brasil>> Acesso em: dez/2021.

FLIP 2020. Mesa 1- Diáspora. Youtube, 05 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yv8QtadqM5k>> Acesso em: 04 de abril de 2023.

FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. Tudo “camuflado” ou tudo “subentendido”: heteronormatividade, afetos e silenciamentos no relacionamento de um casal lésbico do sul da Bahia. Revista Ártemis, vol. XXXIV nº 1; jul-dez, 2022. pp. 257-275. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/65176/36646> Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

GONZALEZ, Lélia. "**Racismo e sexismo na cultura brasileira**". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardie Resende...[et al.] – 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____ Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva

e Guacira

Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019

Hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. **Teoria Feminista: Da margem ao centro**. Tradução Rainer Patriota. – São Paulo: Perspectiva, 2019.

IBGE. Informativo PNAD Contínua – Características gerais dos domicílios e dos moradores 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102004_informativo.pdf > Acesso em dez/2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEFEBVE, M. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Coimbra: Almedina, 1980.

McClintock, Anne, **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Tradução Plínio Dentzien – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MORRISON, Toni. **Amada**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Rio de Janeiro: Presença; INL, 1988.

SAIBA o que significa a sigla LGBTQIA+. CNN BRASIL, 2023. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/saiba-o-que-significa-a-sigla-lgbtqia-e-a-importancia-do-termo-na-inclusao-social/>> Acesso out/2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. “Proximidade e distância do centro: gênero, raça e classe no pioneirismo das vozes femininas de Maria Firmina dos Reis e Juan Paula Manso”. In: FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de; SOUZA, Livia Santos de (orgs.). **Feminismo e resistência: ressonâncias na literatura latinoamericana e caribenha**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/feminismo-resistencia> Acesso em: 12 de março de 2023.

The Journal of African American history. Disponível em:
<https://www.journals.uchicago.edu/toc/jaah/curren>. Acesso em jan./2023.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.